

# Demian

Wanju Duli

2016

Imagem de Capa: © Sueburtonphotography | Dreamstime.com

Design de Capa: Luigi Ligocky

# Sumário

Capítulo 1:	7
Capítulo 2:	55
Capítulo 3:	96



*"Ao lado do culto de Deus devíamos celebrar o culto do Demônio. Isto seria o certo. Ou mesmo criar um deus que integrasse em si também o demônio e diante do qual não tivéssemos que cerrar os olhos para não ver as coisas mais naturais do mundo".*

*Demian, por Hermann Hesse*



## Capítulo 1

– Aí está o famoso Gnóstico!

Eu me virei. Quem falava comigo era um sujeito de óculos grandes e boné. Também me chamou a atenção a tatuagem no braço.

– É um apelido infeliz – comentei – já que, tecnicamente, não apoio o gnosticismo. Como deve adivinhar, sou católico.

– Eu não adivinho nada. De vez em quando aparecem até uns ateus por essas bandas. Acho estimulante. Por acaso você é seminarista?

Demian respirou fundo.

– No primeiro dia de aula os professores mandaram todos se apresentarem: dissemos nosso nome, o nome da igreja que frequentávamos e se éramos seminaristas ou leigos. Confesso que acho o termo “leigo” particularmente infeliz.

– Quanta infelicidade na sua vida! – o sujeito riu – posso saber por que o termo o incomoda?

– Porque há “leigos” que conhecem muito mais profundamente teologia que muitos clérigos. Sem falar na existência das Ordens terceiras.

– Ouvi falar da sua fama. Honestamente, não me importa se você é leigo ou não. Só perguntei por curiosidade. Queria conversar. Poderia me acompanhar, ou tem outros planos?

– No momento estou livre.

Resolvi acompanhá-lo sem criar caso, para saber o que queria de mim. Notei que vários outros estudantes nos seguiram. Nos sentamos em cadeiras ao redor de uma mesa do lado de fora e vários outros se sentaram juntos. Eu não conhecia nenhum deles.

– O que é isso? – perguntei – teremos platéia para a conversa?

– Que desconfiado! Prefere que falemos só os dois?

Fiz uma expressão indiferente.

– Por que foi me procurar na saída da aula? – perguntei.

– Perdão, ainda não me apresentei. Como sou rude. Meu nome é Emílio e sou do quinto semestre. Não param de falar de você.

## Wanju Duli

- Eu me pergunto porquê.
- Se pergunta mesmo? – Emílio riu – estão dizendo que você não para de fazer perguntas inconvenientes nas aulas. Todos os professores estão comentando, e não de um jeito bom.
- Que eu saiba uma aula é uma troca de conhecimentos – comentei – entre professores e alunos, para que ambos aprendam. Os professores que sobem num pedestal e não admitem que seu monólogo seja interrompido estão com falta da virtude cristã mais fundamental, que é a humildade.
- Se a alguns professores falta humildade, não acho que seja você a determinar. Somente Deus poderá julgar.
- Dessa vez fui eu que ri. Apenas um riso leve.
- Emílio, não é? Veio aqui para me criticar? Mandar que eu cale a boca?
- Não é isso. Desculpe se dei essa impressão. É verdade que eu não sou muito a favor dessa história de ficar desafiando os professores. Mesmo assim, confesso que também fiquei curioso a respeito de seus argumentos.
- Não estou “desafiando” ninguém – defendi-me – eu apenas tenho muitas dúvidas e sinto a necessidade de expô-las.
- Está certo. Vamos deixar esse assunto de lado. Em vez disso, queria saber a respeito de algo que você disse na aula de teologia moral.
- Nem imagino o que tenha sido. Eu faço perguntas em todas as aulas.
- Vocês tiveram que ler a Veritatis Splendor.
- Tenho vários pontos de divergência em relação a essa encíclica.
- Isso é um problema! Você está questionando os ensinamentos da Igreja e a infalibilidade papal?
- A questão da infalibilidade papal foi definida em votação, no Concílio Vaticano I, e venceu por uma margem muito pequena de votos – observei.
- E qual é o seu ponto ao observar isso?
- Voltaire menciona em seu Dicionário Filosófico que consta num suplemento do Concílio de Nicéia que os padres, para definir quais textos da Bíblia eram verdadeiros e quais eram apócrifos, colocaram todos em cima de um altar e os que caíram no chão foram rejeitados.

## Demian

– Uau! – exclamou Emílio – você está seriamente citando Voltaire nessa discussão?

– Qual é a utilidade de os seminaristas estudarem filosofia se não for para citar?

– Se ao menos tivesse mencionado os gregos, ou os romanos! Ao menos Platão ou os estoícos. Voltaire é um simpatizante do confucionismo.

– Acho que nós desviamos do assunto – observei – diga logo o que realmente quer me perguntar.

– Ah, nada específico! Esta conversa me agrada. Só queria conhecer sua maneira de pensar. Estou abismado em saber que você questiona a autoridade da Igreja.

– Você me entendeu de forma errada. Quando converso com não cristãos, eu defendo o cristianismo com unhas e dentes. Mas qual é a graça de concordarmos em tudo? Numa conversa com cristãos, especialmente com católicos, eu gosto de levantar questões ligeiramente polêmicas para que a conversa flua.

– Então é esse seu jogo? – perguntou Emílio, maravilhado – pois aceito jogar. Voltemos à Veritatis Splendor. Eu soube que você defendeu a crença do relativismo moral. Estava mesmo falando sério?

– Veja só o que é o telefone sem fio – comentei, desapontado – não acho que bem e mal sejam relativos, de forma alguma. Quem defende isso são aqueles que possuem algum tipo de birra com o cristianismo, e consequentemente com quase todas as religiões do mundo, além de nunca terem aberto um livro sobre ética na vida. Eu recomendaria a eles a “Ética demonstrada à maneira dos geômetras” de Espinosa.

– Por que os racionalistas? Espinosa afirma nesse livro que nenhum amor, além do amor intelectual, é eterno. Além disso, ele considera a humildade e o arrependimento como coisas negativas, que não provém da razão.

– Não estou defendendo que o livro inteiro seja perfeito, mas possui alguns pontos válidos, como a lembrança de que as pessoas têm a mania de julgar como verdadeiro apenas aquilo que é bom, belo e agradável. Por isso são muitos os que gostam de acreditar em Deus e negar a existência do Diabo, dos pecados e do inferno, pensamento a que C.S.

## Wanju Duli

Lewis chama de “cristianismo água com açúcar”. A própria consciência nos mostra a existência do mal e do Diabo.

– Você acredita que o bem e o mal podem ser plenamente compreendidos pela consciência?

– Não, e esse é exatamente um dos pontos levantados por João Paulo II na referida encíclica – respondi – por isso a consciência deve ser informada e ensinada pela divina lei. Embora Espinosa identifique a mente humana como parte do intelecto infinito de Deus, está claro que na visão da Igreja há mais do que “amor intelectual infinito”. A razão e os sentimentos humanos não são mais soberanos que os mandamentos. Platão também afirma que o intelecto vem da alma imortal, que seria a alma superior e racional, pois no Timeu ele afirma que existem três almas. Mas essa visão se contrapõe a de São João da Cruz, que nos relembra que só se chega a Deus quando o intelecto está obscurecido pela noite escura.

– Excelente – observou Emílio – mas você está ciente de que esta visão é predominantemente carmelita, correto?

– Completamente. Enquanto São João da Cruz identifica o intelecto como pertencente à via dos sentidos e não à via do espírito, eu diria que dominicanos como São Tomás de Aquino colocam a razão num patamar mais elevado. São apenas duas abordagens diferentes em busca do mesmo objetivo. Conforme é dito na célebre biografia de Aquino, escrita por G.K. Chesterton, enquanto um místico, como São Boaventura, estaria certo ao dizer que a relação do Deus e do homem é basicamente uma história de amor, o dominicano racionalista estaria igualmente certo ao dizer que o intelecto se sente em casa com o mais elevado dos céus. Aquino e Boaventura teriam sido encorajados pela possibilidade que eles estavam ambos certos, pelo argumento quase universal de que eles estavam ambos errados.

– Precisamente. E você acredita que existam atos intrinsecamente maus?

Eu não respondi imediatamente.

– Você está se referindo aos ensinamentos do Papa Paulo VI contra a contracepção?

– Já que tocou no assunto, creio que possamos falar disso.

## Demian

– Existem várias questões polêmicas que os não católicos insistem em mencionar, como a ordenação das mulheres, o casamento gay, o aborto, os contraceptivos, dentre muitas outras. O problema é que as pessoas abordam essas questões sob o ponto de vista materialista. Elas não conhecem o significado de uma doutrina inspirada pelo Espírito Santo e ex cathedra. Para elas, a religião é meramente uma metáfora para ensinar moralidade.

– Se você defende a infalibilidade papal, porque disse que havia problemas na encíclica?

– Eu não disse que havia problemas, mas somente que eu tinha pontos de divergência com ela. Obviamente, isso ocorre porque a falha está em mim e não na encíclica.

– Compreendo. Então você não faz esse monte de perguntas aos professores porque está realmente questionando os dogmas, mas porque quer entendê-los.

– Eu provavelmente faço tantas perguntas porque me considero mais burro do que a maioria.

– Não – Emílio sorriu – eu diria que a maioria não tem coragem de perguntar quando não entende. Você é ousado. É claro que os ensinamentos da Igreja são complexos e difíceis de penetrar. A maioria desiste quando encontra algo que não gosta. As pessoas preferem o conforto e a conveniência à Verdade. Quando as pessoas ficam sabendo que não podem fazer sexo com camisinha, chamam a religião de atrasada, julgando-a com os preconceitos de nosso tempo, sem nem perder um segundo para tentar entender a razão disso.

– Mas a razão disso envolve até mesmo metafísica – comentei – quem não acredita em alma ou espírito irá comentar sobre a questão do aborto de um ponto de vista meramente materialista. Se tudo o que existe é o corpo e a matéria, e o objetivo é o utilitarismo de John Stuart Mill, a felicidade para o maior número de pessoas, primeiro devemos entender o que é felicidade. Será que felicidade é apenas prazer e conforto? Pois não há felicidade sem Deus, sem o cumprimento do dever e o exercício da moralidade.

– De fato. Agora conte-me sobre o seu apelido.

– O quê?

– Por que as pessoas te chamam de gnóstico?

## Wanju Duli

– Eu preciso mesmo responder isso?

Emílio deu de ombros.

– Você aprecia estudar o cristianismo primitivo? – ele perguntou.

– Eu já estudei um pouco a respeito de diferentes vertentes do gnosticismo, apesar de não apoiá-lo – expliquei – afinal, como diria São Tomás de Aquino, um homem não é um homem sem seu corpo, assim como um homem não é um homem sem sua alma. Pois um homem sem alma seria um cadáver e um homem sem corpo seria um fantasma. E como diria Bento XVI em um de seus livros sobre os padres da Igreja, citando Paulino, dar aos pobres não significa desprezo pelos bens terrenos, mas uma valorização desses bens para a virtude mais nobre da caridade. Isso significa que o corpo não é o mau, conforme afirmam os gnósticos. Bento XVI também aponta o gnosticismo como elitista, já que só seria possível adquirir esse conhecimento secreto com muito estudo.

– Então de onde veio seu apelido?

– Eu estudo um pouco sobre ocultismo, mais especificamente uma via mais voltada para interpretações esotéricas de religiões abraâmicas.

Dessa vez Emílio gargalhou.

– Você quer dizer, cabala e coisas parecidas? E eu me achava exótico e heterodoxo por me interessar pelo estudo dos anjos da primeira tríade.

– Qual classificação você usa? – perguntei.

– A de Tomás, baseado na metafísica aristotélica. Estou estudando o Summa contra Gentiles. Segundo Santo Agostinho, “anjo” é o nome do ofício deles e não da natureza, pois eles seriam espíritos. Essa informação é encontrada na Bíblia e no Catecismo da Igreja Católica. Você já leu inteiro o catecismo ou só o compêndio?

– Já li inteiro – respondi – e você já leu toda a Summa Theologica?

– Não e nunca conheci pessoalmente ninguém que tenha lido – confessou Emílio – é um projeto de vida que tenho e pretendo ler inteira antes de morrer. Eu tenho a teoria de que quem consegue ler todo esse calhamaço vai direto para o céu.

– “Por essa razão, faça todo o esforço para complementar sua fé com virtude, e a virtude com o conhecimento” 2 Pedro 1:5.

Emílio sorriu.

## Demian

– Gostei de você – ele concluiu – sinceramente, pensei que fosse um chato arrogante. Eu tinha até preparado uns bons argumentos para contrapor os seus, incluindo citações do Mestre Eckhart e Orígenes.

– Por que se dar a esse trabalho para debater com um calouro?

– Porque ouvi falar que você era um calouro perigoso, mas estava enganado. Como sua fé no catolicismo é forte, considero seu interesse no esoterismo praticamente inofensivo. Eu interpretaria até como um interesse na mística cristã. Você parece gostar dos carmelitas.

– Eu me interessou um pouco por São Bento de Núrsia, embora eu não tenha nenhum interesse em ser monge – expliquei.

– Qual o seu papa favorito?

– Leão XIII.

– Nem pestanejou em responder! – aprovou Emílio – o meu é o Pius IX.

– É óbvio que é – comentei – já que foi ele quem decretou a doutrina da infalibilidade papal.

– Pare com isso – sorriu Emílio – mas ele também definiu o dogma da concepção imaculada da Virgem. Para mim isso foi importantíssimo, pois eu aprecio profundamente a mariologia.

– “E o anjo veio a ela, e disse Salve, tu que és agraciada, o Senhor esteja contigo; bendita és tu entre as mulheres” Lucas 1:28.

– Amém. Você sabe a Bíblia de cor?

– Não sou um muçulmano de As Mil e Uma Noites para saber o livro sagrado de cor – respondi – conheço de cor somente alguns versículos do Novo Testamento, principalmente dos evangelhos sinóticos.

– Qual tradução você usa?

– Pelo que lembro, essa minha última citação foi da King James Version.

– É uma Bíblia originalmente usada por anglicanos – comentou Emílio – isso significa que você estuda em várias Bíblias diferentes?

– Sim, eu tenho várias, porque eu riscó e faço anotações. Eu tenho uma em latim que acompanho com o áudio na internet para saber a pronúncia.

Tirei uma Bíblia da mochila e mostrei a ele. Emílio analisou.

– Qual a sua declinação favorita do latim? – ele perguntou.

– Você está tirando com a minha cara?

## Wanju Duli

– Adoro particularmente as terceiras declinações dos substantivos – ele disse – *corpus, corporis, corpori, corpus, corpore, corpora, corporum, corporibus, corpora, corporibus*. E o que está achando das aulas de hebraico?

– Bem, como é hebraico bíblico, acho a gramática mais rica em relação ao moderno.

– Você vai experimentar algo parecido com o grego neotestamentário no próximo semestre.

Nesse ponto da conversa, algumas pessoas já estavam saindo da mesa.

– Que pena que não discutimos – disse Emílio – pelo jeito não agradamos a platéia, que estava ansiosa para nos ver batendo boca.

– “Seis coisas detesta o Senhor e uma sétima sua alma abomina: olhos empinados, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, coração que maquina projetos perversos, pés velozes para correrem ao mal, testemunha falsa, proferindo mentiras, e quem semeia discórdia entre irmãos” Provérbios 6:16-19.

– Então você também sabe de cor trechos do Velho Testamento. Há algo que você não saiba, Demian?

– Como assim? Não me fale essas coisas, senão vou ficar vaidoso.

– Desculpe. Não pude me conter. Tenho uma boa citação de João de Salisbury, do *Metalogicon*: "Virtude e sabedoria ocupam o primeiro lugar entre os desideratos, mas a eloquência vem em segundo lugar. A terceira é saúde e, depois dela, em quarto lugar vem a boa vontade de um companheiro e uma abundância de bens, para providenciar os instrumentos materiais de ação". Diz ele também: "Eu propositalmente incorporei nesse tratado algumas informações concernentes à moral já que estou convencido de que todas as coisas lidas ou escritas são inúteis exceto quando elas têm uma boa influência no modo de vida". Isso significa que, dentre todas as coisas que você pode saber, a leitura da Bíblia é o mais excelente conhecimento, já que te inspira para a prática da virtude e enleva seu espírito.

– Você aprecia tanto assim as Sete Artes Liberais para saber trechos desse livro de cor? – perguntei.

– Ah, só li este e o *Didascalicon*, de Hugo de São Vítor. Aliás, tenho comigo umas cartinhas com declinações do latim para decorar. Eu não uso mais. Você quer?

## Demian

Ele pegou da mochila e me entregou vários pedacinhos de papel cuidadosamente recortados. Eu aceitei.

– Obrigado – eu disse – vai me ajudar muito.

– Também tenho um livro ótimo que quero te emprestar – ele o tirou da mochila – A Filosofia na Idade Média, de Etienne Gilson. É um clássico. Você tem que ler.

O livro era enorme. Tinha quase mil páginas. Eu mal conseguia carregá-lo.

– Tem certeza?

– É claro. Não; eu faço questão que você leia, para conversarmos depois.

Eu já estava cheio de livros para ler, mas aceitei mesmo assim, por cortesia. Na verdade, até estava um pouco interessado.

– Bem, acho que já vou indo – observei – tenho que voltar para as Vésperas.

– Se você celebra a Liturgia das Horas e tem horário para voltar, então... você é seminarista! – ele exclamou, triunfante.

– Eu sou – eu disse – não precisa criar caso disso. Quase todo mundo aqui é.

– Pois é, eu também sou – confessou ele – hoje em dia só causa surpresa quando descobrimos evangélicos, agnósticos e ateístas por aqui. A propósito, fiquei sabendo que sua turma é bem ecumênica.

– Está falando da menina que é da Ordem Terceira de São Francisco?

– Não, eu estava falando daquele rapaz chamado Otávio, que nem sei se tem religião e pelo jeito só veio aqui para bagunçar. É ele quem ficava nos relatando suas perguntas em aula.

– Vou me lembrar de ter uma conversinha com ele – garanti.

– Mas já que mencionou a menina da Ordem Terceira, fiquei sabendo que ela e outra garota da sua turma são virgens consagradas.

– Eu ouvi falar.

– O que acha disso?

– Tenho que achar alguma coisa? – perguntei – se elas se sentiram vocacionadas a esse caminho, que o Senhor e a Virgem as acompanhe.

Eu me despedi, tentando dar um jeito de carregar aquele livro pesado. Foi trabalhoso caminhar com ele até a parada de ônibus e carregá-lo até o seminário.

## Wanju Duli

Após a celebração do Divino Ofício e do jantar, ainda tive tempo de fazer algumas coisas, como ler e estudar. Também resolvi rezar um pouco, até pegar no sono.

Como sempre, eu tinha que acordar muito cedo, já que a Hora Sagrada Eucarística era às cinco e meia da manhã. Após uma hora e meia de missa, meditação e outras atividades, tomei o café da manhã e peguei o ônibus para a universidade.

Quando cheguei na sala de aula, resolvi conversar diretamente com Otávio. Até me sentei ao lado dele, o que era incomum.

Ele estava com fone de ouvido, jogando um vídeo-game portátil. Tive que chamar a atenção dele.

– Você é amigo do Emílio, do quinto semestre? – perguntei.

– Ah, eu soube que vocês conversaram ontem e foi um papo bem decepcionante – disse Otávio – a galera dormiu com a conversa de vocês.

– O que estava planejando? Queria nos jogar um contra o outro?

– Nada tão dramático. Eu só achei que você estava muito metidinho. Já faz dois meses que as aulas começaram e você não deixa os professores darem aula em paz. Parece que faz perguntas difíceis de propósito, para testá-los. Acho isso ridículo.

– Minha intenção nunca foi tentar humilhá-los.

– Até porque você nunca ia conseguir, já que eles obviamente são muito mais inteligentes que você.

– Não estou dizendo que sou inteligente – eu retruquei, não gostando do tom dele – mas o que o Emílio tinha a ver com isso?

– Nada. Eu só quis procurar algum veterano inteligente para confrontá-lo e te dar o troco. Eu esperava um debate teológico sensacional. Todos estavam ansiosos para assistir ao espetáculo que seria Emílio te colocando no seu lugar. Mas que nada! Vocês nem adentraram nas questões teológicas mais emocionantes. Só ficaram na superfície e depois começaram a falar de assuntos triviais. Foi o que ouvi.

– Bem, eu agradeço, pois pelo menos fiz um amigo.

– Você nunca vai admitir que estava errado, né? – perguntou Otávio – vai continuar perturbando os professores com suas perguntas pretensiosas?

## Demian

Notei que havia outros colegas meus prestando atenção na nossa conversa. Eles estavam curiosos pela minha resposta.

– Vou perguntar conforme eu achar necessário – informei – não vou deixar de perguntar só porque você se sente incomodado.

– Eu concordo com o Otávio. Acho que você devia se calar um pouco. É vergonhoso que você não pare de se mostrar. Às vezes você faz umas perguntas sem nenhum cabimento.

Quem disse isso foi Flora, uma das virgens consagradas. Parecia uma princesinha. Devia levar uma hora diariamente para se maquiarem e para fazer aquela trança alta. Ela dizia que se chamava “trança embutida invertida”. Nunca ouvi isso antes na minha vida. Ela tingia os cabelos de loiro e tinha a pele bronzeada.

– Não estou me mostrando – expliquei – é natural que eu tenha dúvidas. Todos vocês ficam quietos e só eu pergunto. Não acho saudável que uma aula seja dessa forma.

– Vê se te toca – insistiu Flora – que cara mais inconveniente.

Senti um ligeiro espasmo de raiva, mas me contive. Eu não ia discutir com ela. Também não iria deixar de perguntar apenas porque dois colegas meus, que eram particularmente chatos, não gostavam que eu falasse.

Por isso, quando o professor de epistemologia iniciou sua explicação, não deixei de fazer minha primeira pergunta. No entanto, assim que comecei a falar, vários colegas meus se queixaram em coro.

Foi então que eu finalmente entendi que estava causando tumulto. Eu fiz aquilo por dois meses inteiros. Nunca ninguém falou nada; nem professores e nem colegas. Acho que depois da conversa do dia anterior achavam que eu ia tomar jeito, mas nada tinha mudado. Então eles finalmente resolveram se manifestar.

– Desculpe, professor – resolvi dizer – pode continuar a explicação. Irei anotar todas as minhas dúvidas e tirá-las com o senhor somente no fim da aula.

– Obrigado, Demian. Vai me ajudar muito se você fizer isso.

Não foi um tom exatamente irônico, mas me incomodou. Eu me contive e me mantive de boca fechada a aula inteira. Anotei umas dez perguntas e fiquei segurando o professor no fim da aula por um tempo, com os meus questionamentos. Ele até se atrasou para sua próxima aula.

## Wanju Duli

Eu tinha essa mania de querer saber tudo. Não podia ficar com dúvidas. Eu fazia isso no colégio também, mas lá ninguém se importava. Era um colégio fraco e meus colegas nem prestavam atenção na aula. Distrair o professor com perguntas até ajudava para que o pessoal ficasse mexendo no celular e fazendo outras coisas.

Mas lá era diferente. Embora a maioria dos meus colegas fossem seminaristas e tivessem que fazer aquele curso por obrigação, eles estavam interessados. E eu provavelmente estava atrapalhando, interrompendo as explicações com minhas perguntas.

Por isso eu decidi que a partir dali eu só faria minhas perguntas reservadamente com os professores no final de cada período. Eu iria separar um caderno somente para anotar as perguntas.

Eu tinha um caderno para cada coisa, incluindo um dicionário de termos religiosos que eu mesmo fiz, para anotar toda vez que aparecia uma palavra diferente. Posteriormente eu fazia uma busca num dicionário.

Flora caminhou até a minha mesa. Reparei que ela usava um vestido bonito que embora não fosse muito curto ou decotado, ressaltava os belos contornos de seu corpo. Desviei o olhar dela quando notei isso. Eu me policiava dessa forma.

– Finalmente você calou essa sua boca! – ela exclamou – eu não aguentava mais.

Eu não iria escutar aquilo quieto.

– De que adianta você consagrar seu corpo a Deus se sua boca é tão suja? – perguntei – acho que Deus iria preferir mil vezes uma prostituta que tivesse humildade e o honrasse respeitando as pessoas a sua volta, do que alguém como você, que não para de falar mal dos outros.

Ela ficou escandalizada com o que eu disse.

– Que insulto! – exclamou Flora – e não estou falando mal dos outros, seu idiota. Só estou falando mal de você. Como se fosse muito diferente de mim! É seminarista e fica se achando superior.

– Não sou superior. Está bem, não vou mais fazer perguntas em aula em voz alta. Está satisfeita ou ainda vai continuar me destratando?

Ela deu um sorrisinho.

– Não vou. Estou satisfeita.

E voltou para seu lugar, com o mesmo sorrisinho cínico.

## Demian

– Não ligue para o que a Flora diz – falou Marcos, um colega meu – ela está furiosa desde o início do semestre por inveja da Martha.

– O que a Martha fez? – perguntei – ela é a outra virgem consagrada, membro da Ordem Terceira, certo?

– Isso mesmo. Trata-se de uma questão totalmente irrelevante. Flora ouviu dizer que Martha, além de ser virgem consagrada, nunca sequer beijou um homem. Flora, que embora seja virgem, já beijou, se sente abaixo dela e por isso a odeia.

Eu quase ri com aquela bobagem.

– Isso é sério? – perguntei.

– Não dá pra acreditar, né? – disse Marcos – mesmo assim, Flora ainda diz que se acha superior a Martha porque Martha é feia.

– Ela não é feia – eu disse.

– Perto de Flora, ela é – comentou Otávio, que escutou a conversa – eu não comeria Martha nem que até as mãos dela fossem virgens. Por outro lado, eu treparia com Flora mesmo que ela já tivesse transado com mil homens.

– O que é uma mão virgem? – perguntou Marcos.

– Sei lá, inventei isso agora – confessou Otávio – talvez uma garota tenha as mãos virgens se nunca tiver apertado a mão de um cara.

Eu não podia acreditar que estava escutando aquilo. Passei toda a minha vida de colégio escutando besteiras assim e achei que quando entrasse na teologia as bobagens finalmente teriam fim. Mas não: havia apenas quatro meninas na sala e elas já eram suficientes para causar um alvoroço.

Mas eu não podia culpar as meninas. Ou melhor, Flora eu podia culpar, mas provavelmente Otávio era pior que ela, e Marcos aos poucos começava a seguir o mesmo caminho.

Algumas vezes eu desejava que proibissem mulheres e leigos naquele curso. As mulheres me tentavam um pouco, sexualmente falando, e muitos dos leigos falavam besteiras. Ou melhor, eu conhecia vários seminaristas que falavam mais besteiras que eles, mas tratava-se de outra categoria de bobagens: uma ligeiramente mais refinada e suportável.

É claro que tudo aquilo era somente preconceito meu. Se eu não desejava mais viver perto de mulheres e leigos, era só me enfiar num mosteiro. Mas eu não queria isso.

## Wanju Duli

E por que eu não queria? Eu não achava que tinha vocação para ser monge. Deus não me chamou para uma vida de clausura. Ele ainda me queria no mundo.

“Por que ainda estou no mundo?” eu me perguntava. Estar no mundo, mas não ser do mundo. Eis o fardo do clero secular, enquanto o clero regular apenas via sombras desse lendário mundo que deixou para trás.

Mas eu não os invejava, pois sabia que meu caminho era outro.

– Por que entrou nesse curso?

– Hein? – perguntou Otávio.

– É, eu tô falando com você mesmo – observei.

Otávio pensou.

– Não sei.

– Cara... você ao menos é católico? – perguntei.

– Sou um católico não praticante.

Eu revirei os olhos.

– Não existe católico não praticante – expliquei – mesmo que a pessoa seja crismada, deve, no mínimo, ir para a missa todos os domingos, se confessar e participar da celebração eucarística ao menos uma vez ao ano. Isso está escrito no Catecismo.

– Acho um saco ir na missa todo domingo.

– Pois eu não conseguiria viver sem ir na missa regularmente – eu disse – eu me sinto renovado. A eucaristia é o alimento para o meu espírito. Além disso, a cerimônia é belíssima, e é sagrada!

– Eu sei de tudo isso, mas e aí? A Igreja renega quem não vai à missa?

– Não é que ela renegue – expliquei – você pode se confessar e fazer penitência quando comete falhas, mas sempre deve tentar melhorar.

– Um assassino pode pedir perdão e comungar – observou Otávio – mas quem se divorcia e se casa de novo, é proibido de comungar na Igreja. Isso faz sentido? Quem se divorcia é pior que um assassino?

– Você está julgando a situação com sua mente do mundo – eu disse – a Igreja tem suas razões para seus dogmas, muitas delas metafísicas e espirituais, que exigem alto conhecimento teológico e fé.

– Eu sei que você também questiona essa doutrina da infalibilidade. Você sabe que a Igreja pode cometer erros, pois são seres humanos.

## Demian

– Eu acredito que a Igreja seja divinamente inspirada – respondi – e, sim, somos todos humanos. Mas devemos ter paciência. A Igreja tem seu próprio ritmo.

– Eu acho que eu acredito num Deus, mas talvez não nesse Deus dos católicos – opinou Otávio.

– Então por que não se torna evangélico?

– Porque essa faculdade católica é mais barata que a luterana.

– Você não pode estar falando sério – eu disse – por que então não vai estudar outra coisa em vez de teologia, se você não parece nem minimamente interessado?

– Sei lá, eu li os romances do Dan Brown, achei massa as intrigas da Igreja e vim pra cá. Pena que aqui é tão chato assim, não tem conspirações e assassinatos.

Se houvesse uma janela perto e estivéssemos num prédio bem alto, naquele momento eu teria me sentido tentado a jogar-me.

– Se ao menos fosse um romance do Umberto Eco... – observei.

– Que preconceito!

A próxima aula era de patrologia e patristica. Otávio estava quase dormindo. E eu, bem comportado, não fiz nenhuma pergunta.

No intervalo, notei Martha quieta num canto. Ela sempre ficava sozinha e calada. Não parecia ter amigos. Ou será que ela não queria ter?

Não sei porque, mas resolvi falar com ela. Mas quando cheguei perto, ela assumiu uma postura defensiva.

– O que é?

– Não quer ir na cafeteria com o pessoal? – convidei – a gente tá indo lá embaixo tomar café.

– Me desculpe, prefiro ficar aqui.

– Certo...

E eu saí de perto. Flora viu o que eu fiz e veio falar comigo.

– Por que estava conversando com aquela feiosa?

– Não fale assim dela – repreendi-a – Martha parece estar sempre sozinha.

– Problema dela. Quem mandou ser feia e antissocial? Ela não tem nenhum atributo que preste. É fácil nunca ter beijado tendo aquela aparência. Afinal, quem ia querer, não é mesmo? Eu, por outro lado,

## Wanju Duli

sempre fui visada e mantenho minha virgindade a muito custo, já que os homens estão sempre me olhando.

Eu não soube o que dizer. Como era possível alguém ser tão desagradável?

Apenas passei reto por ela.

Flora não gostou.

– Vai me ignorar? – ela perguntou.

Continuei ignorando e caminhando na direção da cafeteria.

Flora correu na minha direção. Naquele momento, três alunos cruzavam o corredor. E foi naquele exato instante que Flora jogou-se em cima de mim.

Foi tudo muito rápido. Ela atirou-se nos meus braços e depois me deu um empurrão forte, quase me derrubando.

– O que está fazendo?! – ela berrou – como ousa me agarrar? Não sabe que sou uma virgem consagrada da Igreja? E ainda se diz seminarista!

Após dizer isso, ela correu de lá imediatamente.

Eu não conhecia aqueles três alunos, mas depois daquilo eles ainda me fitaram e cochicharam por um bom tempo.

Desci até a cafeteria, indignado. Pouco depois de eu comprar um café, fiquei sabendo que o evento no corredor já havia se espalhado.

– Meu, é verdade que você agarrou a Flora? – perguntou Otávio.

– Não!! – exclamei.

– Teve testemunhas, viu? Se a Flora der queixa, vai ser um problema.

– Ela não vai dar queixa. Ela armou tudo isso!

Eu já estava com má fama de metido por causa da minha mania de fazer perguntas em aula. E agora eu ia ganhar uma fama de pervertido?

Eu não tinha nenhuma intenção de ser expulso do seminário por causa dela. Felizmente, ficou por isso mesmo. A galera sabia que a Flora não girava muito bem da cabeça e ninguém se importava muito com ela.

Mesmo assim, os rumores ainda continuaram por um tempo e aquilo me incomodou. O mais chato foi que até Emílio ficou sabendo.

Não que eu me importasse tanto assim com ele. Mas o cara tinha me respeitado depois daquela conversa. Tinha gostado de mim. Ele levava a ética católica muito a sério. Então ouvir falar que eu havia encostado

## Demian

numa garota com segundas intenções, mesmo que tenha sido só um abraço, deve tê-lo deixado meio desapontado.

– Oi, Demian. Você parece pensativo.

Ele veio conversar comigo no intervalo, no dia seguinte.

– Aconteceu alguma coisa? – ele me perguntou.

– Um falso rumor que espalharam – expliquei.

– Não dê ouvidos – ele me sugeriu.

– Na verdade, eu estou mais preocupado com a Martha, da minha turma – comentei – ela sempre está quieta num canto e nunca fala com ninguém.

– Eu não devia te contar isso, porque odeio ser o arauto das fofocas – disse Emílio – mas ouvi uma história bem pesada sobre ela. Essa sua colega Martha vem de família muito pobre e mora numas áreas meio perigosas. Ouvi dizer que um imbecil aleatório pegou ela uma vez, fez coisas ilícitas e por isso ela se consagrou.

– Como assim? – perguntei – isso não faz o menor sentido. Como ela pode ser uma virgem consagrada se não é mais virgem?

– Porque só existe quebra da virgindade quando há o consentimento mútuo – explicou Emílio – este também é um dogma da Igreja. Se alguém é violentado continua virgem, pois a virgindade é mais um atributo do espírito do que do corpo. Quando a pessoa entrega seu corpo voluntariamente a alguém, somente assim se tornam uma só carne.

– Eu não sabia disso.

É claro que eu não sabia. Esse não estava entre os assuntos do catolicismo que eu pesquisava.

Foi um pouco chocante saber, mas de repente senti uma afinidade. Ali estava uma pessoa que talvez pudesse me entender.

Era verdade que eu não tinha interesse em fazer amizade com mulheres, para não colocar em jogo meu futuro. Mesmo assim, achei que conversar com Martha poderia fazer bem a nós dois.

Lá fui eu voltar para a sala de aula. Pedi para conversarmos a sós. Nem era necessário pedir, já que a sala estava vazia naquele momento.

– Eu não sei... – ela disse.

Claramente, ela não queria conversar. E era um assunto delicado. Eu realmente deveria?

## Wanju Duli

– Escutei umas coisas por aí sobre o motivo de você ter se consagrado como virgem – eu disse – e queria dizer que te entendo. Já passei por algo parecido.

– Homens não podem se consagrar como virgens na Igreja – disse Martha, friamente.

– Não era a isso que eu me referia – eu disse – eu só pensei que talvez você se sentisse incompreendida. Mas há outros que passaram por situações parecidas.

– Eu sei – ela disse, sem se importar – era só isso que você tinha para me dizer?

Eu mal havia dito. E ela não queria saber. Eu raramente comentava isso com alguém.

Então resolvi deixar pra lá. Apenas me afastei dela.

Na semana seguinte, para a minha surpresa, minha mãe veio me visitar na universidade.

Já fazia um bom tempo que eu não a via. Talvez mais de um ano. Eu não esperava essa visita.

Ela estava com uma saia justa e curtíssima. Sapatos de salto alto. Sinceramente, se houvesse a personificação da palavra “vulgar” seria ela.

Ela tingia os cabelos negros de loiro, mas a raiz já estava totalmente preta. Os cabelos estavam embaraçados, parcialmente presos e parcialmente soltos. Maquiagem mal feita e borrada.

Notei que ela estava fedendo a álcool. Estava claramente bêbada. Ela usava uma blusinha curta que deixava a barriga de fora. A barriga saltava para fora. Ela carregava uma bolsinha verde. Suas unhas estavam pintadas com um esmalte gasto laranja.

Assim que me avistou, ela correu e me abraçou, chamando a atenção de alguns alunos ao redor. Eu estava no corredor do prédio, mas tinha gente que me conhecia. Eu não queria passar vexame.

– Mãe, o que a senhora está fazendo aqui? – perguntei, em voz baixa.

– Estava com saudades do meu filhinho lindo!

– Por favor, volte para casa e vá dormir – eu pedi – você está bêbada...

– Não fale assim com sua mãe! – ela exclamou.

Eu a peguei pela mão.

– Vamos conversar lá fora – eu disse a ela.

## Demian

E nós dois nos sentamos juntos num banco. Ela se apoiou em mim, descansando a cabeça no meu ombro e agarrou o meu pescoço. Estava quase dormindo.

– Quer que eu chame um táxi? – perguntei.

– Até parece que você tem dinheiro.

– É verdade, eu não tenho – acrescentei, pensando melhor – tem certeza que consegue voltar para casa nesse estado?

Reparei que ela estava sem sutiã. Eu não queria que ninguém me visse perto daquela mulher. Sim, eu me envergonhava da minha mãe e me decepcionei ao constatar isso. Eu não era um lixo de ser humano? No fundo, minha mãe era bem melhor que eu. Ela se orgulhava do filho que tinha, mesmo que eu não fosse grande coisa. Enquanto isso, eu renegava a pessoa que me colocou no mundo.

“Honra a teu pai e a tua mãe”.

Naquele momento, uma das piores pessoas possíveis se aproximou: Otávio. Ele veio conversar comigo.

– Não basta teu caso com a Flora e já está pegando outra mulher? – perguntou Otávio, impressionado.

– Não é nada disso – eu falei – ela é minha mãe.

Otávio ficou boquiaberto.

– Sua mãe? Assim tão linda e tão jovem?

– Ora, obrigada! – minha mãe sorriu.

Que ela era jovem, isso era verdade. Ela me teve com 13 anos e estava atualmente com 31. Pensando bem, eu passaria por namorado dela tranquilamente.

Quanto à beleza, era uma questão de perspectiva. Provavelmente ela tinha outros atributos que Otávio notou. Eu raramente os notava ou sequer gostava de pensar neles, pois para mim aquele pensamento seria uma abominação.

– Tenho que voltar para a aula – avisei a ela.

– Tudo bem, vou sozinha até a parada – ela decidiu-se, levantando.

– Eu a acompanho – prontificou-se Otávio.

– Não é necessário – eu disse.

– Deixa de ser ranzinza, meu filho – ela disse – o rapaz só está sendo gentil. É claro que eu aceito.

## Wanju Duli

– Otávio, não ouse fazer isso! – eu exclamei – a nossa aula já vai começar. É melhor você vir comigo.

– Não vou – ele sorriu, decidido – a sua mãe não parece muito bem, então é claro que eu preciso ajudá-la a voltar para casa, já que o filho dela considera as aulas mais importantes que a mãe.

Eu senti uma onda de fúria me invadindo por dentro. Eu captei o olhar dele.

– Vem comigo – eu o puxei pelo braço.

Mas ele se desvencilhou de mim. E segurou no braço da minha mãe.

Tive vontade de dar-lhe um soco na cara, mas voltei a mim.

Eu não podia sempre pensar o pior sobre as pessoas. Otávio não estava apenas sendo gentil? Ia levá-la até a parada de ônibus. Não seria incomum da parte dele matar aulas. Eu não precisava ser tão desconfiado.

– Leve-a apenas até a parada de ônibus – observei – e depois volte para a aula!

– Entendido – disse Otávio.

E acompanhou-a. Os dois conversavam pelo caminho.

Durante aquela aula, fiquei preocupado. Otávio não retornou. Ele não voltou pelo resto do dia.

No dia seguinte, quando entrei na sala, notei que alguns alunos olharam para mim e riram. Enquanto isso, Otávio e Marcos estavam conversando alguma coisa e rindo.

– Oi Demian – cumprimentou-me Otávio, com um sorriso de patife no rosto – então foi de lá que você veio ao mundo.

– O quê?

– Por que não me avisou logo que sua mãe vendia o corpo? E ela ainda vende bem baratinho. Fui até a casa dela. Fizemos todas as coisas. Ela estava feliz da vida. Ela me disse que geralmente só são gordos velhos que compram. Dessa vez ela teve sorte, pois pegou um jovem gostoso como eu. Trocamos telefones e já estamos combinando a próxima.

Eu empalideci. Senti uma sensação horrível no peito.

Ele estava brincando. É claro que estava. Eu quase levei a sério.

– Como ousa desrespeitar a minha mãe falando essas asneiras? – eu disse – que Deus tenha piedade de você.

## Demian

Mas minha voz saiu meio trêmula. Isso porque eu ainda não tinha certeza absoluta de que ele estava mentindo.

– Eu tô falando sério, cara – insistiu Otávio – nós fizemos amor. Qual é o problema? Paguei o preço certo, fui super carinhoso. Eu não cometi nenhum crime.

Eu fechei os olhos. Aquilo não podia estar acontecendo comigo. Eu respirei fundo. Precisava reunir todas as minhas forças para não matá-lo.

“Por favor, Deus, me acalme. E perdoe esse ignorante de uma figa. Ele não sabe o que fez”.

Eu já sabia, desde sempre, que minha mãe era prostituta. Mas até então ela só fazia sexo com desconhecidos. Era a primeira vez, em toda a minha existência, que eu passava por aquela situação: meus colegas descobrindo a profissão da minha mãe e, mais que isso: um deles havia comprado o serviço.

Falar mal da mãe de qualquer pessoa deixa qualquer um uma fera. Mas aquele cara tinha passado do limite. Ele havia tocado nela.

Minha mão tremeu por um momento, pois pensei em saltar em cima dele e enchê-lo de socos, até deixá-lo inconsciente. Da mesma forma que eu já tinha feito, num momento de descontrole, com um coleguinha meu do colégio, quando eu tinha doze anos.

Eu não queria voltar para meu passado. Não queria arriscar cometer um crime.

Por isso contei até dez, até cinquenta. Respirei fundo incontáveis vezes. Enquanto isso, Otávio ria da minha cara.

– Filho da puta...

Pronunciei baixinho. Eu raramente falava palavrões. Otávio ouviu.

– O que disse? – ele brincou – não escutei. O filho dela não era você?

– Eu disse para você ir para o inferno – pronunciei – e que o Diabo te carregue.

E, ainda tremendo, saí da sala. Corri até a igreja da universidade para rezar. Fiquei lá por muito tempo até me acalmar. Da minha face corriam lágrimas.

Marcos, meu colega, tocou no meu ombro. Eu senti raiva quando o vi.

– O que você quer? – perguntei.

## Wanju Duli

– Vim para pedir desculpas – ele disse – e para ver se você estava bem.

– Não aceito as desculpas. Você tava lá rindo com ele, cara. Eu não vou esquecer.

Marcos ajoelhou-se diante de mim.

– Por favor, me perdoe! Eu cometi um erro...

Eu não soube o que dizer. Marcos estava quase chorando também. Acho que ele estava com pena de mim. Mas eu não queria que tivessem pena.

– Está bem, eu te perdoo – falei, rispidamente – agora sai daqui. Me deixa sozinho.

Mais tarde, liguei para minha mãe e ela confirmou toda a história. Precisei de uma enorme paciência para prosseguir aquela conversa.

Minha vontade era xingá-la e proibi-la de se aproximar de Otávio outra vez. Mas é claro que eu não tinha poder de proibir-lhe nada.

Eu queria dizer que me envergonhava dela, que ela era um péssimo exemplo de mãe. Que ela nunca me defendeu das coisas que meu pai fazia. Que ela era somente mais uma vítima silenciosa.

Mas eu não tinha coragem. Porque eu sabia que, apesar de tudo, ela tinha me criado. De seu jeito desajeitado. Assim como a mãe de Santo Agostinho, minha mãe havia me introduzido ao cristianismo.

Ela sempre foi à missa todo domingo. Até nisso ela era melhor que Otávio. Ela me batizou, sempre me levava com ela para a Igreja.

Em suma, ela me introduziu ao universo religioso. E sem Deus, eu não seria nada. Foi minha mãe quem me apresentou a Deus, foi ela que me levou a Ele. Então, como eu poderia criticá-la?

Quando entrei para o seminário, ela tinha dado um sorriso, toda orgulhosa. “Meu filho vai ser padre, isso é tão bonito!” ela dizia, com seu sorriso de dentes tortos.

Então eu pensava em Jesus perdoadando Maria Madalena e meu coração se abrandava. Eu me esquecia de todas as coisas e restava somente o amor.

– Está chateado comigo, filho? – ela me perguntou, na maior inocência – será que eu não devia ter aceitado seu colega como cliente?

## Demian

– Deixa, mãe, agora já foi – eu disse – faz o que a senhora quiser agora... só não volta pro pai. Isso é a única coisa que eu não quero que faça.

E nos despedimos.

Conforme passavam os dias, Otávio se cansou de contar vantagem. E ele até acabou saindo do curso de teologia no meio do semestre. Até que ele durou bastante para alguém que não tinha o menor interesse.

Ele e minha mãe marcaram umas três ou quatro vezes e depois não se viram mais. Otávio foi para outro canto. Eu não queria saber para onde.

Infelizmente, Flora não saiu do curso. Ela tirou com a minha cara sobre a história da minha mãe por um bom tempo. Depois acabou esquecendo. Todos esqueceram e não falaram mais nisso. Até porque o exemplo de Maria Madalena calava a todos. A própria Bíblia tinha um exemplo vivo de que meus colegas zombeteiros não passavam de pecadores que queriam jogar pedras na minha mãe, que não merecia.

Sim, minha mãe era muito melhor que muita gente daquela sala. Ela estava a anos-luz adiante, com sua gentileza e pureza de espírito.

Eu sabia que minha mãe iria para o céu. Quanto a Flora, eu já não podia afirmar o mesmo.

E quanto ao meu pai... eu honestamente achava que o inferno seria pouco para ele. Mas somente Deus poderia julgá-lo.

Eu ainda me lembrava vividamente do dia em que corri para a igreja local, com o rosto sangrando e sem mal conseguir caminhar depois de ser espancado pelo meu pai. Às vezes eu me assustava ao pensar que havia o sangue dele correndo dentro de mim.

Mas Deus tinha seus planos para mim. Como Leibniz dizia, frequentemente a existência de um mal pode até mesmo aumentar um bem. Nesse caso, foi minha fé que aumentou: a coisa mais importante para mim. Se todas aquelas pancadas tinham tornado minha fé no Senhor mais forte, eu sinceramente não me importava em apanhar.

Ou, como era dito em João 11: 25-26: “Jesus disse então: eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá jamais”.

Por isso eu possuía alguma afinidade por mortificação. O próprio papa João Paulo II se autoflagelava. Aquelas práticas eram aceitas pela

## Wanju Duli

doutrina da Igreja, embora não estivessem tão em voga na atualidade como foram no passado.

Naquela noite realizei algumas mortificações e penitências leves. Não jantei, fiquei em jejum, abstendo-me até mesmo de água. Ajoelhei-me em oração e assim fiquei mesmo quando meus joelhos não aguentavam mais.

Levei uma hora rezando o Terço, e meditando sobre as orações. Quando terminei, estava repleto de amor. Meu ser inteiro era amor. Eu sentia meu corpo dolorido, mas uma paz mental jamais sonhada.

– Fico contente que teu coração se acalmou. Eu estava ficando preocupado.

Eu estivera tão concentrado em minhas orações, que não me dei conta que eu permaneci a rezar em seu colo, por todo esse tempo.

Ele me deu um leve sorriso. E o sorriso daquele ser magnífico me derrubou. Coloquei a testa no chão, em prantos.

– Não chora, Demian. O Senhor não quer mais as tuas lágrimas. É o bastante.

– E o que Ele quer de mim? – perguntei.

– Paciência.

Aquela era uma das coisas mais difíceis de se conquistar. Nós, seres humanos, vivemos ansiosos, especialmente nos dias de hoje, temendo pelo dia de amanhã.

– “Por isso, eu vos digo: não vivais preocupados com o que comer ou beber, quanto à vossa vida: nem com o que vestir, quanto ao vosso corpo. Afinal, a vida não é mais que o alimento, e o corpo mais que a roupa?” – pronunciou o anjo – “Portanto, não vos preocupeis com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã terá sua própria preocupação! A cada dia basta o seu mal”.

Ao escutar esses versículos de Mateus da boca do meu anjo, eu me senti renovado.

– Por que vocês, anjos, se preocupam com os afazeres dos humanos? – eu perguntei, de forma suave.

Afinal, até mesmo em momentos como aquele, eu mantinha minha curiosidade intelectual.

– O Senhor me mandou – respondeu o anjo, simplesmente – isso não é o bastante?

## Demian

Ele estava sentado em minha cama, em todo seu esplendor. Usava vestes bem longas e compridas, extremamente brancas, cobrindo quase todo seu corpo. E todo ele brilhava. Não era um brilho desse mundo.

De sua pele eu via somente seu rosto, suas mãos e seus pés descalços.

– É o bastante – concluí, conformado em não fazer novas perguntas.

E lavei-lhe os pés com minhas lágrimas.

– Não te curva assim diante de mim – o anjo repreendeu-me, mas o fez de forma muito gentil – é somente diante de Nosso Senhor que deverás prestar esta homenagem.

Sendo assim, eu levantei-me. Ele me convidou a sentar ao seu lado na cama, de forma jovial. Tinha um largo sorriso.

Sua pele não era negra e nem branca. Era como fogo, ou como ouro. Na verdade, era uma cor indefinida. Nem sei dizer se tinha cor.

Também era difícil dizer se era um homem ou uma mulher. Parecia-me um homem, mas também tinha traços suaves e delicados.

Por alguma razão, não identifiquei suas feições com traços de país algum. O formato do nariz, do queixo, e nada disso poderia me dar nenhuma dica. Os olhos eram poderosos e profundos, e também não soube dizer se tinham cor.

Ele também tinha cabelos, mas eles não me pareciam nem loiros, nem morenos, nem lisos e nem cacheados. Achei tudo aquilo muito estranho, como se eu tivesse mergulhado num transe profundo e parte da imagem estivesse borrada.

– Eu te vejo como tu és ou como eu sou? – resolvi perguntar.

Apesar de meu grandioso respeito, não pude conter a língua.

– O que tu achas, Demian? – ele devolveu minha pergunta.

Parecia divertir-se.

– Talvez um pouco de cada – concluí – Sócrates diz, em Fédon, que é difícil encontrar um indivíduo extremamente bom ou extremamente mau, ou uma pessoa muito alta ou muito baixa. A maior parte se encontra num meio termo. De modo análogo, provavelmente nem a razão e nem os sentidos físicos são uma completa enganação. Embora eles possam não nos mostrar a verdade tal qual ela é, eles podem nos apontar, no mínimo, pistas válidas.

– O que tu vês diante de ti te parece uma boa pista?

– Sim, mas eu me pergunto qual parte de ti é verdade e qual é ilusão.

## Wanju Duli

– Tu te inquietas com isso?

– Não é inquietação – respondi – inexplicavelmente, estou muito tranquilo. É só estar aqui contigo que fico em paz. Não me importa tanto se você é homem ou mulher, ou se tuas mãos são frias como gelo ou quentes como fogo. Acho que o ser humano precisa de muito pouco na vida para ser verdadeiramente feliz. Ele não precisa saber todas as coisas.

– Sábias são tuas palavras.

– Mesmo assim, eu sou um estudioso – eu disse, sem me conter – um teólogo não pode se conter em perguntar, como São Tomás de Aquino: “Quantos anjos podem dançar na ponta de uma agulha?”. Ao mesmo tempo, ele nos adverte sobre pensar a respeito dessa questão. Ele nos diz que não devemos pensar em anjos como corporais, eles atravessam a barreira do tempo, e escolhem o bem e o mal instantaneamente.

O anjo riu, levemente e com graça.

– Santo seja Tomás – ele pronunciou – eu já li a Summa Theologica e confesso que foi uma leitura bastante instigante.

– Você já leu?! – exclamei, fora de mim – aquele livro monstruoso?!

– Por que estás surpreso? – o anjo se divertia cada vez mais – como tu mesmo disseste, posso até mesmo atravessar as barreiras do tempo, então por que eu não poderia ler um livro longo?

– Tem razão – reconheci – meu comentário foi idiota.

Mas o anjo claramente não se incomodou com nada do que eu disse. Apenas mantinha no rosto o mesmo sorriso jovial, de quem se maravilha com tudo o que existe no mundo. Ele parecia se encantar com nós humanos também, como criações de Deus.

Peguei meu livro de anotações e mostrei a ele.

– Estou estudando os argumentos mais fortes a favor da existência de Deus, mas há muitos deles. O ontológico, o cosmológico, o teleológico... obviamente, tenho meus favoritos. Há as cinco provas de Tomás. Há aquela maravilha, chamada argumento moral, de Kant. Você não acha que o argumento de Kant é muito inteligente?

– Tens os livros dele contigo?

– Eu tenho vários.

Entreguei a ele dez livros dele que eu tinha, que incluía as obras mais importantes. O anjo leu todos em poucos segundos.

## Demian

– E então? – perguntei, ansioso.

– Há essa obra chamada “A religião nos limites da simples razão” que achei particularmente engraçada – comentou o anjo – “Malebranche preferia não atribuir em absoluto almas aos animais antes de admitir que os cavalos tivessem de suportar tantos sofrimentos sem no entanto ter anteriormente comido feno proibido”.

Notei que o anjo decorava os trechos instantaneamente, e poderia citar qualquer um. Ele sim, sem sombra de dúvida, devia conhecer cada palavra de nossa Bíblia de cor.

– Não sabia que você tinha senso de humor – observei.

– Cada um de nós tem uma personalidade. Mas não te esquece que não somos perfeitos e somos incapazes de sondar todos os mistérios de Deus. Mesmo tendo tantos poderes, há muitos segredos que são a nós inacessíveis.

– Você conhece os anjos mais famosos? – perguntei – Metatron, Miguel, Gabriel... e esteve presente na Primeira Rebelião, na batalha contra Lúcifer?

– Confesso que às vezes fico atônito com as perguntas dos humanos. Tu estás mais interessado em saber disso do que perguntar sobre as virtudes da fé e da caridade?

– Achei que estávamos apenas tendo uma conversa informal...

Por um momento, me senti um tolo. Não foi só porque o anjo me chamou para sentar ao lado dele que eu devia abusar.

– Estamos – concordou o anjo – e peço perdão por não poder responder a todas as tuas perguntas. Há coisas que não posso dizer.

– Por que um anjo pode se tornar mau?

– Essa é fácil. Temos livre arbítrio. Há uma chance de cair no mau.

– Mas então se o próprio Deus também possui livre arbítrio, Ele também não poderia fazer o mau?

– É diferente. Ele é Deus. É difícil aplicar o raciocínio humano às coisas do Senhor.

– Essa resposta não seria uma evasão da pergunta?

– Seria – o anjo sorriu – também sei evadir-me das perguntas quando quero.

– Em algum momento você já duvidou da existência de Deus?

O anjo pareceu achar a pergunta curiosa.

## Wanju Duli

– Não. É claro que não. Nós vivemos na companhia do Senhor.

– Eu também sinto a presença de Deus o tempo todo, mas você sabe como é a mente humana. Apesar de o senso comum afirmar que o mundo existe e que nós existimos, há sempre aqueles filósofos céticos que duvidam até mesmo de sua própria capacidade de sentir o mundo e de pensar.

– Isso é esperado – disse o anjo – a dúvida. Por isso um dos dogmas mais desafiadores é a conquista da fé. É fácil duvidar de algo com todas as forças, mas é difícil acreditar, plenamente, com todo o espírito, com todo o coração.

– De fato, nós somos muito desconfiados. Não confiamos nas pessoas. Achamos sempre que vamos ser enganados, roubados, e vivemos com medo. Especialmente com o temor de perder o corpo.

– O corpo também é belo, pois veio do Senhor. Porém, o espírito é muito mais precioso. É admirável sacrificar o corpo para salvar o espírito. Isso também significa ter a humildade de confiar nas pessoas e ajudá-las, mesmo que nos traiam depois. Ou, como lemos em Mateus 5:39: “Ora, eu vos digo: não ofereçais resistência ao malvado! Pelo contrário, se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a esquerda!”.

– Isso não seria ser tolo e ingênuo e aceitar calado as injustiças? – perguntei.

– Confia na tua consciência e nos mandamentos do Senhor – ele disse – não te inquieta com isso, pois quando chegar a hora o Senhor irá te indicar o caminho. Disse Deus a Moisés, em Êxodo 4:12: “Vai, portanto, que eu estarei com tua boca e te ensinarei o que deverás dizer”. Deverás ter fé, Demian. Se não souberes o que fazer quando chegar a hora, chama o Pai.

– Amém – eu disse – há muitas pessoas que acreditam no divino, mas o chamam por outros nomes. Hoje em dia, muitos não concordam com um Deus que possua onipotência, onisciência e onibenevolência. Como diz Leibniz, concordando com Aquino, até mesmo um Deus onipotente não seria capaz de realizar atos logicamente impossíveis, como criar um triângulo quadrado ou uma pedra que nem mesmo Deus pode erguer, que seria o paradoxo da força irresistível.

## Demian

– É preciso tomar cuidado com a confiança excessiva na lógica como critério de verificação da verdade – alertou o anjo – a razão com certeza é valiosa, mas há coisas mais preciosas, como as virtudes teológicas da fé, esperança e caridade. Afinal, não é muito melhor fazer o bem e crer em nosso dever de ajudar os outros acima de todas as coisas do que conhecer todas as notações simbólicas da lógica formal e suas relações, para formar um argumento aparentemente perfeito? Até mesmo a matemática trata-se de um sistema axiomático que expressa somente relações e não a verdade.

– Mesmo assim, estudar é importante, ou teríamos uma fé cega.

– É claro que estudar é importante – concordou o anjo – mas ainda é melhor uma fé sem estudo do que um estudo sem fé. E ainda é mais excelente uma fé com boas obras do que uma fé sem elas. Compreende?

– E o que é melhor: a fé ou a caridade?

– Uma não pode existir sem a outra – respondeu o anjo – ao menos não completamente, pois cedo ou tarde a fé acaba naturalmente despertando em nós o desejo de ajudar os outros. E ajudar os outros nos faz concluir sobre a existência de Deus e da bondade. Mas em cada um as virtudes despertam de forma diferente, conforme a vocação e o carisma.

– Há os que não acreditam em Deus e ajudam os outros – observei.

– Certamente Deus ama essas pessoas, pois elas possuem a caridade – disse o anjo – e mesmo que não possuam a fé em Deus, elas acreditam que ajudar o próximo é excelente. Isso, por si só, é maravilhoso. Demian, cada pessoa possui vícios e virtudes. Ninguém está livre disso, nem mesmo nós, anjos. Eu cometo erros, muitas vezes sou orgulhoso e arrogante.

– Difícil de acreditar. Quando olho para os anjos, me parece que já se livraram de todos os vícios humanos mais grosseiros.

– Certamente existem humanos mais virtuosos que muitos anjos – opinou o anjo – nós tentamos ajudar os humanos, pois como vivemos no alto e possuímos sempre a inspiração da presença do Senhor, isso fortalece muito a nossa fé e compaixão. Mas mesmo vivendo no alto, ninguém está livre de cair. Por isso, é preciso sempre manter a vigilância. Mas a vigilância sempre se torna muito mais fácil e natural com o amor em Deus.

## Wanju Duli

– A Igreja católica tem a verdade? – perguntei – ela é melhor e mais excelente que todas as outras?

– Se te recordares do que acabamos de conversar, terás tua resposta – disse o anjo – até mesmo ateus podem ser virtuosos. Pessoas com as mais diferentes religiões podem fazer o bem. Então, cada uma das religiões existentes possui seus méritos e defeitos, mas mesmo assim todas possuem algum tipo de código moral e defendem que ajudar o próximo é o que há de mais elevado. Não é assim?

– Realmente é assim – concordei – nunca conheci ninguém que defende haver algo mais excelente do que ajudar seu irmão. Mas eu acredito que a Igreja romana seja infalível, pois serve a Deus, que é infalível.

– Você tocou num ponto teológico complexo – disse o anjo – peguemos o exemplo da Bíblia. Ela foi escrita por humanos, mas essas pessoas foram inspiradas pelo Espírito Santo. Isso a torna um livro sagrado tanto humano quanto divino. É um livro querido para Deus, pois o Senhor desejou que Ele fosse feito com a participação dos homens, como um Pai querido. Deus podia ter fornecido um livro completo e perfeito feito integralmente por Ele. Mas Ele não o quis. O Senhor desejou que os homens também participassem da criação.

– Louvado seja Nosso Senhor – eu disse – ainda assim, é melhor ajudar os outros tendo fé em Deus do que ajudar sem acreditar no transcendente, não é?

– É melhor – concordou o anjo – mas há uma razão ontológica e teológica para ser assim. Existe a interpretação ética dos ensinamentos bíblicos, mas há também a espiritual. Existe uma Ordem superior que governa todas as coisas. Nada escapa do poder do Senhor. Essa ordem que a tudo governa tem caráter moral. Existe para que os humanos se elevem em moralidade. Mas a moralidade não existe apenas pelo bem da própria moralidade. Entendes o que quero dizer? O caráter de ser bondoso não existe apenas porque ser bondoso é algo excelente, mas porque ser bom te aproxima de Deus. A bondade é apenas o caminho e não o fim da jornada.

– Isso é meio complicado – eu disse – a maior parte das pessoas que faz o bem sem acreditar em Deus, o faz apenas porque “acredita” que ajudar o próximo é bom. Talvez porque sintam uma sensação interna

## Demian

agradável ao ajudar, ou creiam na justiça e no bem. Mas tudo isso tem uma interpretação transcendente mais elevada e um nome: Deus. Aquela sensação fora desse mundo que sentimos por dentro ao ajudar uma pessoa é proveniente do Espírito Santo.

– Mas tudo isso só faz sentido no interior do mistério da Santíssima Trindade – explicou o anjo – Deus é Pai, Filho e Espírito Santo. Jesus somente falou por parábolas, porque é muito difícil explicar os mistérios da graça em termos humanos.

– Vocês anjos aparecem para ajudar somente os cristãos ou pessoas de outras religiões e ateus?

– Por acaso um cristão ajuda somente outro cristão? – perguntou o anjo, achando graça da minha pergunta – não, pois todos os seres vieram do Senhor.

– Lembrei de algo que Santo Anselmo diz no Proslogion – comentei – “Com efeito, quem é bom para com os bons e os maus é melhor do que aquele que é somente bom para com os bons”.

– Isso também está na Bíblia, em Mateus 5:44-46: “Ora, eu vos digo: Amai os vossos inimigos e orai por aqueles que vos perseguem! Assim vos tornareis filhos do vosso Pai que está nos céus; pois ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e faz cair a chuva sobre justos e injustos. Se amais somente aqueles que vos amam, que recompensa tereis?”.

– Você acha que a Bíblia é melhor que outros livros religiosos? – perguntei – ou que os cristãos estão mais certos que outros religiosos?

O anjo sorriu.

– Prefiro não responder a essa pergunta, para não semear discórdia – disse o anjo – tu vê, um dos grandes problemas do mundo hoje é a tolerância. Devemos amar o nosso irmão, independente de sua religião, de seu partido político, de suas convicções gerais sobre a vida. Todos somos pecadores. Os homens insistem em se dividir e em se considerar mais virtuosos uns que os outros, porque doam seus bens ou frequentam a igreja. Mas em verdade eu digo que todos são iguais aos olhos de Deus.

– Mas antes você havia dito que é mais excelente fazer boas obras com fé do que sem fé.

– Num sentido teológico, existem realmente pessoas mais espiritualmente avançadas que outras – explicou o anjo – no entanto, não se deve dizer assim. Ou melhor, num sentido ético, devemos amar

## Wanju Duli

nossos irmãos, independente de eles acreditarem em Deus, conhecerem teologia ou ajudarem seus vizinhos.

– Isso significa que devemos ter compaixão por criminosos, assassinos, estupradores? – perguntei, com certa amargura na voz.

– Estás pensando no teu pai de novo?

Eu baixei os olhos.

– Não acho que consigo perdoá-lo – eu disse – não sou assim tão espiritualmente elevado. E será que um grau assim tão alto de compaixão não é burrice? Não é ser complacente com injustiças?

– Devemos odiar os pecados e não o pecador.

– Eu amo a religião católica, mas ela também parece estar cheia de contradições – confessei – será que é porque a religião não segue uma lógica humana e por isso falho em entender? Estou julgando minha religião com os preconceitos da minha época? Com as limitações da minha educação? Por que os católicos não deixam que os gays se casem na Igreja ou que se use preservativos, sob o risco de contrair doenças? Eu fico embaraçado toda vez que tento defender minha religião diante dessas alegações.

– É verdade que existem pecados mais graves que outros num sentido metafísico – explicou o anjo – mas Deus sempre perdoados todos que se arrependem.

– E o pecado mortal? O pecado contra o Espírito Santo?

– Só é possível cometer esse pecado quando se incorre em falta grave e não há o arrependimento.

– E se alguém fizer aborto ou usar pílula sem conhecer os dogmas cristãos?

– Tu sabes muito bem que não é pecado quando alguém comete um erro por desconhecimento dos dogmas – disse o anjo – Deus não vai condenar uma tribo afastada ao inferno somente porque nunca teve contato com a Bíblia e com a Lei. Em verdade, a Lei já nasce dentro de nós, que é a inclinação para fazer o bem. É por aí que cada um será julgado.

– O que é mais excelente: fazer o bem ou acreditar em Deus?

– Tu já me fizeste essa pergunta, meu querido. Não te lembras?

– Eu sei, mas não sei se entendi a resposta.

## Demian

– É como perguntar quem é o elemento mais importante da Santíssima Trindade – disse o anjo – eu poderia dizer que, metafisicamente, o Pai está acima do Filho, que está acima do Espírito. Mas do ponto de vista moral, isso estaria errado. Os três são iguais.

– Então, do ponto de vista metafísico, é melhor crer em Deus ou fazer o bem?

– Eu não sei se devo responder essa pergunta, ou pode acarretar confusão.

– Por favor, responda.

– Crer em Deus é mais importante – disse o anjo – isso porque servir a Deus é servir ao Espírito. E ajudar teu irmão é servir à porção de Deus que se encontra na criatura, na matéria. Mas não te deixa enganar: servir ao teu irmão é um dos feitos mais sublimes que o homem é capaz de realizar. Jamais deixa de servir teu irmão. É uma questão de carisma. Algumas pessoas desejam ser eremitas e adorar Deus em completo isolamento, enquanto outros se dedicam a ajudar a humanidade, dando de comer a quem tem fome e vestindo quem tem frio.

– Então o cara que está em isolamento adorando Deus é melhor.

– É difícil dizer. Tu achas que um franciscano é melhor que um carmelita, ou o contrário? Eles apenas possuem carismas diferentes. Eu apenas respondi à tua pergunta de forma objetiva. Tanto o corpo quanto o espírito são excelentes e devem ser amados, pois ambos vieram de Deus. Mas é claro que o transcendente, o espiritual, está acima do corpo e podemos entregar nosso corpo pelo Senhor. Por isso, não existe coisa mais elevada que a fé, e esta se traduz em humildade e caridade.

– Se o espírito é tão supremo, por que existe a matéria?

– Eis um dos mistérios de Deus – disse o anjo – Ele quis que fosse assim. Faz parte de Seus planos.

– Você é espírito, mas até um espírito pode sofrer.

– Porque tenho livre arbítrio, mas isso me dá liberdade – explicou o anjo – mas o que realmente me dá liberdade é amar a Deus e seguir os mandamentos.

– Confesso que algumas coisas que você diz estão em contradição com o que estudei no Catecismo da Igreja Católica.

– Eu não sou perfeito – disse o anjo – e traduzo as coisas como posso. Os teus livros também podem perder alguma força nas traduções,

mas o espírito está lá. O ser humano não encontrará alegria somente na perfeição, mas por adorar o ideal de ser perfeito e manter-se em constante aperfeiçoamento, na medida de suas forças.

– Isso me parece bom o bastante.

– Tens outras dúvidas?

– Estranhamente, não – respondi – não sei bem se minha Igreja é ou não infalível. Mesmo que não seja, continuarei a amá-la. As pessoas são imperfeitas e mesmo assim não vou deixar de amá-las.

– Confia na tua religião – recomendou o anjo – mas também respeita teu irmão que tem outras crenças.

– Farei isso.

– Agora eu preciso ir – disse o anjo.

– Achei que você pudesse estar em vários lugares ao mesmo tempo.

– Eu me movo rápido no tempo e no espaço, mas não sou onipresente – disse o anjo – mesmo assim, podes me chamar todos os dias se precisares. Deus sempre estará contigo.

Ele beijou as minhas mãos e desapareceu.

Quando ele foi embora, eu ainda sentia o toque do anjo, que não era nem frio e nem quente. Realmente não era algo desse mundo. Senti um leve formigamento nas mãos, que foi bom.

Despertei de meu transe. Mas eu sabia que a visão do anjo não era alucinação. O anjo era totalmente real. Ou, eu deveria dizer, metafisicamente real e não só psicologicamente.

Tive uma maravilhosa noite de sono, como não tive em muito tempo.

No semestre seguinte, eu estava empolgado para iniciar meus estudos de grego. Eu também teria uma matéria interessante, que seria um estudo comparativo de teologia e ciência.

Mas o que mais me chamou a atenção, na primeira semana de aula, foi um calouro. O nome dele era Lucas e no famoso primeiro dia de aula, em que fazíamos as apresentações, ele declarou-se abertamente e orgulhosamente como ateu.

E mais que isso: ele soube da conversa que eu e Emílio tivemos no primeiro semestre. Sinceramente, aquela nossa conversa não foi nada de mais, mas por algum motivo o rumor da conversa se espalhou e ele quis nos conhecer e nos desafiar.

## Demian

Muito bem. Lá fomos os três para fora, sentarmos numa mesa. Dessa vez, rodeados pelo dobro de pessoas que teve da vez anterior. Nessa ocasião, meus colegas Marcos, Flora e Martha também estavam presentes.

“Lucas será esmagado” era isso que se comentava pelos corredores. Um ateu rodeado por um bando de católicos, como um cordeirinho para o abate.

Mas eu não pensei assim. Quis acreditar que aquela discussão poderia ser interessante, contanto que Lucas não faltasse com o respeito. Eu esperava que ele tivesse noção disso, já que estava numa faculdade de teologia.

– Tenho alguma familiaridade com filosofia – informou Lucas – e apenas um estudo superficial sobre a teologia católica. Vim aqui estudar exatamente para ter bons argumentos para contrapô-la, já que a religião católica é provavelmente a religião com mais contradições e absurdos que conheço.

– Logo noto que você não estudou muitas religiões – comentei – você já leu o Corão ou o Livro de Mórmon?

– Não.

– Imaginei que não. Mas, por favor, continue. A que contradições você se refere? As de ordem metafísica, como a Santíssima Trindade, ou às de ordem moral e social, como a proibição ao uso de contraceptivos?

– Todas elas, mas podemos iniciar com as metafísicas – disse Lucas – para começar, essa história de que três é igual a um é uma afronta aos axiomas de Euclides.

– Só aos axiomas de Euclides? – eu zombei – eu diria que é uma afronta a toda a matemática, tanto à antiga quanto à moderna. Mas para nós a teologia está acima da matemática e iremos ignorar tanto a lógica quanto a matemática se necessário. Quando a sua razão diz uma coisa e seu coração diz outra, em qual você confia?

– Depende do caso – respondeu Lucas.

– Quando você ama duas pessoas, faz um cálculo matemático para escolher entre uma e outra?

– Normalmente não.

– Pois então – eu disse – minha fé em Deus está acima da matemática, assim como seu amor a alguém pode superar operações

aritméticas. Isso não significa que eu não respeite a matemática. Cada área do conhecimento serve a uma finalidade diferente. Há momentos em que a matemática é útil para apoiar a lógica, mas em outros instantes isso não acontece. A própria lógica aristotélica não é rigorosamente matemática e ainda hoje é estudada, juntamente com outros modelos de lógica moderna.

– Seu argumento não é plenamente satisfatório, mas é razoável – reconheceu Lucas – você espera aplicá-lo para resolver qualquer outra questão de desordem metafísica que eu apontar?

– Irei me esforçar para isso – garanti – acredito que ele seja válido para resolver questões de outras naturezas, como a virgindade de Maria, a existência de Deus e dos anjos.

– Iremos nos ocupar da existência de Deus mais tarde. Agora eu queria uma resposta para a questão da infalibilidade papal.

Aponte para Emílio.

– Isso é com ele – informei – o que tem a nos dizer a respeito?

– Essa é minha fé – disse Emílio, com segurança – acredito nos dogmas da Santa Igreja Católica. Em todos eles, sem exceção. Caso eu discorde de algum, eu me corrijo e estudo, até concordar.

– Uma lavagem cerebral auto-induzida – observou Lucas.

– Se você quer aprender a dirigir, também deverá seguir caminho semelhante e domar seu corpo e sua mente até que aprendam a operar um carro – explicou Emílio – e dirigir lhe trará imensas vantagens. Mas as vantagens de ter uma fé religiosa são ainda mais magníficas, pois traz benefícios tanto nesse mundo quanto no outro.

– Uma barganha – disse Lucas – a sua fé segue uma lógica materialista e utilitarista e existe em troca de benefícios.

– Essas são as vantagens terrenas – reconheceu Emílio – de fato, troco minha fé em busca de paz mental. Mas esse não é o único motivo. Eu tenho fé porque é excelente ter. Porque a crença em Deus é ótima em todos os sentidos: esteticamente, moralmente, metafisicamente. Mesmo que eu sofresse muito com essa fé, tanto na mente quanto no corpo, ainda assim eu preferia tê-la do que não tê-la.

– E para aumentar sua fé você crê cegamente nos dogmas da Igreja, mesmo sabendo que eles mudam arbitrariamente, muitas vezes até por interesses políticos e econômicos.

## Demian

– Meu filho, bem-vindo ao mundo! – sorriu Emílio – nós vivemos no mundo da matéria e precisamos comer e dormir. É claro que a Igreja precisa se ocupar com dinheiro, como todos nós. Ninguém está livre disso. Isso não torna a Igreja pior do que qualquer pessoa que se preocupa em dar pão para a família. Além do mais, as mudanças que ocorrem na Igreja não são arbitrarias. É para isso que estudamos: para realizar mudanças criteriosas, cuidadosas e conscientes.

– Como um homem como o papa pode ser perfeito se ele é um mortal?

– Porque ele é divinamente inspirado, assim como aqueles que escreveram a Bíblia.

– E como você prova que eles são divinamente inspirados?

– Não espere uma prova científica – alertou Emílio – porque religião não é ciência. Nossas provas frequentemente são de ordem epistemológica, ética e metafísica. Nesse caso, eu diria que ter uma religião com dogmas e mandamentos fixos é melhor do que seguir crenças subjetivas que mudam ao sabor do vento e do humor.

– Isso porque você não confia na consciência humana – disse Lucas.

– Eu confio – falou Emílio – mas confio mais ainda nos mandamentos. Você consegue pensar numa situação em que ajudar uma pessoa seria errado?

– Sim, se isso resultar na minha morte – disse Lucas.

– Mesmo assim, até ateístas louvam heróis que morrem para salvar uma pessoa – observou Emílio – não é assim que acontece?

– É assim – concordou Lucas – mas eu nem sempre faria minhas escolhas tentando me exibir como herói. Também é necessário ter bom senso.

– Se você não entregasse sua vida para ajudar uma pessoa caso a ocasião surgisse, permaneceria vivo – disse Emílio – e o que faria com essa vida? Ajudaria outras pessoas, certo? Há algo mais excelente que isso? Certamente não. Então por que trocar uma opção pela outra? Por causa da matemática? Segundo a matemática, seria melhor continuar vivendo e ajudar mil pessoas do que morrer para salvar a vida de apenas uma?

– Seu raciocínio é fatalista e fanático – disse Lucas – eu concordo que ajudar os outros seja algo bom, mas não que eu tenha que fanaticamente

fazer isso, o tempo todo, colocando até minha própria vida em segundo plano.

– Porque todos sempre ajudam a si mesmos em primeiro lugar, dando para si até confortos além do necessário, que o mundo está desse jeito, repleto de injustiças – falou Emílio – se alguém acredita que a vida não é só corpo, mas também espírito, poderá ter mais forças para se tornar altruísta e irá enfrentar com maior vigor o medo da morte.

– Você obtém alguns benefícios, mas em troca segue dogmas mortos e ilógicos – disse Lucas – e se torna um supersticioso, acreditando em Deuses e fantasmas. Vocês acreditam que todos nós possuímos fantasmas chamados “alma” e em nome dessa alma imaginária vocês se matam. Eu chamaria isso de loucura e estupidez.

– Como você é esperto! – zombei – é exatamente nisso que acreditamos. Mas será que os loucos somos nós? Será que os verdadeiros loucos não são aqueles que acumulam um monte de objetos materiais, numa crença cega de que somente a matéria é a verdade? Mesmo sabendo que certamente um dia perderão o corpo, louvam o próprio corpo e a própria existência finita. Morrem, e deixam todos os tesouros para trás, depois de dedicar uma vida inteira a acumulá-los. E agora eu pergunto: quem é realmente o louco estúpido? Aquele que adora a matéria finita ou o espírito infinito?

– O que seria esse espírito infinito? – perguntou Lucas – uma metáfora para o amor?

– Isso é verdadeiro somente num sentido ético – respondi – do ponto de vista metafísico e transcendente, o espírito realmente existe. Pois se o espírito fosse meramente imaginário e psicológico ele teria menos força. Basta usar a lógica do argumento ontológico de Santo Anselmo para entender a que me refiro.

– Eu conheço esse argumento e rio toda vez que o escuto – disse Lucas – porque é o cúmulo do desespero. Eu serei mais feliz se existirem unicórnios cor-de-rosa, portanto unicórnios cor-de-rosa existem, porque é melhor ser feliz do que ser infeliz e tudo que existe para contribuir com minha felicidade é necessariamente real?

– Isso se chama otimismo – sorriu Emílio – eu prefiro um mundo com Deus do que sem Deus, mas obviamente Deus necessariamente existe independente de minhas preferências.

## Demian

Lucas deu um soco na mesa, assustando todo mundo.

– Vamos ver se esse Deus existe mesmo! – ele desafiou – como diria Castro Alves, “Senhor Deus dos desgraçados!” e agora eu completo: se existe mesmo, faz cair um raio nessa mesa!

– Por que quer morrer assim tão cedo? – Emílio riu – pensei que você acreditasse que somente o corpo é real, e que a mente não passaria de uma projeção do cérebro. Está disposto a trocar seu precioso corpo mortal por seu orgulho?

– Talvez, se isso calar sua boca – disse Lucas – saio ganhando dos dois jeitos. Se não cair o raio, ganho o argumento. E se cair estarei morto, então foda-se. Mas veja só: o raio não caiu. Portanto, Deus não existe.

– Jesus respondeu ao Diabo que lhe tentou no deserto, em Mateus 4:7: “Também está escrito: ‘Não porás à prova o Senhor teu Deus!’”

Lucas olhou para Emílio com irritação.

– Eu te proíbo de fazer citações bíblicas! Para mim, elas não possuem validade nenhuma como argumento – decidiu Lucas.

Emílio deu de ombros.

– Por mim tudo bem – ele disse – li muitos outros livros de filosofia e teologia que posso citar. Vale citações de santos?

– Contanto que prestem – disse Lucas – elas devem possuir uma mínima coerência lógica.

– Você certamente deve conhecer todos os argumentos clássicos a favor e contra a existência de Deus – observei.

– De fato, eu conheço os mais famosos – disse Lucas.

– Então comece logo a dá-los, para que possamos rebater.

– Como pode existir o mal no mundo se Deus existe? – perguntou Lucas.

– Porque o mal é fruto do livre arbítrio do homem e não vem de Deus – eu respondi – é muito mais excelente fazer o bem tendo uma escolha do que ser um mero fantoche de Deus capaz de apenas seguir o caminho correto como um robô sem escolha nenhuma. Por isso, Deus achou que seria melhor nos dar a escolha. Além do mais, não estamos no mundo somente para curtir os prazeres do corpo. O nosso propósito no mundo é aprender a cumprir nosso dever moral. Para isso, precisamos do mal. Se houvesse somente o bem, a vida seria um hotel, uma sauna,

apenas com uma curtição vazia, sem ensinamento algum. Frequentemente é na dor que aprendemos os ensinamentos mais poderosos, embora as lições maiores estejam na alternância das situações agradáveis e desagradáveis para que possamos compará-las.

Lucas levantou as sobrancelhas.

– Você é bom nos argumentos – ele disse – e contornou a situação afirmando que o objetivo da vida é cumprirmos o nosso dever, em vez de desfrutarmos dos prazeres do corpo e da mente.

– Isso significa que a vida deve se voltar para o aprimoramento moral e, conseqüentemente, para a via do espírito – eu disse.

– E não podemos ter apenas o aprimoramento ético sem meter fantasmas no meio da explicação? – perguntou Lucas?

– Os fantasmas são a nossa Navalha de Ockham – eu falei – tornam a explicação muito mais simples, limpa, bela e ordenada.

– Essa mania de buscar a harmonia! Por isso foi criada aquela lorota de sistema geocêntrico em vez de sistema heliocêntrico!

– Os dois sistemas são corretos – defendeu Emílio – a Igreja não estava errada. Conforme a física atual, podemos adotar diferentes referenciais. Daqui da Terra, é verdade que todos os planetas se movem em torno da Terra, incluindo estrelas como o Sol. O sistema heliocêntrico tem apenas a vantagem de tornar os cálculos mais fáceis e impedir que os planetas façam movimentos esquisitos demais.

– Então, segundo a Navalha de Ockham, o sistema heliocêntrico é verdadeiro porque é mais simples – disse Lucas – não é esse o mesmo argumento para defender a existência de um Deus único em vez de vários Deuses? Porque é mais simples.

– Na verdade a ciência não prova nada, apenas corrobora teorias – disse Emílio – essas teorias mudam de tempos em tempos, tendo objetivos pragmáticos. A teoria escolhida não é a mais correta ou verdadeira. Apenas a mais simples ou melhor para objetivos práticos. Porque hoje em dia tudo gira em torno de resultados materiais. Diferente da Idade Média, em que o pensamento teológico avançou muito, hoje em dia avançamos mais devagar, por causa da barreira do materialismo vigente, que só se preocupa com o conforto do corpo. Ironicamente, essa valorização excessiva do corpo levou à sua própria destruição, já que

## Demian

essa ânsia por prazeres e confortos levou ao amor pelo dinheiro, que gera fome, guerra e morte.

– Como se fome, guerra e morte não existissem na Idade Média – disse Lucas.

– Na Idade Média, o maior pecado era o orgulho – disse Emílio – aquele cometido por Lúcifer, que deveria ser combatido com a humildade. Com o advento da burguesia e a busca do lucro, a ganância passou a ser o maior pecado, que deve ser combatido pela caridade.

– Então continuamos pecadores sempre, os pecados apenas mudaram – concluiu Lucas – não há salvação para a humanidade. Vivemos num mundo sem sentido governado pelo acaso.

– Seria muito pessimismo pensar dessa forma – disse Emílio – felizmente, o Senhor veio anunciar a Boa-Nova. Cristo morreu por nós.

– Não vejo muita diferença num mundo com Deus ou sem Deus – disse Lucas – ainda é o mesmo mundo, com as mesmas injustiças. Se você olha apenas para o espírito, se conforma com as injustiças e perde suas ambições políticas transformadoras da realidade.

– Não acho que religião e mudanças materiais sejam antagonistas – disse Emílio – ao contrário, com a fé em Deus você se sente compelido em ajudar seu próximo.

– Você quer dizer que se sente compelido apenas em dar esmola – disse Lucas – e esmola apenas mantém o status quo. Para uma real mudança, é preciso realizar algum tipo de revolução.

– Você é comunista? – sorriu Emílio – embora eu ache que o Marx e o Engels tenham pontos positivos em seus escritos, eu não gosto dessa história de abolir a religião, como se fosse meramente um ópio do povo, um auxílio psicológico. Viver sem espírito não é diferente de ser um cadáver.

– Eu dei uma lida no Compêndio do Catecismo de vocês – disse Lucas – e lá localizei um trecho em que a Igreja se coloca claramente contra o comunismo e tolerante em relação a aspectos do capitalismo.

Emílio tirou o Compêndio da mochila e localizou o trecho. Leu-o em voz alta:

– "Opõem-se à doutrina social da Igreja os sistemas econômicos e sociais que sacrificam os direitos fundamentais das pessoas ou que fazem do lucro a sua regra exclusiva ou o seu fim último. Por isso, a Igreja

rejeita as ideologias associadas, nos tempos modernos, ao comunismo, ou às formas ateias e totalitárias de socialismo; Rejeita, além disso, na prática do capitalismo;, o individualismo e o primado absoluto da lei do mercado e do trabalho humano".

– Sim, é esse mesmo o trecho – confirmou Lucas.

Emílio fechou o livro.

– Não vejo nada de errado aqui – confessou Emílio – é lógico que a Igreja vai ser contra o comunismo. Digamos que o papa João Paulo II presenciou maus bocados com vários tipos de socialismo, incluindo o tal “nacional socialismo”. Sobre o capitalismo, embora ele ainda esteja inserido dentro do materialismo, pelo menos garante alguma liberdade religiosa. A Igreja não apoia nenhum sistema materialista, mas deve optar pelo menos pior, já que o Vaticano não pode viver completamente fora do mundo. Não somos uma religião que apenas salva os “escolhidos” e se isola de todo o resto. Nós entramos nas favelas, nos países em guerra, para socorrer os miseráveis.

– Para dar a eles uma Bíblia? – zombou Lucas – melhor seria dar comida.

– Jesus disse ao Diabo no deserto em Mateus 4:4: “Está escrito: ‘Não se vive somente de pão, mas de toda palavra que sai da boca de Deus’” – pronunciou Emílio.

– Eu avisei que não iria aceitar citações bíblicas!! – exclamou Lucas, furioso.

– Opa, me esqueci – disse Emílio – peço desculpas. É força de hábito.

Algumas pessoas ao redor riram.

– Enfim, digamos que eu concorde que a crença em Deus possa trazer conforto e esperança para algumas pessoas – observou Lucas – mas...

– Para muitas – corrigiu Emílio – para a maior parte da população mundial.

– Que seja – disse Lucas – e essa crença pode até incentivar algumas boas ações, mas isso não prova que Deus existe. Se as boas ações também podem ser feitas sem a crença em Deus, isso demonstra, filosoficamente falando, que Deus não teria existência necessária; no máximo, apenas contingente.

## Demian

– Para cumprir plenamente o imperativo categórico é necessário incluir uma metafísica na qual Deus exista – observei.

– A Igreja Católica não é kantiana!! – exclamou Lucas, fora de si – então não venha me meter Kant no meio, se me faz o favor.

– Tá certo, não precisa se exaltar – eu comentei, achando graça.

– Acho que já estou farto de debater metafísica, pois isso sempre acaba em argumentos circulares – concluiu Lucas.

Ele tirou um livro da mochila, chamado “Religião e Ciência” de Bertrand Russell. Eu e Emílio nos entreolhamos com uma careta.

Lá foi Lucas, todo orgulhoso, ler um trecho:

– "Minha conclusão é que, enquanto é verdade que a ciência não pode decidir sobre questões relacionadas a valores, isso ocorre devido ao fato destas questões não poderem ser decididas, de modo algum, intelectualmente, pois estão fora do domínio da verdade ou falsidade”.

– Ótimo, problema resolvido – aplaudiu Emílio – não adianta debater ética pela filosofia, já que o senhor Russell nos proíbe de fazer isso. Eu acho que o entendimento do certo e do errado é algo que já nasce dentro de nós.

– Então por que estudar mandamentos se basta seguir a consciência? – perguntou Lucas.

– Porque embora usar o senso comum seja válido, ele não funciona todas as vezes. Pelo menos não desde o pecado original..

– Vou fingir que aceitei sua resposta – disse Lucas – e parar com a ontologia de uma vez por todas. Pelo menos por hoje. A maioria das pessoas não está nem aí em discutir a fundo a metafísica da Igreja, porque isso é complicado demais.

– De acordo com a lógica do senso comum, vários dogmas da Igreja parecem ilógicos – disse Emílio – mas muitas leis da física também fogem ao senso comum. Isso não significa que são falsas. Quem iria adivinhar que o tempo é relativo, não é mesmo?

– OK, pare – disse Lucas – e passemos ao próximo tópico. Não faz a menor diferença prática na vida das pessoas se Deus é Uno ou Trino ou se a mãe dele era virgem. Nem mesmo faz diferença Deus existir ou não.

– Seguindo essa lógica, não faz a menor diferença se o número 2 é par ou ímpar – eu disse.

## Wanju Duli

– Isso faz diferença, porque áreas como engenharia se apoiam na matemática e com ela temos resultados práticos: podemos construir casas, computadores.

– Também é possível construir várias coisas com os ensinamentos teológicos – argumentei – e tratam-se de coisas muito mais importantes do que casas ou computadores, que é o entendimento da lei moral e sua aplicação.

– É possível entender isso sem teologia.

– Também é possível viver na floresta, sem casas, como fazíamos antigamente – eu disse – mas viver numa casa nos traz vantagens e seguranças que a floresta não tem. De modo análogo, seguir uma moral subjetiva, sem uma base teológica forte, pode nos trazer apenas uma vida repleta de ansiedades e medos, que poderiam ser evitados com a crença firme e absoluta no Senhor.

Lucas me lançou um olhar mortífero.

– Estou de olho em você, cara – disse Lucas – você sempre sabe usar esses argumentos pretensamente inteligentes que tira não sei de onde. E que, assustadoramente, funcionam. Até mesmo eu reconheço isso.

– Meu conhecimento não seria nada sem minha fé em Deus – eu disse.

– E ainda vem com essa falsa humildade para cima de mim para ostentar bondade – observou Lucas – e provar que, até mesmo na prática, você coloca a fé e a busca da virtude acima de todas as coisas, inclusive do conhecimento. Bem, como vocês seminaristas só fazem isso da vida, pelo menos era de se esperar que ao menos nisso fossem bons. Você é seminarista, certo?

Confirmei.

– Você não tem cara de seminarista – ele apontou para Emílio.

– Infelizmente vou ter que te desapontar, cara – disse Emílio – pois estou na mesma situação do Demian.

– Então seu nome é Demian – Lucas olhou para mim de novo – é por causa do livro do Hesse?

Até fiquei surpreso por ele não perguntar se o nome de Emílio era por causa do livro de Rousseau. Talvez até fosse mesmo.

– Exato – eu disse – meu pai escolheu, porque admirava o autor.

## Demian

– Engraçado que o Demian do livro tem umas ideias completamente heterodoxas sobre o cristianismo – disse Lucas – está até mais para gnóstico. Ele até mesmo menciona Abraxas. Mas vamos deixar isso de lado e falarmos sobre os tópicos mais espinhosos do catolicismo.

– O que você considera mais espinhoso? – perguntei.

– Irei pescar qualquer tópico aleatoriamente que faça diferença na vida das pessoas – decidiu Lucas – como o aborto. O argumento de vocês é que existe uma alma, certo? Mas o próprio São Tomás não diz que a alma só se forma depois de certo tempo?

– É importante ressaltar que embora Tomás seja um dos teólogos mais importantes da Igreja, as ideias dele não representam a Igreja em si – disse Emílio – até porque alguns teólogos discordam uns dos outros em certos pontos. No final, deve prevalecer as regras oficiais atuais do Vaticano.

– As regras que o papa inventa da cabeça dele – concluiu Lucas.

– A proibição do aborto não existe apenas para agradar as pessoas e fazer o que é conveniente – disse Emílio – faz parte do mandamento de não arrancar uma vida. Vocês, secularistas, gostam de usar uma série de argumentos essencialmente empíricos, baseando-se somente no corpo. Argumentam que um feto mal tem consciência de si mesmo, então devemos medir essa situação somente com base no nível de dor e consciência dos sentidos físicos. Medem quem vai sofrer mais ou quem vai sofrer menos na situação para determinar a coisa certa a fazer. Mas a coisa certa não é necessariamente medir matematicamente um sofrimento mental ou corporal. A coisa certa é cumprir os mandamentos em todas as circunstâncias, sem abrir exceções. É por causa das exceções que existe roubo, mentira e assassinato. Se todos cumprissem à risca essas proibições, viveríamos não num mundo perfeito, mas mais justo.

– Você consegue ficar sem mentir em todas as circunstâncias? – perguntou Lucas.

– Não – admitiu Emílio – mas quando eu me esforço para fazê-lo na maior parte delas, aumento minhas chances de falar a verdade e isso resulta num mérito. Se eu já partir do pressuposto de que posso mentir às vezes, acabarei cometendo ainda mais erros.

– Você acha que o mais importante é a intenção do que o ato em si, não é?

– É isso que define o ato como moral ou não – disse Emílio – embora algumas ações sejam intrinsecamente más em todas as circunstâncias.

– Mudando um pouco de assunto, o que me diz sobre Darwin? – perguntou Lucas – não contraria o ensinamento do Gênesis?

– Não a interpretação ética e espiritual da Bíblia, mas somente a histórica. O próprio Darwin não vê conflitos entre a religião e a evolução, e nem eu mesmo vejo – disse Emílio – ele diz, em *A Origem das Espécies*: "Não vejo nenhuma razão válida para que as opiniões expostas neste livro ofendam os sentimentos religiosos de ninguém" e "Não me parece haver qualquer incompatibilidade entre a aceitação da teoria evolucionista e a crença em Deus".

– Você já fez muitas perguntas para nós – observei – então posso fazer uma para você?

– À vontade – disse Lucas.

– Você se sente bem num mundo sem Deus, governado pelo acaso, sem lei e sem ordem, em que a vida acaba com a morte e a matéria é o fim de tudo? – perguntei – por mais que eu me esforce, não consigo pensar num motivo são para alguém escolher essa solução metafísica como base de sua vida, quando existem outras teorias mais otimistas, mais estimulantes e até mais lógicas, que abrem mais possibilidades. Já ouviu falar na teoria de que na hora da morte acontece conosco exatamente aquilo que reflete nossas crenças, como nos sonhos? Schopenhauer nos lembra que a morte seria um estado muito similar ao sonho ou ao desmaio. Quando sonhamos, vivemos em nosso mundo mental, com nossos medos, esperanças e crenças. Com base nisso, um cristão, além de ter mais confiança e otimismo e ter bons sonhos, ainda pode ter a esperança de na morte habitar o céu de sua crença. Como você responde a isso?

Lucas ficou confuso por um momento.

– Eu me sinto à vontade num mundo sem Deus – ele respondeu – isto é, me sinto indiferente. Mesmo que a morte seja o fim, eu entendo que a vida continua num sentido biológico, já que nosso corpo retorna para a terra. Mas não acho que o ser humano permaneça com sua consciência e individualidade. Sobre essa teoria de que na morte ocorre uma projeção daquilo que acreditávamos em vida, acho altamente

## Demian

improvável. Mesmo que ela funcione para os sonhos, eu acredito que na morte cessa a consciência. Então seria o nada e no nada não há medos, pensamentos, tristezas ou alegrias.

– Está bem, eu só estava curioso – eu disse – obrigado por sua resposta.

Ao que parecia, a conversa ficaria por ali. Todos pareciam desapontados. Quando Lucas bateu na mesa e invocou um trovão, alguns pensaram que a discussão ia começar a esquentar. E, de fato, ela teve seus momentos. Mas no fim acabou de forma bem comportada.

Quando nos despedimos, pensei numa coisa.

– Lucas – chamei-o – eu tenho um anjo da guarda. Posso te apresentar a ele. Você quer conhecê-lo?

– O quê?

Eu ri da expressão dele.

– Sim, eu tenho um anjo que pode projetar um corpo material para si – expliquei – e acho que outras pessoas podem vê-lo também. Eu não me importo de mostrá-lo para meus colegas, pois eles já possuem fé. Mas talvez você possa se beneficiar desse encontro.

– Não sei o que dizer.

Eu me divertia com a confusão dele.

– A igreja deve estar vazia a essa hora e não terá mais missa hoje – lembrei – então posso chamá-lo lá. Que tal vir?

– Confesso que não estou muito curioso – disse Lucas – mas se isso vai te deixar satisfeito, irei acompanhá-lo.

Nós dois seguimos até a igreja universitária. Uma vez lá dentro, nos sentamos mais atrás. Eu discretamente concentrei-me e chamei meu anjo. Ajoelhei-me com meu rosário e rezei.

Lucas apenas ficou sentado lá, de braços e pernas cruzados.

– Eu preciso me concentrar ou algo assim? – ele perguntou – devo alterar meu estado de consciência?

– Seria bom, mas não é absolutamente necessário.

– Eu nem sei rezar direito.

– Não tem problema. Aguarde mais um pouco.

Mais cinco minutos se passaram. Lucas bocejou.

– Ele já está aqui? – perguntou Lucas – o que eu supostamente preciso enxergar? Uma luz branca? Ou algum galho de árvore vai baixar,

## Wanju Duli

como nas visões das profecias de Fátima? Se bem que não tem nenhuma árvore aqui dentro.... AAAAHHHHH!!!

Lucas soltou um berro. Ainda bem que estávamos somente os dois dentro da igreja.

Havia um anjo sentado perto de um vitral da igreja, lá em cima. Tinha as vestes brancas e duas asas enormes.

– Quer conversar com ele? – perguntei – posso chamá-lo aqui para vocês baterem um papo. Pode tirar suas dúvidas sobre Deus com ele.

– Eu não quero! – ele exclamou, com voz trêmula – mande-o embora!

– Não precisa ter medo – garanti – ele não vai te machucar.

– Isso é um truque, não é? – perguntou Lucas, voltando a si – alguém se vestiu de anjo. Você está me pregando uma peça!

Apesar disso, Lucas não parecia estar tão certo disso. Até mesmo ele devia ter notado que não havia meios de falsificar aquela imagem tão vívida. Não com a nossa tecnologia. Não daquela distância.

– Pode tocar nele, São Tomé – incentivei.

– Toque você! Eu não quero saber disso.

Ele se escondeu atrás de mim. Mas eu não iria desistir. Meus planos não eram converter Lucas e nem nada assim. Eu apenas desejava que ele vivesse aquela experiência e tirasse suas próprias conclusões.

## Capítulo 2

– Ele vai continuar lá em cima, Demian? Pensando bem, acho que não quero que ele desça.

Lucas agarrava meu braço com força. Nem éramos tão íntimos assim para ele fazer aquilo, mas acho que o medo faz isso com as pessoas.

– Como eu disse, é completamente seguro. Irei chamá-lo.

O anjo olhou na minha direção e deu um sorriso amável. Com um salto suave, como se estivesse planando no ar em câmera lenta, ele desceu até onde estávamos.

Ele estava de pé, exatamente na nossa frente. Lucas afundou as unhas no meu braço. Estava coberto de pavor.

– Como tens andado, Demian? É uma alegria te visitar aqui, no templo do Senhor.

– É uma grande alegria – eu disse – estou muito bem, obrigado. Hoje queria te apresentar um amigo. Este é Lucas.

– Muito prazer, Lucas. Estou ciente de que os humanos brasileiros se cumprimentam com apertos de mão. Podes apertar a minha mão sem medo, mas apenas caso te sintas confortável com isso.

– Diga a ele que não quero – Lucas sussurrou para mim – será que ele vai ficar zangado?

– Pode falar diretamente com ele, Lucas. Desculpe, ele ainda está com um pouco de receio.

O anjo baixou a mão, mas não pareceu desapontado. Já devia estar acostumado a lidar com situações parecidas.

Tomado de coragem, Lucas falou com ele:

– Você pode aparecer assim para qualquer pessoa? Seu Deus não vai te punir?

– Está tudo bem, não te preocupa – o anjo tranquilizou-o – por enquanto, está tudo sob controle.

– Como aprendeu a falar português?

## Wanju Duli

– Acabei aprendendo nesses últimos séculos, já que o Brasil é a maior nação católica do mundo – respondeu o anjo – embora, dentre as línguas humanas, eu fale melhor hebraico e árabe.

– Isso significa que o judaísmo e o islamismo são tão importantes quanto o cristianismo – observou Lucas – estou certo?

– Sim.

– Qual delas é a religião verdadeira? – perguntou Lucas.

O anjo sorriu.

– Não sei como te responder isso – confessou o anjo – quando falo com um cristão, converso sobre a Bíblia. Com um muçulmano, falo a respeito do Corão. O importante é a fé e o amor.

– Bem, ele é ateu – eu informei – então como vai falar com ele?

– Por que você contou isso pra ele, Demian? – ele pareceu embaraçado – é como falar para o presidente das associações de vegetarianos que eu como carne!

O anjo achou graça.

– Não há nenhum problema – o anjo garantiu – então tu não acreditas em Deus, é isso?

– Até hoje eu não acreditava – disse Lucas – agora que te vi, estou confuso. Você parece real. Se bem que a sua existência não prova a existência de Deus.

– Eu acredito que sou real – sorriu o anjo – e acredito que meu Deus ainda é mais real que eu. Mas peço que me perdoes, pois não tenho autorização para subir aos céus contigo e te apresentar ao Pai.

– Nem morto que eu ia querer isso! – exclamou Lucas – pois se Deus existir mesmo, vou ser mandado direto para o inferno!

– Não vai – disse o anjo – tu és uma boa pessoa.

– Como você pode saber disso?

– Eu apenas sei – explicou o anjo – tenho algum poder de penetrar no coração dos humanos, mas não te preocupa. Não invado a privacidade de ninguém. Apenas espio superficialmente e posso ver muito amor em ti.

– Qual de nós tem mais amor? – perguntou Lucas – eu ou Demian?

– Desculpa, isso não posso responder. Até porque, não é bem assim que se mede, não é com números. É com sensações. A sensação que sinto ao estar diante de cada ser humano é diferente. Pode haver

## Demian

categorias diferentes de sensações positivas, que não podem ser facilmente comparadas. Ambas emanariam energias boas, mas com diferentes graus.

– Estranhamente, eu acho que entendi – disse Lucas – isso significa que eu e Demian já temos vagas garantidas no céu, certo? Então não precisamos fazer mais nada. É só continuar mais ou menos como estamos e não vacilar.

– O teu pensamento é engraçado – o anjo sorriu – eu poderia dizer que, sim, de certa forma tu estás correto. Mas o certo seria eu dizer: “Mantém sempre a vigilância e tenta melhorar o máximo que pudeses”. Está bom assim?

– Eu aceito – disse Lucas – tem alguma outra forma de você me mostrar que Deus existe, que não seja me levando até o cara? Você tem algum retrato de Deus, ou algo do tipo? Não sei se permitem máquinas fotográficas no céu.

– Perdão, não tenho nenhum retrato de Deus – respondeu o anjo, ainda sorrindo.

– Que pena. Posso levar videogame para o céu quando eu morrer?

– Não pode levar videogame – informou o anjo, com a mesma naturalidade.

– Meu... – eu disse, cansando daquele assunto – pare de fazer perguntas ridículas. Você está diante de um anjo do Senhor! Devia aproveitar para perguntar algo mais útil.

Lucas me ignorou.

– Isso significa que não tem eletricidade no céu?

– Sem eletricidade.

– E por que vocês permitem instrumentos musicais e não permitem videogames? Vocês também têm preconceito com manifestações contemporâneas de arte?

O anjo ficou confuso.

– Não sei se o entendo – o anjo disse a mim.

– Nem se dê ao trabalho de tentar entender – recomendei – isso não é necessário.

– O que vocês fazem no céu o dia inteiro, se não tem videogame? – perguntou Lucas.

## Wanju Duli

– Temos deveres administrativos – explicou o anjo – e somos mensageiros do Senhor. Ajudamos as pessoas.

– Trabalho escravo – concluiu Lucas – e como é o inferno? Eles fazem coisas mais legais lá? Preciso saber, para me decidir como me portar daqui pra frente.

– Eu não recomendo – disse o anjo – tu já leste A Divina Comédia, de Dante Alighieri?

– Não inteiro – respondeu Lucas – mas se o inferno for mesmo daquele jeito, acho que não estou a fim de ir.

– Essa obra tem muito da teologia tomística – explicou o anjo – Dante inclusive se encontra no livro com santos como São Tomás de Aquino, São Boaventura, São Pedro e São João.

– Se encontra com eles no céu, eu espero...

– Gosto muito dos livros dos humanos, pois são sempre muito criativos – disse o anjo.

– No céu não há livros?

– É claro que há – disse o anjo – mas como os anjos costumam ter a memória muito boa, nem sempre precisamos registrar tudo em livros. Se bem que os arquivos do céu já possuem muito tempo de existência.

– Quanto? – perguntou Lucas, triunfante – cinco mil anos? Ou bilhões de anos?

– Não quero responder – sorriu o anjo.

– Mas que espertinho! – exclamou Lucas – muito bem. Eu vou arrumar um jeito de te fazer deixar escapar algum segredo importante.

– Como se você tivesse inteligência o suficiente para isso... – observei.

– Você já leu Finnegans Wake? – perguntou Lucas.

– Já – respondeu o anjo.

– Você entendeu?

– Não.

– Está aí um anjo sincero. E sobre a quadratura do círculo? Você consegue construir um quadrado com a mesma área de um círculo, usando apenas régua e compasso?

– Acho que não.

– Você consegue demonstrar o último Teorema de Fermat, de uma forma simples, que caiba em pouco mais que uma margem de um livro?

## Demian

– Não... pare de me fazer perguntas sobre matemática!

Lucas ficou feliz da vida por ter deixado o anjo exaltado. Mas o anjo não ficou brabo de verdade. Estava apenas achando tudo muito engraçado.

– Ficou só estudando teologia nesses últimos milênios e deixou a matemática de lado? – perguntou Lucas – que coisa feia, anjo!

– Fui criado à imagem e semelhança de Deus – informou o anjo – então não há meios de eu ser feio.

– Qual o seu país favorito aqui na Terra?

– Difícil dizer, pois eu gosto de vários. Mas eu diria que é a Arábia Saudita. Gosto de ir principalmente para Meca.

– Ahá! – exclamou Lucas, triunfante – você favorece os muçulmanos!

– Eu apenas me sinto muito bem ao redor deles, já que os muçulmanos possuem uma fé muito forte.

– Favoritismo! – insistiu Lucas – é por isso que o islamismo é a religião que mais cresce no mundo? É porque os anjos estão com eles.

– É a religião que mais cresce exatamente porque o islamismo possui muitos rituais obrigatórios – opinou o anjo – isso contribui para aumentar a fé das pessoas e consequentemente a força da religião. É inegável que quanto mais se realiza os rituais e se lê os livros sagrados, a paixão pela religião apenas aumenta. Isso tudo me deixa muito feliz, pois sinto o grande amor deles pelo Senhor.

– Viu só, Demian? – brincou Lucas – o seu anjo prefere os muçulmanos aos cristãos.

Eu dei de ombros.

– Meu anjo sabe o que faz – eu disse – eu também admiro os muçulmanos.

– Então por que fica falando tão mal dos protestantes? – perguntou Lucas.

– Eu não falo mal – defendi-me – eu apenas defendo a doutrina da Igreja Católica, mas admiro os cristãos de outras vertentes. Eu amo qualquer religião que louve a Deus.

– E o que vocês pensam a respeito dos budistas? – desafiou Lucas.

– Toda religião possui um sistema moral – explicou o anjo – e isso a torna válida.

## Wanju Duli

– Além do mais, Buda não rejeitou a existência dos Deuses hindus – eu expliquei – ele apenas disse que era possível atingir a libertação sem eles. Trata-se de outra metafísica.

– Então vocês defendem que toda metafísica é relativa? – perguntou Lucas.

– Não toda – eu disse – apenas uma parte, que o ser humano falha em explicar adequadamente em palavras. Senão, toda ela seria absoluta.

– Nem mesmo a língua dos anjos é perfeita para explicar isso – disse o anjo.

– Ei, anjo! – exclamou Lucas – eu quero que você me prove que Deus existe, com bons argumentos!

– E que bem isso faria? – perguntou o anjo – para aquele que duvida, mesmo que eu o colocasse diante do próprio Senhor, ele ainda não acreditaria. Assim foi dito em Lucas 16:31: “Abraão, porém, lhe disse: ‘Se não escutam a Moisés, nem aos Profetas, mesmo se alguém ressuscitar dos mortos, não acreditarão’”.

– Você está certo – disse Lucas – eu ainda continuo achando que, mesmo que você não seja uma alucinação, isso não prova que Deus existe. E mesmo que você fizesse um monte de milagres aqui, inclusive ressurreições, isso tampouco provaria a existência de Deus. Quem garantiria que você não é um demônio e está fazendo feitiçarias?

– De fato, não há como garantir – concordou o anjo – já que os humanos não conseguem ler o coração dos anjos da mesma forma que lemos os seus. De outra forma, tu saberias que não tenho a energia de um demônio.

– Você luta contra muitos demônios? – perguntou Lucas.

– Não é algo que faço todo dia – respondeu o anjo – mas acontece.

– Você tem uma espada?

– Eu tenho.

– É uma espada de fogo?

– Sim.

– Me mostra?

– Não.

Eu ri. O anjo já estava aprendendo como lidar com Lucas. Era melhor cortá-lo logo no início da conversa.

– É perigoso? – perguntou Lucas.

## Demian

- É claro – disse o anjo.
- Onde você guarda sua espada?
- Não vou dizer.

Dessa vez foi Lucas que riu. Ele começou a rodear o anjo, tentando descobrir.

- Posso tocar nas suas asas? – perguntou Lucas, empolgado.
- Pode.

– Para quem estava até com medo de apertar a mão dele, até que você está bem corajoso – observei.

Nem mesmo eu me permitia tanta liberdade com meu anjo. Eu o respeitava. Apenas de vez em quando fazíamos algumas piadinhas, mas era sempre algo leve.

Eu torcia para que Lucas não passasse do limite. Na verdade eu não estava muito preocupado, pois aquele anjo era muito gentil e tranquilo. Além do mais, ele era sábio. Certamente já havia lidado com tipos piores que Lucas e sabia até onde poderia lhe garantir liberdades.

Lucas tocou nas asas dele, com muito cuidado.

- É de verdade! – ele comentou, emocionado – que extraordinário!

Eu notei a emoção dele com clareza. Acho que até aquele momento da conversa ele ainda não estava absolutamente convencido de que o anjo fosse real. Quando o senti com as mãos, finalmente se convenceu.

Somente a visão e a audição não era o suficiente. Agora Lucas podia senti-lo e, já que estava perto, devia até perceber o odor diferente que emava em torno dele. Eu mesmo já havia me acostumado com aquele cheiro exótico. Era algo que, certamente, era de outro mundo. Eu nunca tinha sentido um cheiro parecido antes. Jamais imaginei que aquele odor fosse possível.

- Você não tem sombra – observou Lucas.
- Eu emano luz própria – explicou o anjo.
- Como você faz para se esconder à noite?
- Posso apagar essa luz conforme a vontade. Também consigo ficar invisível.

– Você está descalço e tenho certeza de que o chão da igreja não é limpo – disse Lucas – mesmo assim, seus pés não estão sujos.

## Wanju Duli

O anjo achava engraçadas as observações. Para ele, aquilo certamente não era nada de mais. Seria como um alienígena exclamando para nós: “As suas bocas emanam sons! Que extraordinário!”.

– Você come? – perguntou Lucas.

– Eu consigo comer, mas não preciso – disse o anjo.

– Você dorme?

– A resposta é a mesma.

– Deve ser divertido ser um anjo – disse Lucas.

– Eu sou grato ao Senhor – disse o anjo – mas alguns anjos possuem uma pequena inveja dos humanos, embora poucos deles confessem. É porque o Senhor ama muito os humanos. É claro que Ele também nos ama, mas é diferente. Nós habitamos junto ao trono de Deus. Então o Senhor sabe que estamos seguros. Mas Ele se preocupa muito com seus filhos na Terra, como um pai que não para de pensar no filho pródigo que partiu numa viagem.

– Vocês anjos possuem uma hierarquia? – perguntou Lucas.

– Sim.

– Você faz parte de qual? Da realeza ou da plebe?

– Faço parte da Ordem dos Principados.

– É a oitava das nove ordens – expliquei a Lucas.

– Então você está bem embaixo na hierarquia, hã? – perguntou Lucas.

Surpreendentemente, o anjo não se ofendeu com isso.

– Minha alegria é servir meu Deus – disse o anjo, simplesmente.

– Aquele tal de Metatron é o anjo mais poderoso entre vocês, não é mesmo? – perguntou Lucas – até eu já ouvi falar dele: o secretário de Deus. É o Anjo Supremo. O Anjo da Morte. É verdade que ele já foi um humano chamado Enoque? É verdade que ele foi o único que subiu aos céus sem passar pela morte?

O anjo não respondeu. Era uma das primeiras vezes que eu via meu anjo se calar. Quando não podia responder, ele apenas dizia algo como “Desculpe, não posso responder essa pergunta”. Mas dessa vez ele simplesmente ficou quieto.

– É verdade que Metatron e Jesus são a mesma pessoa? – perguntou Lucas.

– Pare – disse o anjo, seriamente.

## Demian

Lucas se calou. Meu coração bateu mais forte. Eu nunca vira o anjo assim tão sério. Senti medo.

– Lucas, é melhor você parar com suas perguntas sobre a hierarquia dos anjos – eu recomendei a ele – não se lembra que Lúcifer caiu por causa de orgulho? Orgulhar-se por estar numa posição superior da hierarquia e brigar por causa disso deve ser uma tentação que os anjos devem superar. Então não torne a situação pior.

– Não é nada disso – falou o anjo – é apenas porque estamos chegando muito perto de assuntos proibidos. Não quero cometer o pecado de prosseguir essa conversa e direcioná-la para onde ela jamais deve chegar.

– Entendi – disse Lucas – peço desculpas pelo meu atrevimento.

– Não te preocupa – disse o anjo – o erro foi meu por permitir que a conversa se estendesse. Tu não tinhas como saber até onde era permitido ir.

Eu me lembraria de manter aquilo em mente: jamais mencionar o nome de Metatron no futuro.

Havia um motivo bem claro para que o cristianismo não enfatizasse no estudo dos anjos: era parte dos sagrados mistérios. Saber mais a respeito da realidade metafísica dos anjos não passava de curiosidade intelectual. Ter conhecimento sobre os anjos era algo completamente desnecessário para a salvação. Havia aspectos da teologia muito mais relevantes para se estudar que poderia fortalecer nossas virtudes.

Mesmo assim, ficou um clima meio tenso no ar. Por isso, Lucas resolveu tornar a situação mais leve.

– Você está aí de pé – observou Lucas – esse tempo todo. Não quer se sentar com a gente? Embora esses bancos de madeira duros da igreja não sejam exatamente confortáveis.

O anjo aceitou e sentou-se conosco. Mas antes de sentar ajoelhou-se por um momento e rezou.

– É um lugar adequado para a oração – disse o anjo – pois sei que os humanos são sonolentos. Se os bancos fossem confortáveis demais, alguns poderiam acabar dormindo durante a missa.

– Também sou dessa opinião – confirmei.

## Wanju Duli

– Não tem algum milagre que você tenha permissão de fazer para nos mostrar? – perguntou Lucas – não para me convencer de que Deus existe. Só por curiosidade.

– Prefiro não empregar minhas capacidades para satisfazer curiosidades – disse o anjo – eu só as uso quando é necessário.

– Você é muito sério – disse Lucas – todos os anjos são assim?

– Sou sério? – o anjo sorriu – curioso, pois não me acho nem um pouco sério. E, assim como os humanos, os anjos são diferentes uns dos outros em várias coisas.

Respirei aliviado. Ele havia sorrido. Então tudo havia voltado ao normal.

– Você consegue ressuscitar os mortos? – perguntou Lucas.

– Consigo.

– Então se consegue fazer isso, deve ser capaz de feitos muito mais difíceis.

– Mas não posso reviver alguém indefinidamente – explicou o anjo – os seres humanos possuem um limite de tempo para permanecer na Terra.

– Então há limites no que Deus pode fazer?

– Para Deus tudo é possível – disse o anjo – mas eu possuo minhas limitações. E sem Deus eu não seria capaz de sequer mover uma folha.

– Sem Deus, eu não seria nem capaz de respirar – eu disse – sinto que sem Ele eu morreria instantaneamente.

– Vocês estão falando tudo isso em sentido figurado?

– É claro que não – eu disse – é melhor ir se acostumando. Na Bíblia, há no mínimo duas interpretações possíveis para cada frase. Há um sentido ético no que acabei de dizer. Eu quis dizer que sem o amor do Senhor eu me sentiria como um cadáver. Pois uma vida sem o cumprimento do dever, uma vida que não é voltada a fazer o bem, não faz sentido. Mas também há a interpretação literal: eu literalmente poderia cair morto no chão. Ou perderia literalmente a vontade de viver e acabaria por morrer mais cedo. E agora, a interpretação transcendente: meu espírito passaria a viver no outro mundo, ansiando por respirar, por voltar ao Senhor, que é minha razão absoluta de existir.

– Eu acho isso tudo muito maluco – disse Lucas – é ao mesmo tempo fantástico e insano que tantas pessoas no mundo respirem esse

## Demian

tipo de visão de mundo. O mais impressionante é que grandes intelectuais vivem dessa forma. Então não dá mais para dizer que religião é apenas falsa esperança para os ignorantes.

– Eu sinceramente ainda fico mais impressionado ao constatar que grandes intelectuais percam tempo jogando videogame do que dedicando a vida ao Senhor – observei, apenas para implicar com o que ele havia dito antes.

– Mas que absurdo! – exclamou Lucas, sentindo-se ofendido – existem jogos muito inteligentes, sabia? Tenho até um jogo aqui que posso mostrar.

Lucas tirou o videogame portátil da sua mochila e entregou para mim.

– Não quero – eu disse, imediatamente.

Por isso, Lucas entregou para o anjo. E ele começou a jogar. Parecia estar gostando.

Eu fiquei estupefato.

– Gosto mais do seu anjo do que de você – observou Lucas.

– Eu não pedi para que gostasse de mim.

– Você está sendo arrogante – observou Lucas – o objetivo máximo de sua vida não é o desenvolvimento de virtudes? Então você deveria ser mais gentil, seguindo o exemplo do seu anjo, que certamente só está jogando para me agradar.

– Não, eu realmente gostei do jogo – informou o anjo.

Lucas riu.

– Ele não mente – disse Lucas.

– Que jogo é esse? – perguntei.

– Kid Icarus.

Como eu não conhecia praticamente nenhum jogo, para mim deu no mesmo.

– Gostou do Pit? – perguntou Lucas.

– O nome dele começa com “P”, que nem o meu – observou o anjo.

Falando assim, o anjo parecia uma criança. Mas eu sabia o que havia por trás disso.

Jesus disse: “Eu lhes asseguro que, a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças, jamais entrarão no Reino dos céus”.

## Wanju Duli

O anjo já devia estar acostumado a lidar com qualquer tipo de pessoa. O seu objetivo era torná-las felizes, então ele devia estar preparado para interpretar qualquer papel.

– Nossa, mas você é bom, hein! – comentou Lucas, admirado.

Imaginei que fosse mesmo. O anjo tinha algumas capacidades impressionantes, como aprender rápido certas regras, ter reflexos e alta habilidade de concentração. Eu não duvidei que ele pudesse vencer facilmente em certos jogos.

Naquele momento, eu levei um susto. Alguém entrou na igreja. O anjo estava tão concentrado no seu jogo que nem reparou.

No segundo seguinte, fiquei aliviado ao ver que era alguém conhecido.

– Ah, é só você, Flora – eu disse.

– Como assim, “só eu”? – perguntou Flora, aborrecida, empinando o nariz – que estão fazendo aí no cantinho?

– E o que você está fazendo aqui? – perguntei.

– Vim rezar para meu Deus, é óbvio! – ela disse – não me diga que ficou amiguinho do ateu.

– Eu tenho nome, senhorita – disse Lucas.

– Seus argumentos contra o cristianismo foram bem fracos – observou Flora.

– Isso é o que você acha – respondeu Lucas – eu acho que meus argumentos foram ótimos.

– E quem é esse sentado com vocês, vestido de forma engraçada? Ele é um monge cartuxo? Sabe, sempre admirei São Bruno...

Pensando bem, Flora tinha razão. As vestes brancas do anjo realmente lembravam um pouco as vestes dos cartuxos.

– Mas que diabos! – exclamou Lucas, confuso – não me diga que realmente não reparou nas asas dele?

– Asas? – perguntou Flora.

Realmente, os olhos viam apenas aquilo que desejavam ver. Ela não tinha mesmo reparado nas asas enormes! Provavelmente pensou que fosse outra coisa, daquele ângulo. Foi só quando ela se aproximou de nós que finalmente notou.

## Demian

– O que é isso? – ela perguntou, com um pouco de medo – por que está usando asas? Que fantasia é essa? Está pintado de amarelo? Você está doente, ou... ele é cego?

Flora parecia muito confusa.

Ela mencionou que ele poderia estar usando uma fantasia. Ao mesmo tempo, ela certamente notou que havia algo de muito esquisito naquele homem. Não podia ser apenas uma fantasia falsa.

As asas eram bem reais, mas qualquer um poderia montar uma fantasia de asas com penas verdadeiras. A cor da pele era mais estranha. Seria difícil pintar a pele naquele tom, que parecia ser uma mistura de cor real de pele com uma cor impossível.

Nenhuma pessoa doente teria a pele naquele tom de amarelo, até porque não era exatamente amarelo. Era quase como atingir o ponto de um “vale da estranheza.” E os olhos eram talvez a parte mais impressionante.

Os cabelos pareciam quase normais, meio ondulados. Mas os olhos realmente pareciam os de um cego. Eu só notei isso quando ela mencionou. Era como se cada um de nós só fosse capaz de enxergar uma parte do anjo. Quando cada um dava seu relato, as peças iam se encaixando no nosso cérebro. As imagens se formavam lentamente na nossa retina.

– Esse é Poiel, meu anjo guardião – apresentei-o – Poiel, esta é minha colega de classe. Ela é uma virgem consagrada.

– O que é uma virgem consagrada? – perguntou Lucas – tem a ver com as virgens vestais, da Roma Antiga? Achei que esse rito já tinha caído há muito tempo.

– Ele voltou algumas décadas atrás – expliquei – foi aprovado pelo papa Pio VI. São mulheres católicas, normalmente leigas, que são consagradas pela Igreja a uma vida de virgindade perpétua para o serviço de Deus.

– Mas que grande bobagem! – riu Lucas.

– Respeite – eu requisitei, aborrecido – pois é um rito sagrado da Igreja.

Mas Flora nem estava nos ouvindo. Ela apenas fitava o anjo, boquiaberta. Acho que ela ainda estava tentando decidir se acreditava se ele era de fato um anjo ou não.

## Wanju Duli

Quando o anjo reparou nela, largou o jogo portátil e levantou-se. Fez uma reverência muito breve e ligeira, apenas por cortesia.

– É uma honra conhecer pessoalmente uma virgem consagrada – disse o anjo – sempre é uma grande alegria para mim conhecer aqueles que realizam algum tipo de consagração para servir ao Senhor.

Mas Flora nada dizia. Apenas permanecia a fitá-lo, temerosa. Ela o olhava como se ele fosse um boneco vivo que se mexia. Não parecia real e, ao mesmo tempo, talvez parecesse mais real do que qualquer um de nós.

– Demian – disse Flora, com voz falhando – o que é essa... coisa?

– É um anjo – repeti – é uma grande honra fitar um anjo assim, frente a frente. Por favor, peça que o cumprimente adequadamente. Não seja rude.

Flora começou a derramar lágrimas. E as lágrimas não pararam mais.

Ela ainda estava com medo. Tremendo de medo.

Por fim, Flora ajoelhou-se no chão e chorou com força. Chorou alto. Parecia estar sofrendo muito.

O anjo ficou preocupado. Ajoelhou-se ao lado dela.

– O que aconteceu, Flora? – perguntou o anjo, amavelmente – está tudo bem contigo? As lágrimas dos humanos sempre ferem meu coração.

Mas ela ainda estava com medo. Quando ele chegou perto, ela se afastou.

– Flora, está tudo bem – eu fui até lá – esse é meu anjo guardião. Meu amigo.

– O que é isso? – ela repetia – o que é isso...? Não pode ser real!

– Eu sei – eu falei, compreendendo totalmente a situação – também fiquei exatamente desse jeito quando o vi da primeira vez.

– Vocês cristãos são engraçados – comentou Lucas – vivem dizendo que acreditam em Deus. Mas quando veem uma aparente prova de que Deus existe, debaixo do nariz de vocês, se espantam, choram e morrem de medo. Será porque vocês no fundo não acreditavam? Será que essa fé de vocês é assim tão forte? O natural para um cristão após ver um anjo seria apenas cumprimentá-lo normalmente, como cumprimentam qualquer outra pessoa. Afinal, vocês não servem Deus no serviço ao

## Demian

próximo? Ou só se fingem de bonzinhos quando um anjo ou um Deus está na frente de vocês?

Ignoramos Lucas, embora ele tivesse um bom argumento.

O anjo segurou a mão dela, levemente. Dessa vez ela permitiu.

– Viu só? – eu sorri – não vai te fazer mal.

Nesse momento, ela ficou maravilhada. Todo o seu medo se transformou em emoção e alegria.

E, sem aviso, Flora abraçou o anjo, derramando ainda mais lágrimas. Poiel abraçou-a de volta, num sorriso de quem acabou de receber um presente precioso: a alegria daquela menina.

– Eu nunca tinha visto um anjo antes – ela confessou – pelo menos não assim. Até hoje, só tinha sentido a presença.

– Tens alguma pergunta para me fazer, Flora? – perguntou o anjo.

– Muitas! Por exemplo... você já viu Deus?

– Sim, eu já estive na presença do Senhor – respondeu o anjo – embora Ele seja tão magnífico que eu vire o rosto para não fitar a Sua face. Mas não posso dizer mais que isso.

– Compreendo – ela disse – por que há alguns mistérios que nós não podemos conhecer?

– Porque faz parte dos planos de Deus que não os conheçam – explicou o anjo – o Senhor já sabe tudo com antecedência. Conhece o destino de todos, até o dia do Juízo Final. E para que as coisas se mantenham dessa forma, os segredos devem permanecer ocultos.

– Suponho que sim – disse Flora – isso faz bastante sentido para mim. Será que existem demônios que buscam nos tentar para que desejemos conhecer os segredos proibidos?

– Existem demônios que nos tentam a fazer diversas coisas proibidas pelo Senhor – disse Poiel – eles usam especialmente as tentações com argumentos falaciosos. Mas quando Deus nos coloca uma proibição, Ele tem altas razões para fazê-lo. Então, devemos obedecer. A obediência é uma das virtudes mais desafiadoras e preciosas. Muitos encaram essa virtude como subserviência, mas não é assim. É a coisa mais sublime do mundo obedecer fielmente a um mandamento elevado.

– Concordo plenamente! – exclamou Flora, com alegria – para mim, é a maior felicidade do mundo poder servir meu Deus.

## Wanju Duli

– As pessoas elogiam muito a capacidade de liderança e a habilidade de comandar – disse o anjo – mas eu diria que a habilidade de obedecer é muito mais difícil. É claro que para comandar é necessário sabedoria e somente Deus possui a sabedoria perfeita para estar nesse posto. No entanto, obedecer também exige sabedoria e uma série de outras virtudes, especialmente a humildade. E a humildade é a virtude máxima do cristianismo, que somente é plenamente vivida na obediência. E só podemos obedecer de todo nosso coração quando existe o amor e a fé.

Flora derramou mais lágrimas.

– Nesse momento, queria ter vida eterna – ela confessou – somente para permanecer aqui ouvindo teus ensinamentos maravilhosos até o fim de meus dias!

– Mas tu tens vida eterna, querida Flora – disse o anjo, com bondade – tua alma é imortal e vem do Senhor. E para Ele retornará.

– Estou feliz – ela pronunciou, em meio a seu choro – não tenho palavras para dizer o quanto. Amanhã será a missa mais feliz da minha vida. Quero comungar. Quero ser uma com Cristo.

Flora ainda fez uma série de perguntas, que o anjo respondeu com toda a paciência. Enquanto isso, Lucas continuava o jogo de onde Poiel parou. E eu somente escutava com atenção a conversa dos dois.

Achei as perguntas de Flora muito inteligentes. Ela era uma moça muito sábia. Eu estava descobrindo aquilo agora.

Eu devia parar de julgar as pessoas. Apenas porque ela falava de forma rude com quase todos, eu achava que ela era uma pessoa má. Mas não era bem assim.

Ali, diante de mim, eu via uma garota sensível e esperta. Uma mulher cheia de fé e apaixonada pelo catolicismo. As palavras dela e o exemplo de vida dela me inspiraram naquele momento.

Mas logo a magia foi se desfazendo, conforme Flora adquiria certa intimidade com o anjo. Estavam começando as perguntas idiotas. Eu sabia que ia chegar nisso! Lucas também teve seu momento. Eles não iam deixar passar.

– Você consegue voar com essas asas? – ela perguntou.

– Consigo – ele respondeu – mas eu voaria mesmo sem elas.

– Até onde você consegue voar? Pode visitar outros planetas?

## Demian

– Eu até poderia, mas no momento não há muito que fazer em Marte ou Vênus.

– Há vida inteligente em outros lugares distantes? Em outras galáxias?

– Não tenho certeza se posso responder essa pergunta, então acho mais seguro não dizer – decidiu o anjo.

– As suas vestes são tão macias e cheirosas! Que amaciante você usa na sua máquina de lavar?

Nesse momento, Flora fez uma coisa inconveniente. Ela segurou a barra das vestes do anjo e cheirou-a. Passou-a pelo próprio rosto, encantada pela maciez.

Por um momento, o anjo reagiu. Ele apenas surpreendeu-se levemente, mas não fez nada. Apenas deu um leve riso e continuou a sorrir.

“Flora, é melhor não fazer nada que não deve” pensei, nervoso. A última coisa que eu queria que um dos meus amigos idiotas fizesse era irritar o anjo. Eu não o queria destruindo nossa igreja com uma espada flamejante, para que a ira de Deus se abatasse sobre nós. Eu nem mesmo tinha certeza se nós sairíamos vivos dali se o anjo se irritasse de verdade. Mesmo que o anjo fosse severamente punido depois de fazer algo assim, dificilmente nossas vidas seriam devolvidas.

Mas, se ele era um anjo, não achei que qualquer coisa que fizéssemos iria irritá-lo o bastante. Ele devia estar acostumado com a estupidez dos humanos. Seria capaz de perdoar um deslize nosso.

– Não tenho máquina de lavar – esclareceu Poiel, gentilmente – minhas vestes nunca ficam sujas.

– Que barbada! Assim é fácil. Por que Deus não criou os humanos com todas essas facilidades? Por que ficamos sujos, precisamos tomar banho e lavar as nossas roupas?

– Porque parte da vivência dos humanos é material – explicou o anjo – então precisam viver essas situações, que, em parte, são rituais de comunhão com o espírito. Somente porque há a sujeira é possível ficar grato com a limpeza. Porque há a fome, o homem agradece pela comida que Deus lhe provê. Como podes notar, é uma troca, somente possível devido a todas essas circunstâncias. Esse é o caminho da moralidade, somente plenamente trilhado pelos humanos.

## Wanju Duli

– E os anjos fazem o que, se não precisam se ocupar com todo esse trabalho que temos de cozinhar, lavar e limpar?

– Nós batalhamos, ensinamos, organizamos a papelada do céu... há sempre muito a ser feito. Eu honestamente acho lindo que exista a necessidade de todo esse esforço para que os humanos sobrevivam. Somente assim é possível haver a gratidão mais sincera. Por isso a devoção dos humanos é muito especial. Da próxima vez que for cozinhar ou limpar qualquer coisa, te recorda que todas essas coisas foram presentes do Senhor, e são rituais elevados. Em vez de te sentires triste por ter todo esse trabalho, agradece e te alegra, porque o Senhor também se alegra quando ficamos contentes com Suas criações.

– Farei isso! – exclamou Flora, sinceramente emocionada – eu costumo cozinhar para meninos de rua nos fins de semana. Sempre me senti contente. Mas agora, me sentirei muito mais!

Eu não sabia que Flora dedicava os fins de semana para trabalhos de caridade. Eu a respeitei ainda mais.

– Então você nunca tirou as roupas? – perguntou Flora.

– “Nunca” é uma palavra meio forte – disse o anjo – eu já vivi muito.

– Você nunca fez sexo? – perguntou Flora – os anjos podem fazer sexo entre si?

– Flora!! – eu exclamei, chocado – fica quieta! Por favor, Poiel, perdoe a pergunta infeliz. Ignore completamente. Não é necessário responder...

– Não se preocupe, Demian – disse o anjo; e voltou-se para ela – pode ser meio difícil explicar isso, mas não temos corpos materiais como os seus, embora meu corpo pareça material aos teus olhos.

– Não apenas aos meus olhos, mas às minhas mãos – disse Flora – e aquela história de que Samyaza fez sexo com mulheres mortais?

– Ah – disse o anjo – é uma Lei absoluta. É completamente proibido que anjos se envolvam amorosamente com humanos. Especialmente no sentido carnal. Embora não tenhamos corpo, nós temos espírito e no momento do sexo os dois se tornam uma só carne. Não é mais Ágape, e sim Eros. Essa união carnal de anjos e humanos é um dos pecados mortais. Não há perdão para algo assim.

– Por quê? – perguntou Flora.

– É um dos sagrados mistérios.

## Demian

– Então, se você consegue fazer sexo, significa que tem órgãos sexuais – concluiu Flora.

O anjo não respondeu. Aquela era a segunda vez que aquilo acontecia. Eu empalideci. Eu precisava fazer com que Flora calasse a boca, antes que outra situação grave fosse criada.

– Você tem órgãos sexuais de homem ou de mulher? – perguntou Flora – ou os dois juntos?

– Sinto muito, mas não posso responder.

Fiquei momentaneamente aliviado. Mas o alívio durou pouco.

– Você usa alguma outra roupa debaixo disso? – perguntou Flora.

E, sem aviso, Flora levantou levemente a barra das vestes de Poiel e espiou.

Ele deu um salto para trás no mesmo instante, num susto. Felizmente, Flora apenas levantou uma pequena porção das vestes. Acho que foi uma brincadeira. Ela não pretendia espiar de verdade.

Mas dessa vez o anjo não gostou da brincadeira. Não ficou apenas sério. Agora sim, era definitivamente a primeira vez que eu via uma expressão aborrecida no rosto dele.

– Está tentando me matar? – perguntou o anjo, com seriedade.

– O quê? – perguntou Flora.

– Não creio que eu tenha deixado claro o quão séria é essa regra – explicou Poiel – apenas um toque com segundas intenções ou um beijo incorre em falta grave. Eu até poderia ser enviado direito para o inferno por causa dessa brincadeira, sabia?

Flora não quis acreditar.

– Eu seria enviada e não você, querido Poiel – disse Flora, tentando consertar – porque é evidente que a culpa foi exclusivamente minha. Peço perdão. Isso jamais irá se repetir.

Poiel respirou fundo.

– Também peço desculpas – ele disse – me assustei à toa. Eu só me assusto com isso porque às vezes tenho dúvida da minha capacidade em resistir ao charme dos humanos. Vocês são muito graciosos. Mesmo se uma donzela me segurasse de brincadeira, eu poderia acabar cedendo. Isso incorreria em pecado mortal, pois haveria culpa da minha parte também.

Eu observava toda aquela situação completamente surpreso.

Eu não conhecia aquele lado de Poiel. É claro que eu não falava com ele sobre isso. Eu somente despejava todos os meus problemas em cima dele. Eu nunca perguntei a ele antes: “Está tudo bem com você, amigo? Há algo em que eu possa ajudar?”

Sempre vi os anjos como seres quase invencíveis, que já tinham ao menos superado nossas paixões pelas coisas do corpo, já que eles não tinham o nosso corpo material. Mas aparentemente, alguns desejos ainda permaneciam.

Reparei que Flora ficou um pouco sem jeito após a confissão do anjo. Ele havia praticamente declarado que sentia desejos sexuais por ela.

Poiel ainda parecia meio perturbado. Por fim, disse:

– Acho que devo partir. Preciso me acalmar e me confessar.

– Os anjos também se confessam? – perguntei.

– Para o príncipe de nossa Ordem. Depois nos falamos melhor, Demian. Foi um enorme prazer conhecer a todos.

Com essas palavras, ele desapareceu.

Flora foi sentar-se conosco.

– Demian, me faz uma promessa?

– O que é, Flora?

– Promete que nunca mais me mostra teu anjo de novo. Porque ele se apaixonou por mim e, depois de ouvi-lo dizer essas coisas, acho que me apaixonei por ele também. E não tenho intenção nenhuma de matá-lo e de me matar.

Por alguma razão, eu já desconfiava que ela diria algo assim.

– A promessa está feita – eu disse – ele é um anjo confiável. Duvido que vá procurá-la por vontade própria, especialmente após saber da promessa que te fiz.

– Obrigada.

E ela saiu da igreja.

– Que viagem – comentou o calouro, enquanto jogava seu jogo portátil – eu acabei de ver um anjo. E o anjo se apaixonou por sua colega. Não sei o que pensar disso. É muita informação nova para o meu ateísmo.

– E o ateísmo continua firme e forte?

– Surpreendentemente, sim. O anjo ficou tanto tempo conosco que acabei me acostumando com a presença dele. Mas acho que volta e meia

## Demian

vou acabar concluindo que foi só uma alucinação, e tudo voltará ao normal.

– Normalmetne as pessoas levam experiências como essa pelo resto da vida.

– Meu ateísmo é forte, cara. Assim como sua fé não seria facilmente derrubada por um argumento idiota ou com uma aparição do nada absoluto após a morte.

– Tem razão – concordei – não sei explicar porque, mas de certa forma fiquei contente em saber que suas concepções de mundo não mudaram só porque viu meu anjo. Você não é um mero supersticioso que se impressiona facilmente.

– Não sou.

– Te respeito por isso.

– Obrigado.

Ali estava um adversário digno. Eu me encantava com adversários assim. Eu quase podia imaginar Lucas no céu diante do próprio Deus, afirmando na cara dele que Ele não existia. E se Poiel estivesse certo, Lucas ia acabar indo para o céu mesmo. Ainda poderia ter essa oportunidade de desafiar Deus frente a frente e tornar-se um novo Lúcifer epistemológico.

Naquela mesma noite chamei Poiel de novo no seminário e informei-lhe sobre a promessa que fiz com Flora. Ele ficou contente em saber disso. Julgou-a uma pessoa séria. A partir dali, não haveria novos contratemplos. Os dois pareciam contentes e decididos a não se verem mais.

Resolvida essa questão, passei a me concentrar mais nos encontros da Flolan.

Eu fazia parte de uma sociedade secreta de ocultismo, que se reunia somente uma vez por semana. Para mim estava bom. A maior parte das reuniões eram conversas informais, palestras ou uma mesa redonda para debates.

Também havia uns poucos rituais. Coisas leves. Tudo super tranquilo. Era assim que eu gostava.

Eu me divertia em conversar com ocultistas, pois em geral eles possuíam a mente muito aberta e receptiva a novas visões de mundo. Era

realmente um deleite debater com eles o que eu sabia sobre catolicismo e escutar os argumentos deles.

A conversa daquela vez foi sobre gnosticismo. Achei que eu poderia contribuir bastante.

– Eu respeito o gnosticismo – deixei claro – na verdade, eu respeito tudo. Não consigo pensar em algo que eu não respeite. Admiro outras religiões, especialmente as abraâmicas. E considero o gnosticismo primitivo um fenômeno importante para a Igreja. Se não houvesse ideias semelhantes e rivais das quais precisasse se defender, talvez a teologia não tivesse se desenvolvido tanto nos primeiros séculos depois de Cristo.

– Que tipo de problemas você vê na ideia de separar um Deus bom e um Deus mau? – perguntou-me Gregório, o líder da sociedade.

– Não enxergo problemas reais na maior parte das ontologias que compõem as religiões – respondi – são apenas tentativas imperfeitas de traduzir em palavras algo que não pode ser traduzido. Mesmo assim, eu me acostumei com a teologia católica. Não sei se é somente questão de costume o fato de eu considerá-la verdadeira. Acabei por amá-la. Quando me dei conta, este amor já tinha penetrado nos meus ossos e no meu coração. A partir de então, qualquer outra ideia, por mais inteligente que parecesse, não poderia mais me tocar. Porque meu coração já estava preenchido.

– Então seus motivos de abraçar o catolicismo são mais emotivos do que racionais – concluiu Gregório.

– Imagino que seja assim com quase todos nós – eu disse – de qualquer forma, uma teologia com um Deus bom muito mais poderoso do que um Diabo que era mero personagem secundário e menos forte me agradava. Era a ideia do bem prevalecer sobre o mal. Pode soar uma ideia meio infantil e ingênua, de histórias para crianças. Mas acredito que precisemos dessa mitologia, para perceber que há algo totalmente real por trás dessas histórias: o objetivo máximo do ser humano, que é o desenvolvimento moral.

– O que acha de identificar Deus com o espírito e o Diabo com a matéria?

– É uma analogia interessante, mas se não for manipulada com cuidado pode gerar fanatismos – opiniei – mesmo no catolicismo, em que acreditamos que o corpo material vem de Deus, nós já realizamos

## Demian

mortificações, apenas porque o espírito é mais puro. Então imagine se desprezássemos completamente a matéria. Alguns poderiam interpretar esse ensinamento de forma radical e flagelar o corpo a ponto de quase se matarem. Os prazeres do corpo não são errados, quando desfrutados com sabedoria e moderação.

Após aquela reunião, quando retornei para o seminário, peguei um livro que há muito tempo não lia. O livro que meu pai havia lido na adolescência para tirar a ideia do meu nome. Achei esse trecho inspirador:

*"Não creio ser um homem que saiba. Tenho sido sempre um homem que busca, mas já agora não busco mais nas estrelas e nos livros: começo a ouvir os ensinamentos que meu sangue murmura em mim"*

Aquilo era poderoso. Por muito tempo, busquei a sabedoria nos livros. Também busquei a sabedoria fora de mim, nas tantas conversas e debates que já tive. Mas será que já não estava na hora de escutar mais atentamente os ensinamentos do Espírito Santo?

Quando eu rezava, eu direcionava minhas palavras para o Pai. Quando eu vivia no mundo, trocando experiências, era quase como vivenciar o Filho que se fez carne. Porém, meu momento de orações silenciosas seria minha conversa reservada com o Espírito Santo.

Meu anjo havia me guiado até ele. O meu anjo era o mensageiro do Senhor. Ele me direcionou para Deus. E agora, poderíamos conversar.

O livro chamado "Demian" contava a história da juventude de Emil Sinclair. Ele vê na figura dos pais e no seu lar algo sagrado e pacífico, em meio a boa educação, os bons costumes e leituras da Bíblia. Mas existe um segundo mundo, diferente desse mundo luminoso, que começa a crescer, principalmente dentro dele.

Aquilo era completamente diferente do que havia acontecido comigo. Eu lembrava do meu lar como um inferno. Meus pais bêbados. Meu pai criminoso, minha mãe prostituta. Eu não tinha um minuto de paz.

Por isso acabei gostando tanto de estudar. Eu queria passar o maior tempo possível na escola. Permanecia lendo nas bibliotecas do colégio, porque somente assim eu era capaz de escapar, momentaneamente, do inferno que era minha vida.

Era verdade que minha mãe havia me introduzido às missas e às leituras da Bíblia. Mas essa era a única coisa boa que eu me lembrava.

Será que, no fundo, não era o mundo perfeito que Deus destinou para mim?

Eu só precisava da minha fé e de um universo turbulento. Entre Deus e a porcaria da vida que eu tinha, não restou nenhuma dúvida. É claro que eu aceitava trocar aquela coisa horrível por Deus.

Para os outros foi mais difícil: tiveram que largar família, amigos, uma vida de pequenos prazeres agradáveis. Nunca tive nada daquilo. Não havia o que largar e o que pensar. Por isso, o seminário para mim foi uma escolha natural. Simplesmente porque nunca houve escolha nenhuma.

Somente naquele ponto comecei a me perguntar: eu realmente queria ser padre? Eu vivia no seminário há quase seis anos. Mas não fui lá somente para fugir das dificuldades? Encontrei refúgio em Deus, mas eu teria mesmo uma vocação?

A maioria dizia que sim. Eu já tinha ouvido muitas vezes que eu havia “nascido para ser padre”. Aquilo ficou na minha cabeça. Se os outros diziam que sim, por que seria eu a questionar? Mas não era exatamente eu o maior conhecedor de meu coração?

O catolicismo era meu destino. Disso nunca tive dúvidas. Restava apenas saber se eu queria viver como leigo ou como sacerdote. Ainda daria tempo para pensar.

Mesmo assim, até concluir meus estudos eu decidi que permaneceria no seminário. Afinal, o seminário pagava tudo: além de me dar um lugar para ficar, pagava minha faculdade. Se eu de repente desistisse de ser padre, onde eu viveria? Não estava tão a fim de voltar a morar com minha mãe, que levava seus clientes para sua casa. Além disso, eu perderia minha vaga na faculdade, pois não poderia mais pagar.

Teria que passar o resto dos anos seguintes estudando muito, até ser aprovado numa faculdade pública. Além do mais, lá não tinha teologia e era exatamente o curso que eu queria. Eu não saberia mais o que fazer da vida.

Por isso, resolvi não pensar. Não ia mais me questionar, ao menos pelos próximos três anos, se eu tinha ou não uma vocação. Depois daquele tempo, eu faria minha decisão.

Logo achei um novo trecho no livro:

## Demian

*"A vida de libertino é uma das melhores preparações para o misticismo. Sempre são indivíduos como Santo Agostinho que logo se tornam videntes. Também ele começou entregando-se ao prazer"*

Mas comigo foi diferente. Eu não conseguia deixar de pensar nisso. Eram comuns histórias, como a de Santo Agostinho e São Francisco de Assis, que começavam a vida vivendo as mais puras aventuras, entregando-se ao sexo, à guerra ou a qualquer outro prazer, às vezes trivial e outras vezes trágico. Não encontravam alegria nessas coisas e somente resgatavam a alegria perdida em Deus.

Eu não comecei assim. Comecei com uma vida de sofrimento e busquei Deus para me libertar. Eu nunca conheci o prazer e a alegria.

*"Gosto de ouvi-la [a música]; mas só como esta que o senhor toca, música totalmente incondicionada, na qual se sente que o homem conjura o céu e o inferno. Creio que a música me agrada por sua completa ausência de moralidade. Todo o resto é moral, e procuro algo que não o seja. O moral nunca me trouxe nada que não fosse doloroso".*

Ler esse trecho me trouxe uma dor no coração. Eu me lembrei que não conhecia realmente músicas. Só sabia as músicas da igreja. Aquele era meu universo. Eu só conhecia a canção da moralidade.

Eu tinha dezoito anos. Não queria desperdiçar minha adolescência, minha época gloriosa de revolta, sendo um cara certinho. Senão, ia passar o meu momento e eu iria me revoltar quando já fosse adulto e não teria desculpa nenhuma.

*Só muitos anos depois fui confirmar esta observação em um livro, um tratado de Leonardo da Vinci, no qual fala como é sugestivo e atraente contemplar-se uma parede que tenha sido cuspidada por muita gente. Diante daquelas manchas da parede úmida, Leonardo sentia o mesmo que Pistórius e eu diante do fogo".*

De que eu realmente precisava? Do fogo sagrado do Espírito Santo? Ou das cuspidas irreverentes dos jovens, que sentiam essa necessidade desesperada de gritar diante da loucura do mundo?

Quando terminei minha leitura, fechei o livro. E depois abri-o numa página, aleatoriamente. Eu li:

*"Gostei de estar um pouco enfermo e poder passar a manhã inteira de cama, após tomar suco de fruta, ouvindo minha mãe arrumar os aposentos contíguos e a criada conversar, lá fora, no portão, com o moço do açougue. A manhã sem colégio, em dia*

## Wanju Duli

*útil, era algo mágico e lendário: o sol entrava logo em meu quarto, mas não era o mesmo sol que obrigava o professor a fechar as cortinas verdes na sala de aula".*

E eu sorri. Esse trecho me deixou tranquilo, embora eu não soubesse na época o que significaria para mim. Dormi depois disso.

No semestre seguinte, um mundo completamente novo me aguardava. Uma única pessoa seria responsável por virar meu mundo de cabeça para baixo.

Essa pessoa se chamava Ofélia. A Ofélia, musa de Hamlet, a heroína trágica de Shakespeare iria trazer muita emoção e tragédia para balançar o Demian controlado de Hermann Hesse, sempre muito contido, tentando equilibrar uma vida de cuspe e de fogo.

Foi tudo muito rápido. Mas acho que aconteceu tão depressa porque, lá no fundo, eu já estava com essa vontade de largar o seminário e viver a vida que nunca tive.

Ofélia era um novo membro da Flolan, que recebeu permissão especial de admissão, mesmo tendo apenas 16 anos. Eu mesmo tive que esperar um ano para entrar no grupo, até completar 18, então considerei uma grande injustiça.

Acho que eu estava tentando impressioná-la com meus conhecimentos. Não sei direito o que aconteceu, mas acabei indo visitá-la na casa dela. Eu não fazia a menor ideia do perigo que era visitar uma garota em sua própria casa. Especialmente aquela menina.

Nós fizemos sexo da primeira vez que fui lá. Aquilo me assustou um pouco, mas assim que vi o sol e o arco-íris pela manhã eu me acalmei. E lembrei do trecho do livro de Hesse, sobre o sol. Realmente, aquele era um sol diferente de todos os outros que já vi.

Naquele dia também confidenciei com ela a infância difícil que tive. Eu não imaginava as consequências que aquela confidência teria.

Passei por algumas dificuldades, pois tive que conseguir um emprego para me manter na casa do estudante na faculdade. Felizmente, os padres, que me conheciam bem, ajudaram com o pagamento dos meus estudos mesmo depois de eu sair do seminário, pois eles gostavam muito de mim.

É vergonhoso contar isso em poucas palavras, como se não fosse nada, mas eu matei uma pessoa. Eu jamais imaginei que eu fosse capaz disso.

## Demian

Era como estar vivendo meu pior pesadelo.

Matei uma pessoa por causa de uma bobagem. Porque não me contive.

Num dia, eu estava alegremente conversando com meu anjo depois de ter encontrado a mulher da minha vida. Pouco tempo depois, meu anjo se afastou de mim, após eu ter cometido um crime.

Meu mundo foi por água abaixo. Eu sentia que até mesmo Deus estava me abandonando. Eu não me considerava mais digno Dele.

Mas eu não desisti. Rezei muito, fiz muita penitência, arrependi-me. Todos viam o quanto eu me esforçava naquela tentativa de readmissão com o divino, embora eu não estivesse fazendo nada disso para me mostrar.

Eu fui preso. Achei que minha infância tivesse sido difícil, mas meu tempo na cadeia foi pior.

Aprendi minha lição. E o tempo todo eu me perguntava porque eu nunca podia ser feliz. Logo quando arranjei uma namorada e minha vida estava começando a tomar o rumo que eu queria, aquele pecado me destruiu.

Até minha namorada me abandonou. Mas depois, quase que juntamente com Deus, ela voltou para mim.

Eu não entendia direito como era possível, numa única vida, haver aquela montanha de prazeres e desgraças.

Permaneci por um longo tempo numa clínica psiquiátrica e odiei tanto aquele lugar que quase desejei voltar para a prisão. O psicólogo queria tirar tudo de mim, até meus segredos mais obscuros. Eu não admitia que fizessem aquilo comigo, mas seria uma das únicas formas de reduzir a minha pena.

Quando eu finalmente saí da prisão, parecia que um novo mundo havia se aberto para mim. Eu não sabia mais onde estava o mundo real e o mundo falso. Foi como uma iniciação.

O mundo fora da prisão e fora da clínica parecia uma miragem.

Eu tive uma filha. E eu renasci novamente com ela.

Não estávamos mais somente eu, Deus e meu anjo guardião. Agora eu tinha mais dois anjos na minha vida: Ofélia, minha esposa, e Úrsula, minha filha.

## Wanju Duli

Um dia eu pensei que aquelas eram coisas pequenas. Casar e ter filhos um dia me soaram como coisas extremamente mundanas e superficiais, apesar de o catolicismo constantemente nos relembrar sobre a santidade do casamento.

Eu só entendi o que significava a santidade do casamento quando me casei com a mulher que eu amava.

Sim, nós discutíamos e tínhamos problemas constantemente, especialmente financeiros. Além do mais, Ofélia não acreditava em Deus. Nós dois éramos diferentes em muitas coisas. Mas qual era o problema em ser diferente? Se fosse para sermos iguais, Deus teria pegado uma forma de bolachinhas e nos feito todos da mesma forma. Mas não era para ser assim nosso mundo.

Um dia eu me julguei extremamente tolerante com as outras religiões. Eu respeitava todos os tipos de crenças e pontos de vista.

Até que eu descobri a existência de sociedades secretas de satanismo na internet. Aquilo me enfureceu. Como eles ousavam zombar do Senhor? Eram apenas crianças brincando com fogo. Achei uma afronta.

Mas a minha paciência só esgotou quando conheci um cara chamado Roberto. Eu jamais imaginei que um dia ele fosse se tornar meu melhor amigo.

O destino só podia estar brincando comigo. Eu havia me casado com uma ateuista ninfomaniaca. E meu melhor amigo seria um satanista sem noção que só sabia contar piadas ruins. Eu não estava mesmo com sorte.

– Poiel, eu sinto muito em ter que abusar de sua paciência outra vez, mas o Roberto deu um jeito de despertar aquele demônio de novo! Será que poderia me emprestar novamente o poder de sua espada?

Poiel respirou fundo.

– Por que estás te envolvendo com esses satanistas? – meu anjo me perguntou – eles só te desgastam. E me desgastam. Para mim é um imenso prazer te ajudar, mas eu fico sem energias com tantas lutas. Não é fácil. Essa garota que gerou esse demônio cometeu o pecado contra o Espírito Santo.

– Ela está no inferno?

– Está, mas ela gostou de lá. Nunca vi isso antes.

– Dizem que ela é psicopata – informei – deve ser por isso.

## Demian

Peguei minha bicicleta e fui até onde estavam os satanistas. Eles estavam ao redor de uma fogueira. Alguns estavam nus. Honestamente, eu não tinha medo deles, porque eu tinha a proteção de um anjo do Senhor.

Roberto estava possuído por um demônio. Estava se contorcendo todo no chão. Eu até recuei.

Poiel retirou a espada de fogo da cintura. Notei que nem todos os satanistas eram capazes de enxergar meu anjo. Mas alguns conseguiram. Até impressionei-me com esses: significava que eram fortes. Havia naquele círculo pessoas com muito poder espiritual. Então até mesmo ali era possível encontrar pessoas assim.

Isso diminuiu um pouco meu preconceito, mas não acabou com ele.

Roberto afundou uma faca no meu braço. Fazia muito tempo que eu não sentia uma dor tão intensa. Fiquei tonto por um momento e caí no chão com o sangue perdido.

– Ele está fora de si – informei ao meu anjo – é melhor acabarmos logo com isso.

Pronunciei algumas rezas. O anjo arrancou o demônio dele, que flutuou no ar.

O demônio era preenchido por fumaça negra, com dois chifres gigantes e olhos vermelhos. Hálito de enxofre. Eu mal conseguia me aproximar.

Mas Poiel foi até lá, sem medo algum. Já devia ter lidado com bestas piores. Ele apontou-lhe a espada.

– Subjugo-te, pelo sangue de Cristo!

O demônio bufou cada vez mais alto. Fez levantar o fogo e provocou um vendaval. Mas o anjo protegeu-se com o poder do Senhor. Ele tinha muita fé. O vendaval nem mesmo balançou suas vestes.

Eu, por outro lado, estava lutando contra meu medo, ao fitar aquela criatura de forma bestial. Pronunciei em voz alta um versículo de Levítico 17:7:

– “E eles não mais deverão oferecer seus sacrifícios aos demônios, aos quais eles se prostituem. Isso será uma estátua perpétua pelas suas gerações”.

O demônio foi domado e lacrado no interior de uma estátua de argila.

## Wanju Duli

Mesmo em uma luta como aquela, o anjo ficou ileso. Não sofreu sequer um arranhão.

Conversei posteriormente com ele após a luta, enquanto tratava da minha ferida do braço, que havia sido profunda.

– Você nunca se machucou numa batalha contra um demônio antes? – perguntei.

– É claro que já me machuquei – respondi ele, naturalmente – houve inclusive ocasiões em que já fiquei entre a vida e a morte. Mas nunca me importei de entregar minha vida por Cristo.

– Onde estão esses demônios tão fortes?

– A maioria que são fortes são os antigos, especialmente os anjos caídos. Felizmente, alguns deles não se interessam tanto pelos afazeres dos humanos e não os importunam.

– Fico aliviado em saber disso – eu disse.

Um dia, quando eu estava rezando sozinho na igreja, avistei outro anjo. Era uma das primeiras vezes que eu via outro anjo que não fosse Poiel.

Eu estava tão acostumado com a personalidade do meu anjo e com a energia emanada por ele, que nunca pensei como poderia me portar diante de outro.

Eu não sabia a que hierarquia pertencia aquele anjo. Poderia ser qualquer um. Talvez fosse até mesmo um forte e importante demais. É claro que um desses provavelmente não perderia seu tempo vindo até mim, mas era importante ficar sempre alerta.

Ele estava somente passando pelo alto da igreja. Era possível que se outros estivessem lá não o tivessem notado. Mas eu tinha os sentidos aguçados para os seres espirituais. Sempre foi assim.

O anjo percebeu quando o notei. Por isso, ele desceu até mim.

Fiquei um pouco nervoso. Era um misto de emoção, medo e reverência.

Como eu deveria me portar? Poiel não gostava que eu me ajoelhasse e fizesse reverência, pois dizia que só era permitido prestar reverência ao Altíssimo.

Mesmo assim, achei que faria parte da etiqueta que eu me curvasse, para dar ao anjo a oportunidade de me corrigir a seguir e me mandar levantar.

## Demian

Mas ele não fez isso. O anjo viu minha reverência e apenas me fitou. Aceitou-a, sem dizer nada. Ele sorriu.

– A bênção do Senhor esteja contigo – pronunciou o anjo.

– E contigo também – eu respondi, conforme o protocolo.

Provavelmente o anjo ficou surpreso que eu não tivesse me espantado com sua presença. Encarei-a como natural. E nem mesmo usei um título para me referir a ele.

Será que isso o aborreceu? Eu estava em dúvida. Caso tenha se ofendido, ele não demonstrou. Eu não sabia se eu podia tratá-lo por “tu” ou “você” da mesma forma que eu procedia com Poiel, mas eu fiz dessa forma.

Eu já tinha ouvido falar que havia anjos sem asas. Ou talvez fosse mais correto dizer que tinham anjos que escondiam as asas e sua aparência original e se disfarçavam de humanos. Caminhavam por aí, como pessoas comuns, na multidão. Eles viviam entre homens, para conhecer o coração dos homens. Afinal, muitos de nós só nos portávamos de forma bondosa diante de um anjo, mas assim eles veriam como realmente éramos no dia a dia.

E eu não estavam meramente me referindo a seres humanos bondosos, que eram tão gentis que se pareciam com anjos. Havia literalmente seres nascidos em outro mundo que vinham viver com os mortais. Uma ou duas vezes eu já senti uma energia diferente em certas pessoas e desconfiei. Mas nunca fui a fundo nisso.

Ali estava um anjo que não se importava em mostrar sua forma verdadeira a mim. Claro, eu nunca poderia ter certeza se aquela forma deles era mesmo a real ou se eles se transformavam em outro ser de aparência ainda mais pura no céu. Podia ser que eles simplesmente aparecessem diante de nós com asas e mantos para copiar as pinturas que os humanos fizeram deles através dos tempos. Era tudo um grande mistério. Mas certos mistérios devem continuar como mistérios. Eu já tinha compreendido isso há muito tempo.

Aquele anjo não tinha asas brancas. As asas eram num tom meio creme, ligeiramente amarelado, como páginas de livros antigos.

O tom de pele dele se parecia um pouco com uma pérola, brilhante e prateada, mas também meio creme ou dourada nuns pontos, dependendo da luz.

## Wanju Duli

As vestes não eram tão alvas e bem cuidadas como as de Poiel. Estavam até meio amassadas nuns pontos, ou simplesmente tinham dobras demais. Eram tantos os tecidos que eles se dobravam sobre si mesmos. Ele devia estar vestindo umas duas ou três peças de roupas diferentes, umas sobre as outras, como os antigos.

Diferente da face delicada e meio andrógina de Poiel, esse anjo tinha a face mais quadrada. Mesmo assim, era uma face perfeitamente lapidada. Tudo era quadrado nela: o queixo, o nariz, o formato do rosto, como se ele tivesse levantado de uma estátua viva.

A aparência desse anjo inspirava mais temor. Ele era mais alto que Poiel, sua face era mais séria, sua voz mais grave. Parecia-se mais com um homem, embora também não deixasse de emanar um estranho e vago ar feminino aqui e ali. Então eu nunca tinha certeza.

Ele sentou-se ao meu lado com o mesmo sorriso no rosto, observando-me com interesse.

E agora? Poiel disse que os anjos eram capazes de espiar o coração dos humanos, mas nunca penetravam além da conta. Mesmo assim, ele já devia conhecer, apenas com aquele olhar, meu grau de desenvolvimento espiritual.

– Estavas rezando? – ele me perguntou, interessado.

– Estava.

– Podes me ensinar uma reza?

Achei o pedido estranho, mas procedi conforme ele pediu. Ele já conhecia quase todas as rezas que lhe mostrei. Apenas não parecia conhecer umas mais recentes.

– Faz tempo que não venho para a Terra – contou-me o anjo – pelo menos uns cem anos. Então fiquei curioso para saber o que pessoas como tu rezavam nos dias de hoje. Mas é sempre assim: não importa quantos séculos se passem, a Igreja não muda muito.

– De fato, é assim – concordei – temos algumas rezas muito queridas para nós, que desejamos sempre passar às próximas gerações. Eu sinceramente acho muito romântico entoar uma reza que sei que já foi entoada há mais de um milênio por nossos irmãos do passado.

– Achas romântico? – ele repetiu, interessado – devo concordar. Até hoje, os humanos leem a Bíblia com a mesma devoção apaixonada.

## Demian

Mesmo quando encontram trechos que parecem dúbios e que não compreendem.

– Deus nos dá auxílio para que possamos penetrar no espírito da letra – eu disse – a Bíblia é muito antiga e os homens divinamente inspirados que a escreveram viviam no interior da tradição e cultura de seus próprios tempos. Por isso, acho que não devemos julgá-los. Para ler um texto antigo, é necessário penetrar no espírito da época em que foi escrito, em vez de julgá-lo apressadamente como falso e errôneo, com base nos preconceitos e valores de nossa própria época.

– O que tu dizes é verdade. Mesmo assim, sinto um tremor no teu coração quando tu o dizes. No fundo, não te dói um pouco ao não compreender o significado de certas tradições e dogmas?

– Eu não diria que é uma dor – respondi – eu não tenho a pretensão de entender tudo. Não acho que minha religião esteja errada. Em vez de questionar a veracidade de minha religião e a existência de meu Deus, sempre achei mais importante questionar a mim mesmo. Muitas religiões são antigas e foram fundadas por homens mais sábios que eu. Então por que eu deveria duvidar deles? Antes, duvido de mim mesmo. Faço como Descartes: antes, questiono minha própria existência do que a existência de Deus.

– Tu és realmente inteligente – elogiou o anjo – mas ainda te mantém preso aos valores de tua própria época.

– Não há como fugir disso – eu declarei – somos produto da época em que vivemos. Portanto, terei que conviver com isso. Vivo num tempo em que as pessoas lutam pelos direitos: direitos dos gays, das mulheres, dos negros, dos estrangeiros, da liberdade sexual. E é claro que muitas religiões antigas não conseguem acompanhar toda essa sede de liberdade. Pois liberdade hoje em dia virou sinônimo de poder se fazer o que quiser, quando quiser, seguir sua própria consciência e impulsos dos sentidos, sem prestar nenhum tipo de satisfação a ninguém. Mas não acho que seja bem assim. Elas abandonam as religiões porque não correspondem aos valores de seu tempo. Mas antes, por que não questionam seus próprios valores? As pessoas são arrogantes. Jamais admitirão que estão erradas e se apegam a sua sede por direitos e liberdade como dogma. Acham que isso está acima de tudo. Até acima do próprio Deus.

## Wanju Duli

– Deus jamais poderia errar, porque Ele é infalível – disse o anjo.

– Amém! Essas palavras são verdadeiras. Por definição, Deus jamais pode estar errado. No máximo, erram os homens, em sua tentativa débil de tentar traduzir a perfeição de Deus. Mesmo assim, eu confio nos sacerdotes da minha religião. Eles estudam muito e possuem muita fé. Eu acredito no Vaticano, no papa, na Santa Igreja. É claro que as mulheres, os gays e tantos outros devem defender os seus direitos! Jamais serei contra isso. Mas tudo tem seu tempo, tudo tem seu momento. As pessoas são apressadas e por isso preferem quebrar os mandamentos para ajudar seu irmão ou a si mesmos. Mas eles não sabem que os mandamentos estão até mesmo acima deles mesmos e de seus irmãos? É aí que entra o aspecto transcendente das religiões. Não se trata apenas de moralidade.

O anjo permitia que eu falasse e escutava, fascinado, quase em silêncio.

Talvez eu estivesse falando tanto para que ele me corrigisse onde eu havia errado. Mas ele não me corrigia. Em vez disso, fazia apenas comentários curtos, secos e quase frios.

Eu não sentia dele o calor que emanava de Poiel. Talvez eles tivessem apenas personalidades diferentes, mas o mesmo amor.

– Há até mesmo pessoas que aceitam matar alguém para salvar um amigo e com isso se corrompem e trazem o inferno para si – eu disse – nada pode justificar um assassinato, nem mesmo o ato mais sincero de amor ao próximo. É a Lei. Não pode haver exceções! Os homens se julgam mais espertos que Deus e seguem a própria consciência, cegamente. Eles dizem: “está tudo bem roubar um remédio que salvará a vida de minha mãe” ou “irei mentir só essa vez, para agradar esse homem tão gentil”. E com isso pensam que estão fazendo algo bom. Mas não estão. Só não descem ao inferno por causa da ignorância que possuem, pois erram ao pensar isto, sem o saber que o fazem. Eles só querem salvar o próprio corpo e reputação, e não se preocupam com o espírito.

Naquele momento, observei o anjo, para constatar se ele havia notado minha hipocrisia. Eu já tinha matado uma pessoa e não para defender alguém. Matei porque me senti ofendido com uma bobagem,

## Demian

porque meu ego foi atacado. O anjo conhecia essa sombra do meu passado? Poderia lê-la ao observar superficialmente meu coração?

Resolvi não me importar. E prossegui com meu monólogo:

– Além de guardar os mandamentos, o Vaticano deve guardar seus dogmas e protegê-los – eu disse – imagina se a cada década ou século eles alterassem a Lei com base em novas descobertas científicas ou com base naquilo que atualmente é aceito pelos chamados direitos humanos. A ciência muda o tempo todo, surgem novas teorias que são derrubadas, porque o método científico não é perfeito. O que é aceito como teoria científica é o que melhor serve à ciência, para objetivos pragmáticos e materiais. A religião não é material, não pode e não deve mudar seus dogmas por causa do método científico. Ela possui seu próprio método para definir suas verdades. Além disso, coisas que hoje são consideradas bem absurdas já foram chamadas de direitos humanos. Sim, os homens devem ter direito e liberdade, mas esses direitos e liberdades jamais devem estar acima de Deus! Porque somente o Senhor pode dar ao homem uma liberdade verdadeira e não uma imaginária, que é perdida com a morte do corpo.

O anjo aplaudiu. Eu fiquei atônito. Por que ele estava me aplaudindo? Ele não podia estar sendo irônico. É claro que não. Ele era um anjo. Não iria zombar do que falei.

Ele levantou-se.

– Obrigado pelo sermão. Tu serás um excelente padre, Demian. Já consigo te visualizar no púlpito, falando palavras difíceis que ninguém entende e recebendo ovações impressionadas.

– Eu não vou ser padre – contei a ele – eu já fui seminarista, mas já faz uns quatro anos que larguei definitivamente o seminário.

– Então já faz quatro anos que ouvi falar de ti? O tempo realmente passa de forma diferente lá e aqui.

Achei aquele anjo meio confuso. Ele parecia confuso mesmo, especialmente em relação ao tempo. E onde ele tinha ouvido falar a meu respeito? Será que foi por Poiel?

Ele começou a caminhar pela igreja, despreocupadamente, observando os arredores: as imagens de nossos santos, nossos vitrais.

Por fim, ele subiu ao púlpito. Sentou-se onde normalmente ficava o padre. Eu não sabia se ele tinha permissão de fazer isso. Mas ele não era um anjo? Não estava acima do padre?

Mesmo assim, achei uma ligeira falta de respeito. Mesmo que as igrejas humanas não representassem fielmente o Altíssimo, ele devia respeitar os nossos rituais.

– Eu respeito os rituais dos homens, Demian – disse o anjo – na verdade, eu os acho muito divertidos e criativos.

Eu gelei. Ele havia lido meus pensamentos. Eu não lhe dei essa permissão.

– Sei que não me deu permissão para te ler, mas eu não resisti – disse o anjo – se fosse o próprio Deus a ler teus pensamentos, tu irias repreendê-Lo?

– É claro que não – respondi, imediatamente – sou um servo do Senhor.

– Então – disse o anjo – não te passou pela cabeça que tudo o que fiz e disse hoje pode estar correto? Até mesmo as partes que tu julgaste incorretas. Tu não julgas o tempo todo tua Bíblia? Mesmo sabendo que é a verdade. Sou um mensageiro de Deus. Recebemos instruções do alto. Tu julgas que és mais esperto do que aqueles que vivem com o Senhor?

Eu me calei. Eu estava fazendo exatamente a coisa que havia criticado: eu devia ter humildade e reconhecer que eu não conhecia todos os desígnios do Senhor. Somente com minha consciência, sem a Lei, não era capaz de julgar adequadamente o bem e o mal.

Portanto, quem era eu para determinar se aquele anjo estava sendo humilde ou arrogante? Se estava se portando com honra ou sem ela? Eu era muito pequeno para entender isso.

O anjo levantou-se do púlpito e citou Mateus 7:1-5:

– “Não julgueis, e não sereis julgados. Pois com o mesmo julgamento com que julgardes os outros sereis julgados; e a mesma medida que usardes para os outros servirá para vós. Por que observas o cisco no olho do teu irmão e não reparas na trave que está no teu próprio olho? Ou, como podes dizer ao teu irmão: ‘Deixa-me tirar o cisco do teu olho’, quando tu mesmo tens uma trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu próprio olho, e então enxergarás bem para tirar o cisco do olho do teu irmão”.

## Demian

Eu tremi. Ele havia pronunciado a palavra “HIPÓCRITA” com uma voz de trovão. Eu quase me joguei no chão ajoelhado. Aquele ser magnífico impunha respeito e temor. Por ele eu não sentia aquele amor inocente que eu sentia por Poiel.

O anjo desapareceu. E reapareceu instantaneamente diante de mim, como se houvesse se teleportado.

Assim, ajoelhei-me diante dele. E ele continuava a me fitar com severidade.

– Senhor, dá-me humildade – eu orei – e fortalece minha fé. Sou um pobre pecador...

O anjo ajoelhou-se ao meu lado e segurou as minhas mãos, com gentileza. Sua expressão se abrandou. Havia um leve sorriso em seus lábios.

Dos meus olhos caíram algumas lágrimas, de forma lenta e precisa. Com toda a minha sinceridade, com todo o meu amor.

– Demian, não deverás ter medo.

Recordei-me das palavras de João Paulo II: “Não tenha medo!”

“Não tenha medo de Cristo! Ele não tira nada, Ele dá tudo!” disse Bento XVI.

– Coloca toda a tua fé no Nosso Senhor Jesus Cristo – disse o anjo – tu já sofreste demais. Tua fé nasceu na dor. Não é por isso que tu somente achas o Senhor na dor?

– Por isso eu entendo a existência do mal no mundo – eu disse – ele me amadureceu. Me fez crescer em moralidade.

– Tu amas a penitência e a mortificação ao cometer qualquer falta – lembrou o anjo – porque coisas assim te recordam do nascimento primordial de tua fé de infância, quando a tua vida completa era uma provação desesperadora.

– Quando meu corpo e minha mente sentem uma dor que ultrapassa os limites, eu me sinto um com Cristo – eu disse – como se eu pudesse viver as dores de Nosso Senhor na cruz. Ele sofreu tanto por nós...! Nada do que eu sofrer em vida será comparável.

O anjo tirou dois enormes pregos e um martelo de dentro das vestes.

– O quanto tua fé é poderosa? – perguntou-me o anjo, muito próximo, com aqueles olhos que eram como fogo – o quanto tua sede por Cristo supera a dor de teu coração?

## Wanju Duli

Eu tremi ao ver os pregos e o martelo. O que aquele ser celestial queria de mim?

Ele segurou o meu braço e apoiou-o no banco da igreja. Colocou o prego sobre meu pulso e o martelo sobre o prego.

– Não o farei se não o desejares – disse o anjo – “Se a vontade de alguém for cumprir a vontade do Senhor, ele saberá se o ensinamento vem de Deus ou se estou falando com minha própria autoridade” João 7:17.

Eu estava suando. Comecei a rezar, pois não fui capaz de dizer uma só palavra.

O anjo não pareceu gostar muito da minha atitude, pois eu o ignorei.

– Por que mofas de mim? Não sabes que sou o mensageiro de Deus? Disse o Senhor: “Se teu olho te leva à queda, arranca-o e joga fora. É melhor entrares na vida tendo um olho só do que, com os dois, seres lançado ao fogo do inferno”.

– Larga agora esse martelo, servo do Maligno. Também disse o Senhor, em 2 Pedro 2-4: “Deus não perdoou os anjos que pecaram, mas lançou-os no inferno, e os entregou às correntes da escuridão, para serem reservados ao julgamento”.

Meu anjo guardião, Poiel, chegara naquele exato instante. Ele apontava sua espada flamejante para o pescoço do anjo de asas cor de creme.

O anjo reagiu no mesmo instante, sacando também da própria espada de fogo. E gargalhou.

– “Não tendes medo daqueles que matam o corpo, mas são incapazes de matar a alma. Pelo contrário, temei Aquele que pode destruir tanto a alma quanto o corpo no inferno” Mateus 10:28! – pronunciou o anjo de rosto quadrado, com ferocidade.

Poiel atacou o anjo com sua espada. O fogo revolveu-se pelo ar e dois vitrais da igreja espatifaram-se em mil pedaços.

Eu, morrendo de terror, escondi-me embaixo do banco da igreja e cobri a cabeça.

– “Eles triunfaram sobre o Dragão pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu próprio testemunho; eles não amavam tanto as suas vidas, e até deixaram-se matar”. Apocalipse 12:11 – pronunciou Poiel.

## Demian

Poiel partiu ao meio um dos bancos da igreja. As duas espadas de fogo se arranhavam e quebravam as paredes. Os dois voaram no ar e caíram no púlpito, com um baque colossal, como se o peso de seus corpos fosse tão grande que quebrasse a pedra.

O anjo de rosto quadrado e asas cor de creme ria muito. Estava quebrando tudo ao redor e enchendo de fogo, como se estivesse numa grande celebração.

– “Aleluia! Louvai a Deus no seu santuário; louvai-o no firmamento de seu poder! Louvai-o por suas grandes obras; louvai-o pela sua imensa grandeza! Louvai-o tocando trombetas; louvai-o com harpa e cítara! Louvai-o com tímpanos e danças; louvai-o nas cordas e nas flautas! Louvai-o com címbalos sonoros; louvai-o com címbalos retumbantes! Todo o ser vivo louve o Senhor. Aleluia!” Salmos 150: 1-5.

Mas o anjo cantava tudo isso num desrespeitoso tom de zombaria. E ele também disse:

– “Portanto, assim como através de um só homem o pecado entrou no mundo, e a morte através do pecado, a morte passou para todos os homens, porque todos pecaram...” Romanos 5:12.

– “Quem és tu para condenar o servo de outro? É para seu próprio senhor que ele fica de pé ou cai. De fato, ele vai continuar de pé, pois o Senhor tem poder de sustentá-lo” Romanos 14:4 – pronunciou Poiel.

Com essas palavras, Poiel enfiou a espada no peito do outro anjo, que caiu.

O anjo desapareceu de lá, deixando vento e poeira por trás de si.

Eu levantei-me e tossei, pois havia realmente muita poeira levantada.

– Você o matou? – perguntei.

– Não o matei – disse Poiel – ele não é um anjo, Demian. Já o foi no passado. Ele já caiu há muito tempo.

– Como não me dei conta? – eu senti-me tolo.

– Não te culpa – disse o anjo – outros melhores que tu já se confundiram. O Maligno é ardiloso.

– Quem era esse demônio? – perguntei.

– Um nome difícil de pronunciar. Esquece dele e segue em frente. Ele não irá mais te incomodar, pois tu estás sob a minha proteção.

Só então pude ficar tranqüilo.

## Wanju Duli

Mas minha próxima tentação seria mais forte. Roberto voltou a me procurar: o satanista, adorador de demônios. Ele queria me falar mais sobre o satanismo, mas eu não queria saber.

– Já não bastou a conversa que tivemos a respeito na Flolan? – perguntei – você já me mostrou seu ponto e ele não me interessa.

– Eu acho que você tem uma ideia muito distorcida sobre o que seja satanismo.

– E se eu tiver? Isso não faz diferença nenhuma na minha vida. A sua ideia sobre o cristianismo também é distorcida, e nem por isso eu fico enchendo seu saco e tentando te doutrinar.

– Você faz isso mesmo sem perceber – observou Roberto – está sempre tentando doutrinar e dar lição de moral a todos ao seu redor.

– Então não fala mais comigo a respeito disso! E nem sobre qualquer outra coisa!

Roberto ficou em silêncio por um momento. E depois, tomado de coragem, ele disse:

– Ouvi um rumor que você já foi preso uma vez. Eu soube do motivo.

Eu gelei.

– Eu matei uma pessoa – informei – já fiz penitência, já me confessei, já paguei todos os meus pecados passando por situações horríveis na prisão e na clínica. Não me atormente mais com isso.

– Eu também soube do motivo de você ter discutido com a amiga da sua esposa – disse Roberto – sobre o que aconteceu na sua infância.

– Cale-se!! – eu berrei, furioso – me deixa em paz.

E eu saí, em passos rápidos, pela rua.

Eu não queria falar daquilo com ninguém mais. Muito menos com um babaca aleatório. Era um passado que já tinha sido enterrado.

Em casa, Ofélia percebeu que minha expressão estava um pouco abatida.

– Está mesmo disposto a ir comigo no supermercado fazer o rancho? – ela perguntou – se não estiver se sentindo bem, eu posso ir sozinha...

– Não se preocupe, não é nada – eu garanti.

Fomos juntos ao supermercado. Eu estava tentando não pensar naquilo. Eu não queria pensar em mais nada.

## Demian

E foi lá, na seção de verduras do supermercado, que uma parte morreu dentro de mim.

Havia um homem lá escolhendo cuidadosamente alguns tomates. Ele parecia muito concentrado e apertava levemente cada um deles, para certificar-se de que estavam bons o bastante.

Ele era muito parecido comigo. Mas era mais baixo do que eu me lembrava. Tinha uma barba negra e cabelos despenteados.

Aquele homem era meu pai. Eu o tinha visto pela última vez com 12 anos. Ou seja: fazia 13 anos que eu não fitava aquele rosto, mas eu o reconheci de imediato. Não havia a menor dúvida de que era ele.

Eu senti uma ânsia de vômito. Senti mais medo dele do que do demônio mais mortífero. Eu queria fugir logo de lá, mas meus pés estavam pregados no chão.

Derrubei a cestinha de compras e corri, tropeçando. Apoiei-me numa prateleira do supermercado, no corredor seguinte, completamente sem forças.

## Capítulo 3

– Mimi, o que aconteceu?

Ouvi-la me chamar assim, com aquela voz suave, me trouxe uma paz momentânea. Mas logo os pensamentos intrusivos retornaram e voltei a sofrer.

Eu ainda me sentia tonto, enjoado, com um extremo mal estar.

– Não estou me sentindo bem – eu disse – quero sair daqui imediatamente. Por favor, deixa as nossas compras para trás.

– Mas eu já tinha feito metade do rancho...

– Por favor.

Ofélia foi falar com alguém, para que guardassem nossas compras. E ela foi comigo lá para fora.

– Quero ir para um lugar bem longe daqui. Não quero ficar aqui perto!

Ela entendeu que havia acontecido alguma coisa. E fomos para bem longe.

Paramos numa praça e nos sentamos juntos num banco.

Estava um dia nublado. Era como se demônios silenciosos rissem da minha cara, da minha vida.

– Eu vi meu pai.

Bastou dizer isso para que ela entendesse tudo.

– Onde? – ela perguntou, nervosa.

– No supermercado – eu disse – não quero voltar a esse supermercado nunca mais.

– Está bem.

– Vamos nos mudar de cidade.

– Calma, Demian. É uma cidade grande. Não acho que vocês irão se encontrar de novo facilmente. Se não tinham se encontrado até agora...

Por algum motivo inexplicável, nunca pensei que um dia haveria a chance de eu me encontrar com meu pai por acaso. Na minha cabeça, ele já era morto para mim.

## Demian

Minhas mãos estavam tremendo. Ofélia segurou nelas e me deu um beijo.

– Já passou.

Ela disse isso para mim, ajeitando os meus cabelos.

Para mim, Ofélia era a mãe que nunca tive. A mãe que faltou na minha vida. Minha verdadeira mãe era carinhosa, mas ela sempre foi meio medrosa, meio distante e meio desajeitada.

Ofélia era meio maluquinha, mas sabia ser séria quando necessário.

Eu não tinha percebido, mas havia lágrimas nos meus olhos. Quando Ofélia viu isso, ela me abraçou. E quando ela me abraçou, eu senti ainda mais pena de mim mesmo e caí no choro, como uma criança.

Eu chorei muito. Talvez por uma meia hora. Ficamos lá no banco, abraçados, numa espécie de comunhão. Algumas pessoas que passavam olhavam, mas eu não me importava.

Até que aquele idiota chegou. Vindo não sei de onde. Provavelmente do inferno.

Lembrei que Roberto morava ali por perto. E como ficamos mais de meia hora sentados naquele banco, a chance de nos cruzarmos aumentou.

Ofélia o reconheceu.

– Roberto – ela o chamou – preciso voltar ao supermercado. Deixei minhas compras lá. Será que você pode ficar um pouquinho aqui com o Demian enquanto vou lá?

– É claro – disse Roberto, meio perdido.

Ofélia me deu um beijo e saiu, antes que eu pudesse protestar.

E Roberto sentou-se ao meu lado. Ele notou que eu estava chorando. Eu enxuguei as lágrimas e disfarcei.

Provavelmente Ofélia achava que eu e Roberto éramos muito amigos. Mas não era bem assim. Embora eu até já o tivesse visitado em casa e ele tivesse visitado nossa casa, eu ainda o via apenas como um conhecido.

Roberto só me procurava quando estava com problemas, clamando por ajuda. Em geral, seus problemas eram totalmente idiotas, normalmente envolvendo possessões demoníacas. Eu achava seriamente que aquele cara tinha problemas.

Mas ali estava ele. Agora era eu que estava com problemas. Eu não achava que ele estava à altura para me ajudar.

## Wanju Duli

Sempre me julguei muito sábio, muito inteligente. Somente um ser supremo como Deus seria capaz de me fornecer consolo. Não foi sempre assim?

– O que você tem? – perguntou Roberto, de um jeito desajeitado.

– Não é da sua conta – eu disse, de forma mal educada.

Ele ficou em silêncio por alguns segundos.

– Se não puder me contar, não tem problema – disse Roberto – mas se tiver algo que eu possa fazer para te ajudar, apenas diga.

– Você já sabe da história, então acho que tanto faz eu te contar ou não – eu disse – eu apenas encontrei meu pai no supermercado.

– Vocês se falaram?

– Não. Eu o vi e saí correndo. Acho que ele não me viu. Mesmo assim, foi uma experiência horrível.

Notei que, de tanto chorar, eu tinha começado a soluçar. Fazia muito tempo que eu não soluçava após chorar. Aquilo geralmente só acontece quando o choro dura muito tempo. Os soluços foram tantos que era até difícil respirar.

Mas agora já estavam parando, pouco a pouco. Roberto notou.

– Você está péssimo – comentou Roberto – seus olhos estão muito vermelhos.

Realmente, não havia como disfarçar. Até mesmo a minha voz estava estranha.

– O que você sabe sobre o que aconteceu na minha infância? – perguntei a ele.

– Só escutei por cima – defendeu-se Roberto – não se preocupe, não sei detalhes! E nem quero saber.

– Que bom – eu respondi, aliviado – porque eu não tenho a menor vontade de contar.

Mais silêncio. Aos poucos eu ia me acalmando.

– Eu nunca passei por algo tão horrível assim, mas já aconteceram coisas desagradáveis na minha vida – informou Roberto – quer que eu te conte? Quem sabe assim você se sinta melhor. Saber que não é o único sofrendo pode ser bom, não acha?

– Tanto faz – disse Demian – conte, se quiser. Mas não prometo que irei prestar muita atenção.

## Demian

– Está certo – disse Roberto, encorajado o bastante para iniciar seu relato – nunca tive muitos amigos no colégio. Todos me achavam meio bobo, meio burro e tiravam com a minha cara. Eu era péssimo no futebol e sempre era o último a ser escolhido para os times. Com frequência eu ficava no banco de reserva.

– Eu era bom no futebol – observei – até já brigaram por mim algumas vezes, para me ter no time. É que eu passava muito tempo no colégio, para não ter que ficar em casa. Então eu acabava estudando muito na biblioteca e treinando futebol no pátio. Por isso me tornei bom em muita coisa e era admirado na escola.

– É como se nossas vidas fossem completamente opostas – concluiu Roberto, contente por estar me fazendo falar – minhas notas eram péssimas, eu não era bom em nada. Meus pais até que eram bons para mim. Apenas me criticavam por eu ir tão mal nos estudos.

– Meus pais nunca estiveram nem aí para meus estudos – contei – eles até me diziam para largar o colégio, dizendo que era bobagem. Ele e minha mãe não concluíram nem o ensino fundamental. Minha mãe engravidou cedo de mim e largou os estudos.

– Então toda essa sua vontade de estudar era só para não ficar em casa?

– Principalmente – respondi – mas também porque eu queria ter uma vida. Já que eu era tratado feito lixo em casa, pelo menos no colégio eu queria ser admirado. Eu não estudava num bom colégio, então não foi tão difícil assim me destacar.

– Meu colégio era mais ou menos – disse Roberto – mas até que era legal. Sei lá, nunca gostei de estudar. Minha vida era bem trivial. Na verdade, era tão sem graça que era entediante. Nada acontecia, nem em casa nem ao longo de minha vida de estudante. Tudo parado, monótono. Mas eu resisti em me drogar para me livrar do tédio, embora me convidassem.

– Eu também resisti – contei – e foi difícil. Mas só não me droguei para manter minha imagem de aluno modelo. E porque aos 12 anos já fui para o seminário.

– Foi muito cedo.

– Não tive escolha. Ou eu saía daquela casa ou ia acabar morto ou aleijado. Nunca experimentei esse “tédio” do qual você fala, pois minha

## Wanju Duli

vida sempre foi muito agitada. Em casa, era um inferno. No colégio, eu não parava de ler e estudar para não ficar pensando em bobagens.

– As bobagens das quais você fala é suicídio? – perguntou Roberto.

– É claro. Era a única saída lógica. Mas nessa época eu já acreditava em Deus, então coloquei todas as minhas esperanças Nele.

– Você encontrou o cristianismo por causa do sofrimento – concluiu Roberto – e eu encontrei o satanismo por causa do tédio. Eu acho que isso faz muito sentido. Em geral, o cristianismo é uma religião muito calma e tranquila. É até entediante para alguns. Enquanto isso, o satanismo é intenso, poderoso. Ele desperta emoções fortes, adrenalina. Por isso, acho muito natural que tenhamos seguido exatamente esses caminhos.

– Tem razão – concordei – eu não tinha pensado nisso.

Antes, eu não entendia porque uma pessoa em sã consciência iria querer invocar um demônio. Por que as pessoas queriam conhecer a face sombria da vida, por vontade própria? Talvez para desafiar a si mesmos.

– Desde seu surgimento, são muitas as pessoas mais pobres e simples que se interessam pelo cristianismo – contei – quando estudei a história do cristianismo primitivo, eu descobri que, em Roma, eram exatamente os romanos mais pobres que se sentiam tocados pela doutrina de Jesus, já que ela se dirigia exatamente aos miseráveis, que sofriam demais e buscavam ao menos uma esperança de paz em suas vidas. E, até hoje, continua sendo assim: o cristianismo chama mais os pobres, os renegados, os sofredores, que buscam um alívio da dor, uma salvação. Para quem já está com uma vida razoavelmente boa ou até chega a experimentar coisas como “tédio”, o cristianismo não é atraente. Ele promete paz, mas as pessoas já possuem tanta “paz” que ficam de saco cheio.

– É isso mesmo – disse Roberto – eu nunca fui rico. Vim de uma família de classe média. Até já passamos por dificuldades financeiras, mas eu nunca passei fome.

– Eu já passei fome por vezes sem conta – eu contei – até mesmo na época da faculdade, quando saí do seminário e fiquei economizando cada centavo.

## Demian

– Que merda – disse Roberto – deve ter sido horrível. Não faço a menor ideia do que seja passar fome de verdade. No máximo, eu já fiz jejum por um dia inteiro, mas isso foi num retiro.

– Jejum por um dia inteiro não é nada – eu disse – quando se passa fome de verdade, sua barriga começa a doer muito. Vem a tontura, o enjoo, e às vezes eu sentia uma sensação tão terrível que eu preferia estar morto. E eu também sentia medo da morte, é claro. Algumas pessoas que ficam sem comer por alguns dias, e nas poucas vezes que comem não consomem os nutrientes necessários, correm risco de morrer. Eu sabia que um dia eu podia não acordar mais, de tão fraco que estava.

– E mesmo assim você ia para o colégio?

– No colégio eu comia. Mas no fim de semana era difícil. E às vezes eu faltava o colégio, quando meu pai batia tanto em mim a ponto de eu não conseguir me mexer. Nesses dias eu ficava o dia todo sem comer, imóvel em cima de uma cama. Eu só tinha consolo em Deus. Rezava o dia inteiro, segurando o terço no coração.

– O problema de estudar num colégio de classe média é que as pessoas começam a ter expectativas – disse Roberto – pelo menos metade dos meus colegas tinha planos de ir para a faculdade. Mas eu não queria ir e meus pais ficaram desapontados. Eles mesmos não foram e viviam comentando que o filho da vizinha estava fazendo isso e aquilo, e me comparando. Eu só queria ter um emprego qualquer e ficar em paz. Não queria mais saber de estudar. Mas ao redor de mim, ninguém gostava disso. Me chamavam de conformista. Eu me sentia muito mal.

– Na minha sala de aula, ninguém tinha planos de ir para a faculdade – contei – no meu último ano de colégio, estavam todos de saco cheio, doidos para sair de lá e não precisar estudar nunca mais. Acho que só eu e outra colega minha pretendíamos fazer um curso superior. Não sei se essa colega acabou fazendo ou não. Ela só me disse uma vez que tinha vontade, que estava pensando. Mas que seria difícil, pois ela teria que estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Ela já trabalhava nessa época.

– Então, assim como eu, você foi contra a correnteza – concluiu Roberto – mas fomos em sentidos contrários.

– Exato. Mas só fui estudar porque eu gostava de teologia. Se fosse outra coisa, talvez eu acabasse desistindo.

– Conseguiu concluir o curso?

## Wanju Duli

– Concluí, mas a muito custo – respondi – além de trabalhar meio período, eu me tornei pai quando estava no meio do meu curso. Por isso, tive que me tornar um zumbi para dar conta de tudo.

– Mesmo assim, no final deu tudo certo e hoje você tem uma vida maravilhosa – observou Roberto – porque você conseguiu terminar o curso que gostava, se casou e teve uma filha. No meu caso, tenho um emprego que não gosto, minha ex-namorada terminou comigo depois de quatro anos e depois disso já tive mais duas namoradas que terminaram comigo.

– Minha vida não é assim tão fácil – expliquei – eu amo ser pai, mas é difícil ter dinheiro para criar um filho. Demorei muito para conseguir um emprego com a minha formação. E não ganho muito.

– Pelo menos faz o que gosta.

– É verdade.

– Você se arrepende de algo que fez? – ele me perguntou.

– É óbvio – respondi – me arrependo por ter perdido a razão e ter matado aquela garota. Também não acho que foi muito legal a época que eu espancava meus colegas de classe.

– Você fazia isso no colégio?

– Sim – respondi – no começo eu era adorado pelos meus colegas, pois eu ajudava a todos com as dúvidas. Mas conforme eu estava chegando perto da minha adolescência, comecei a me irritar por qualquer coisa. Eu brigava por qualquer bobagem: se falavam mal das minhas roupas, da minha mochila, da minha letra e principalmente da minha religião. Todo mundo sabia que eu era um católico devoto e que vivia na igreja. Alguns não gostavam disso e tiravam com a minha cara. Até o dia em que soquei a cara de um idiotinha. Depois apareceram outros idiotas para eu socar e gostei disso.

– Nossa. Isso não tem nada a ver com você.

– É, mas foi o que aconteceu. Como meu pai me batia em casa e eu não tinha coragem de revidar, eu descontava a raiva que sentia nos meus colegas. Eu só precisava de qualquer pretexto para ter a desculpa de bater neles. Em pouco tempo, as pessoas começaram a ficar com medo de mim. Me achavam desagradável e não se aproximavam. Perdi os amigos. Depois achei uns amigos piores ainda, que estavam a fim de espancar todo mundo e formamos uma gangue.

## Demian

– Você? Uma gangue? – Roberto riu – não me diga que era o líder da gangue?

– Eu era. Eu tinha só 11 ou 12 anos. Era uma criança e me sentia poderoso fazendo essa bobagem. Quando eu e meus seguidores chegávamos na sala, todos abriam caminho. Ninguém ousava olhar para mim e dizer um “a”. Ninguém nunca mais falou mal de mim, nem na menor coisa. É claro que me senti orgulhoso. Mas eu não gostei disso. Sabia que estava indo contra os ensinamentos da minha religião. Por isso, eu me confessava muitas vezes. E depois que era absolvido, fazia tudo de novo. O padre já estava cansado de ouvir a mesma ladainha. Só me aquietei quando fui para o seminário. Mudei de colégio e passei a me portar como um aluno invisível. Não criei mais problemas.

– Que assustador – disse Roberto – eu costumava ser o alvo de caras como você no colégio. Já bateram em mim duas vezes. Eu era covarde demais para bater de volta.

– Então foi por isso que você procurou o satanismo – concluí – você queria ser forte.

– Sim, eu queria. Queria me sentir poderoso, temido, invejado.

– Pois aí é que está – disse Demian – eu já fui todas essas coisas no colégio e descobri que isso não valia nada. Eu queria me livrar de todo meu orgulho, baixar a cabeça e amar somente o Altíssimo. Somente ele merecia ser amado e temido, e não um aluno insignificante como eu fui.

– Ambos tínhamos problemas diferentes e buscamos soluções diferentes – disse Roberto – e, inexplicavelmente, os dois caminhos deram certo. Você se sente satisfeito com seu cristianismo e eu com meu satanismo.

– Acho que te entendo um pouco melhor agora – eu falei – mesmo que eu não concorde com sua “solução”.

– Também te entendo melhor.

Silenciamos novamente. Naquele ponto, minhas lágrimas já tinham cessado há muito tempo.

– Você deu para a minha filha um livro de LaVey – observei – mas você mesmo não segue o satanismo moderno.

– Não – concordou Roberto – eu não aprecio um satanismo ateu e materialista. Mesmo assim, não deixo de ver valor em várias coisas que o

LaVey disse. Acho que a Bíblia Satânica é um bom livro. Ele defende fortemente os direitos dos gays e das mulheres. Você já leu?

– Eu já li. Apesar de algumas abominações que encontrei lá, não vou negar que LaVey é inteligente e faz muitas constatações admiráveis.

– Tem um trecho que gosto – disse Roberto – “Já que os instintos naturais do homem o levam ao pecado, todos os homens são pecadores; e todos os pecadores vão para o inferno. Se todos vão para o inferno, então você vai encontrar todos os seus amigos lá”.

Deixei escapar um sorriso.

– Essa não está entre as constatações do livro que considero admiráveis – esclareci –foi apenas uma boa piada.

– Que bom que eu te fiz sorrir – disse Roberto – você estava muito sério e sombrio até agora.

– Estou tentando esquecer – eu disse – e até que essa conversa está ajudando. Eu não gosto muito de LaVey basear seu conceito de humanidade numa mera luta darwinista pela sobrevivência. Para mim, essa história de “luta pela sobrevivência” foi apenas uma ideia que Darwin pegou emprestado da teoria de Malthus e que depois se provou errada. Também não preciso nem dizer que não aprecio a inspiração dele em Thomas Hobbes: “*Homo homini lupus*”, “o homem é o lobo do homem”. Não acho que o homem seja mau por natureza.

– Que acha dessa frase de LaVey: "Aqui você vai encontrar verdade – e fantasia. Cada um é necessário para o outro existir, mas cada um deve ser reconhecido por aquilo que é"? – perguntou Roberto.

– Acho uma frase problemática. Ele considera a maior parte do que já foi escrito sobre magia como “mero misticismo”. É essa mania de interpretar tudo nos dias de hoje sob o ponto de vista psicológico. Anjos, demônios, Deuses e muitas outras entidades sobrenaturais realmente existem. E qualquer um que perguntar o que quero dizer com “realmente existe” faria bem em estudar filosofia, particularmente metafísica e epistemologia. Para mim, os anjos são existências contingentes, como os humanos, e Deus é uma existência necessária. Os planos dos anjos e demônios são tão reais quanto o nosso. Quase um “mundo possível” de Leibniz. Até mesmo Berkeley, que afirma que nada existe, não duvida da existência de Deus.

## Demian

– Eu considero anjos e demônios como seres ontológicos totalmente reais – concordou Roberto – até mesmo concedo e concordo que Deus existe, embora eu não o interprete tendo tanto poder como o cristianismo o descreve.

– Você o considera como um Deus falso? Um Demiurgo platônico?

– É um Deus metafisicamente verdadeiro, mas com menos poder do que lhe atribuem. Pois antes dele já existiam muitos outros deuses. Tem outro trecho da Bíblia Satânica que eu gostaria que você comentasse. LaVey disse que não há nada de errado no pecado de ser glutão, pois se comeremos porcaria e ficarmos gordos, outro pecado, a vaidade, nos estimularia a emagrecer.

Eu ri.

– Os pecados não são errados apenas pela consequência que trazem do lado de fora – eu disse – eles são metafisicamente incorretos, de forma transcendente e não apenas imanente.

– Vou fingir que entendi o que você disse.

– O próprio LaVey aponta que muitas pessoas dizem a ele que as igrejas de hoje mudaram, que não condenam mais os pecados como faziam antes e que na verdade elas estão muito parecidas com o que o próprio satanismo de LaVey ensina. A isso ele concorda, mas também pergunta porque continuar a usar uma religião tão antiquada se os tempos mudaram tanto e não chamá-la de satanismo em vez disso?

– É uma boa questão – reconheceu Roberto.

– Novamente, as pessoas que dizem isso estão interpretando uma religião apenas sob o ponto de vista psicológico e moral. Uma religião é muito mais que isso. Possui também elementos espirituais. Uma pessoa como LaVey que cortou os espíritos de seu sistema com uma Navalha de Ockham particularmente enferrujada não entenderia isso.

– E o que acha dessa frase dele: "Se você tentar amar a todos você apenas vai diminuir o seu sentimento para aqueles que merecem seu amor"? – perguntou Roberto.

– Eu vou rir dessa frase e ignorá-la completamente, fingindo que não escutei tal absurdo – respondi, naturalmente.

Dessa vez foi Roberto quem riu.

– LaVey também critica o budismo, alegando que ele leva a uma repressão de desejos – ele observou.

## Wanju Duli

– O gnosticismo satânico, que alega que o mundo material é um mau, também poderia ser visto como uma forma de pessimismo extremo, como o budismo – observei – mas creio que mesmo com metafísicas como essas, caso elas sejam corretamente direcionadas, ainda é possível sustentar esses pensamentos para que algo bom resulte disso, contanto que se siga algum tipo de “Caminho do Meio” budista, sem extremismos.

– O tipo de satanismo que sigo é teísta, mas não considero o mundo material como um mal – explicou Roberto – eu curto os prazeres da vida sem culpa, ao mesmo tempo que os celebro não como a única realidade possível, mas na presença das entidades de outros mundos.

– Apenas nesse sentido nossas crenças são muito parecidas, já que eu também acredito nessas entidades e não vejo o mundo material como um mal, já que ele foi criação de Deus – eu disse.

– Eu não fico o tempo todo prestando reverência para os engenheiros, arquitetos e pedreiros que construíram minha casa – observou Roberto.

– Isso só faz de você um mal agradecido – concluí – mas não te torna uma pessoa completamente ruim. Não acho que você seja tão desagradável quanto finge ser. Por que as suas namoradas terminam com você?

– Talvez porque elas ainda não tenham se dado conta do quanto sou incrível – concluiu Roberto – elas só vão sentir falta de mim quando eu estiver namorando uma gostosa.

– Pelo menos é confiante. Ao menos para isso o satanismo te serviu. Mas um pouco de humildade às vezes vai bem.

– Você costumava fazer sucesso com as mulheres antes de casar?

– Passei toda a minha adolescência no seminário, então não deu tempo de testar isso.

– Eu soube que a Valentina já te beijou uma vez – sorriu Roberto – e deu outros amassos também. Ela até deu detalhes, mas, por educação, não vou mencionar.

Revirei os olhos.

– Não me faça lembrar disso – eu falei – foi para ter acesso à porcária do grimório da AMV, por pedido da Ofélia!

– Eu sei – disse Roberto – sua esposa é o máximo. Sou fã dela. Com todo o respeito.

## Demian

– É bom ter respeito mesmo.

– E onde anda seu SAG?

– Não sei. Você quer que eu o chame?

– Pode ser – decidi Roberto – nunca parei para conversar com ele. Esteve sempre muito ocupado expulsando os demônios que eu evocava, com sua espada divina.

Eu me concentrei por um momento. Eu senti que meu anjo não estava muito longe dali. Mas onde ele estava?

Um pouco depois, recebi uma ligação.

– Lucas? – perguntei – faz anos que a gente não se fala, então por que ligou, de repente?

– Poiel me avisou que você o chamou – respondeu Lucas – mas agora ele não pode ir, porque nós estamos jogando Taiko no Tatsujin no fliperama. Se quiser nos visitar, venha até aqui.

– Eu mereço. Onde fica esse lugar?

Ele me passou o endereço. Chamei Roberto e fomos até lá.

Quando chegamos, eles estavam batendo desesperadamente em dois tambores. Pareciam dois alucinados.

O anjo estava disfarçado, é claro, para poder andar por aí sem ser reconhecido. Ele estava usando roupas realmente ridículas: jeans largo e tênis. Uma camiseta de mangas longas toda colorida. Ele também estava de boné e óculos escuros. Cobria a maior parte do rosto com um lenço. As asas não estavam visíveis. E estava de luvas.

Havia uma enorme platéia no fliperama. Todos estavam boquiabertos com o anjo. Ou melhor, ninguém sabia que ele era anjo. Alguns estavam achando que fosse um Deus, do jeito que ele jogava.

Ele não errava nem mesmo uma. Selecionava o modo mais difícil do jogo: “Oni”, o modo demoníaco, que era uma espécie de “ultra hard mode”. Seus braços se moviam como um raio. E no final de cada música, quando fazia “Full Combo”, todos aplaudiam e davam vivas. Cada vez mais gente chegava.

Depois de mais algumas músicas, eu me cansei. Lucas parecia achar tudo muito engraçado, mas ele estava fazendo uma coisa perigosa. Se o anjo fosse desmascarado, teríamos um problema.

Por isso, após o fim da décima música, e até que eu esperei muito, peguei o anjo pelo braço e arrastei-o de lá. Lucas ainda tentou segurá-lo

pelo outro braço e todos ao redor me xingaram, pois queriam que o “cara” ficasse mais. Tinha gente filmando e tirando fotos.

Mas eu mandei todos para o inferno e levei meu anjo comigo.

Na verdade, não sei porque eu mandei todos para o inferno. Eu via tanto o termo “inferno” nos meus estudos de teologia, especialmente nos autores do medievo, que eu não conseguia pensar numa palavra melhor para insultos.

– Veja só, o seu anjo guardião virou uma estrela! – elogiou Roberto – parabéns, Demian!

Eu apenas resmunguei alguma coisa. E saímos do shopping.

Fomos para um local reservado, no qual o anjo podia retirar uma parte de seus disfarces com tranquilidade.

– Boa tarde, Roberto – sorriu Poiel – como tens passado?

– Muito bem, obrigado.

– Não tem mais demônios no teu encalço? Tu pareces um ímã para atrair demônios. Eles parecem gostar de ti.

– Deve ser porque me acham com cara de panaca. Logo concluem que é alguém fácil de enganar. A presa perfeita.

Meu anjo riu.

– Tu és bonzinho, Roberto – disse Poiel – certamente irás para o céu.

– Eu não quero ir para o céu!! – exclamou Roberto, indignado.

– Eu tenho meus contatos, tanto no céu quanto no inferno – explicou o anjo – qualquer coisa, se depois da morte tu acabares caindo num lugar que não queres ir, eu falo com um pessoal e dou um jeito.

– Networking é tudo, até mesmo no pós-vida – concluiu Roberto.

Foi uma tarde tranquila e agradável. Roberto fez muitas perguntas idiotas para meu anjo. Ele superou até mesmo o nível de idiotice de Lucas e Flora. Não achei que isso fosse possível.

Mas Roberto não deixou Poiel zangado. Suas perguntas eram tão ingênuas que o anjo apenas sorria em simpatia e esclarecia tudo de forma perfeita.

– Estou preocupado com minha gatinha – explicou Roberto – Maria é um bichinho de estimação muito especial para mim. Será que vou poder vê-la quando eu morrer?

– Eu dou um jeito – prometeu Poiel.

## Demian

A partir daquele dia, minha amizade com Roberto começou a se fortalecer. Eu já não o desprezava como antigamente. Tentava não ser tão mal educado, na medida do possível.

– Posso tomar cerveja no céu? – perguntou Roberto.

– Não – disse o anjo.

– Caipirinha?

– Não.

– Nem um vinhozinho básico para celebrar a eucaristia?

– Desista, Beto – eu recomendei.

– Você me chamou de Beto! – ele exclamou, triunfante – posso te chamar de Mimi?

– Não ouse! – exclamei – só a minha esposa me chama assim.

Poucas semanas depois, por acaso resolvi assistir à missa numa outra igreja mais afastada. Apenas porque eu estava passando por lá.

E qual não foi a minha surpresa ao ver quem era o padre! Eu conversei com ele no final da missa.

– Demian! Quem diria! Já faz quantos anos?

– Muitos – eu disse – como está, Emílio?

– Não poderia estar melhor. Soube que se casou. Me conte como está a vida.

Nos sentamos para conversar e permanecemos ali por muito tempo. Até que, lá pelas tantas, chamei meu anjo para mostrar a ele.

– Lembrei que você fez sua monografia sobre anjos – eu comentei – então pensei que iria se interessar em ver o meu.

Para minha surpresa, ele não fez cara de espanto ao ver Poiel. Achou tudo muito natural.

– Também tenho um anjo guardião – disse Emílio – é um serafim.

Quando vimos quem era, até Poiel fez reverência.

– Teu colega é poderoso – meu anjo me sussurrou.

– Ele é – concordei – mas não se preocupe, Poiel. Ainda gosto mais de você.

Ele sorriu. Quando saímos da igreja, Poiel me contou que estava gostando dos jogos eletrônicos dos humanos.

– Você anda saindo muito com Lucas? – perguntei.

– De vez em quando.

– Ele ainda não acredita em Deus, né?

## Wanju Duli

– Não. E às vezes nem em mim ele acredita. Mas me chama mesmo assim.

Eu suspirei fundo. Minha namorada tinha poderes psíquicos, meu melhor amigo era satanista e meu outro amigo era ateuista.

No final, acho que me tornei um católico de cabeça bem aberta, o que para mim era motivo do maior orgulho. Ser ao mesmo tempo capaz de ter uma profunda fé na própria religião e de respeitar crenças diferentes era uma das coisas mais difíceis e preciosas.

Eu podia ter um monte de defeitos, mas tentaria me lembrar daquele triunfo com alegria, conservando-o como um grande tesouro.

– Mas esses dias tu não estavas falando mal dos evangélicos? – perguntou Poiel.

– Pare de ler meus pensamentos, que falta de respeito! – exclamei – e eu não falei mal de todos os evangélicos. Fiz apenas uma pequena observação sobre um grupo específico.

– Pelo que me lembro, foram exatamente três.

– Cale-se! Desculpe. Eu quis dizer: poderia silenciar momentaneamente, com todo o respeito?

– Se pedes com respeito, vou pensar com carinho.

## FIM

(Para mais histórias com o Demian, leia também “A Gata Mascarada Vol. 1 e 2” e “LHP Excelsis Vol. 1 e 2”)



